YUKIO MISHIMA

葉隠入門

.71
78h
1

O HAGAKURE

A Ética dos Samurais e o Japão Moderno

Rocco

O HAGAKURE

Originalmente o *Hagakure* era um livro de ensinamentos éticos que pregava a paixão e a liberdade, ditado por Jocho Yamamoto, um antigo samurai, a seus discípulos nos séculos XVII e XVIII. Reunindo instruções de ordem moral e prática, noções de história local e o relato de feitos de guerreiros famosos, o *Hagakure* garantia que o caminho do samurai é a morte. Por isso mesmo chegou a ser trancafiado em segredo absoluto por 150 anos: representava material subversivo.

No século XX, na década de 30, em meio à febre nacionalista que então se apossou do povo japonês, e graças a uma reavaliação de alguns de seus conceitos, o *Hagakure* voltou a ser publicado, chegando a influenciar o espírito kamikaze na 2ª Guerra Mundial. Novamente a censura estenderia suas garras sobre ele, acusando-o de conter idéias perigosas.

Este livro de Yukio Mishima transporta o famoso manuscrito para os tempos atuais. Morto três anos após a publicação desta obra, Mishima via no *Hagakure* muito mais do que um estudo sobre a morte. Ele o ensinou a buscar uma vida mais digna e a meditar profundamente sobre temas caros aos samurais mas que continuam pertinentes em nosso século acima de tudo materialista: o valor da ação, da força de caráter, da paixão e do amor no dia a dia.

O HAGAKURE
A ÉTICA DOS SAMURAIS E O JAPÃO MODERNO

YUKIO MISHIMA

O HAGAKURE

A ÉTICA DOS SAMURAIS E O JAPÃO MODERNO

Tradução de
WALTENSIR DUTRA

Rocco

Rio de Janeiro — 1987

920.71
M678h

Título original:
HAGAKURE NYUMON

© 1967 Yoko Mishima
Todos os direitos reservados

BIBLIOTECA PUBLICA SALVADOR MENEZES PIMENTEL
ENTRADA
Nº. REG. 914
DATA 23 / 08 / 95

Direitos para a língua portuguesa reservados,
com exclusividade para o Brasil, à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua da Assembléia, 10 — Gr. 2313
CEP 20011 — Rio de Janeiro — RJ

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

K-011353

capa
ANA MARIA DUARTE

BIBLIOTECA PUBLICA GOV. MENEZES PIMENTEL
EM 1967
FORTALEZA
ESTADO DO CEARÁ

revisão
ARGEMIRO DE FIGUEIREDO
HELENA LUIZA FROHWEIN DE SOUZA
OSCAR GUILHERME LOPES

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Mishima, Yukio.
M659h O hagakure — A ética dos samurais / Yukio Mishima ; tradução Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro : Rocco, 1987.

Tradução de: Hagakure Nyumon.

1. Mishima, Yukio — Ensaio. 2. Dutra, Waltensir. 3 Samurais, Ética dos I. Título

87-0392

CDD — 920.71
CDU — 92MISHIMA

BIBLIOTECA PÚBLICA GOV. MENEZES PIMENTEL
FUNDADA EM 1867
FORTALEZA
ESTADO DO CEARÁ

SUMÁRIO

NOTA DO TRADUTOR DA VERSÃO INGLESA 7

PRÓLOGO

O *Hagakure* e eu 15
Le Bal du Comte d'Orgel, de Raymond Radiguet, e as *Obras Completas de Akinari Ueda*
O único livro que existe para mim, o *Hagakure*
Hagakure, o livro que ensina a liberdade e a paixão
Meu testemunho
"Descobri que o Caminho do Samurai é a Morte"
A infelicidade e a felicidade do homem de ação
O *Hagakure,* ventre da minha obra literária

O MEU *HAGAKURE*

O *Hagakure* está vivo hoje 25
A paixonite da juventude contemporânea pela moda Cardin
A feminização do homem
Aristocratas de contas de despesas
Os esportistas endeusados e as estrelas de televisão
O clima de concessões de hoje, quando não se pode viver com beleza nem morrer com horror
O amor ideal é o não-declarado
O *Hagakure:* remédio poderoso para acalmar a alma sofredora
Recalcado, o impulso de morte acaba por explodir
Os tempos mudaram
A significação do *Hagakure* para o presente

OS QUARENTA E OITO PRINCÍPIOS VITAIS DO *HAGAKURE*

O *Hagakure* e seu autor, Jocho Yamamoto 39
A origem do título *Hagakure*
A origem e composição do *Hagakure*
Jocho e o anotador, Tsuramoto Tashiro
O *Hagakure:* três filosofias

COMO LER O *HAGAKURE*

A imagem japonesa da morte 85
A morte segundo o *Hagakure* e a morte para os esquadrões suicidas kamikaze
Não há distinção entre a morte escolhida e a morte obrigatória
Pode-se morrer por uma causa justa?
Nenhuma morte é vã

Apêndice: Palavras de sabedoria escolhidas do *Hagakure*

Nota do Autor da Versão Inglesa

Em agosto de 1967, três anos antes de seu dramático suicídio ritual no Quartel-General das Forças de Auto-Defesa, em Tóquio, Yukio Mishima escreveu este livro fascinante — sua interpretação pessoal de um livro clássico sobre a ética e o comportamento dos samurais, o *Hagakure* (literalmente, "Oculto entre as Folhas"). Imediatamente depois do suicídio de Mishima em novembro de 1970, este trabalho transformou-se um grande êxito de vendagem no Japão. Os muitos admiradores de Mishima, bem como outros que desprezavam suas posições políticas, voltaram-se para o *Hagakure* numa tentativa de compreender o seu drama final.

A frase mais conhecida do *Hagakure* original, citada por muitos que nunca o leram, é: "Descobri que o Caminho do Samurai é a morte". O autor continua: "Numa crise em que as possibilidades de vida ou morte são iguais, simplesmente solucione-a escolhendo a morte imediata. Não há nisso nada de complicado. Basta firmar-se, e prosseguir... Quem preferir continuar vivendo depois de ter falhado na sua missão, será desprezado como covarde e inepto... Para ser um samurai perfeito, é necessário preparar-se para a morte a cada manhã e a cada tarde, todos os dias."

Uma das muitas imagens que Mishima tinha de si mesmo era a de um samurai moderno. Parecia-lhe essencial morrer quando ainda no auge, e que a sua morte fosse digna da tradição samurai. Até mesmo os detalhes dos preparativos da cena de sua morte no quartel-general das Forças de Auto-Defesa mostram a influência do *Hagakure*: as fitas de cabeça usadas por Mishima e seus companheiros enquanto ele fazia o discurso final e apaixonado traziam uma frase do *Hagakure*. E sua atenção particularmente cuidadosa para com o vestuário,

na manhã de seu último dia, reflete o espírito do *Hagakure* tal como Mishima o entendia. "Os homens devem ser da cor de flores de cerejeira, mesmo na morte."

O *Hagakure* original contém os ensinamentos do samurai que se fez sacerdote, Jocho Yamamoto (1659-1719) anotados e ordenados por seu discípulo Tsuramoto Tashiro. Durante gerações, o manuscrito foi preservado como instruções morais e práticas para o daimyo* e os samurais, que o serviam na Casa Nabeshima, no *han*** de Saga, no norte de Kyusho. Durante cerca de 250 anos, até a Restauração Meiji, em 1868, porém, o *Hagakure* foi, ao que tudo indica, guardado como um ensinamento secreto, mostrado apenas a uns poucos escolhidos. A Casa Nabeshima provavelmente desejava guardar para si essa valiosa instrução prática. (É também possível que a intensa fidelidade ao daimyo Nabeshima, defendida no *Hagakure*, tivesse parecido subversiva ao governo militar central, se o manuscrito fosse divulgado.)

O *Hagakure* foi colocado ao alcance do público ledor pela primeira vez na Era Meiji, quando seus princípios foram reinterpretados em termos de fidelidade ao imperador e à nação japonesa. No fervor nacionalista da década de 1930, várias edições e comentários foram publicados, exaltando muito os ensinamentos de Jocho como *yamato-damashiii*, "o espírito singular do japonês". Durante a Segunda Guerra Mundial proliferaram edições, vendidas em números espantosos. "Descobri que o Caminho do Samurai é a morte" tornou-se uma frase usada para estimular os jovens pilotos kamikase à sua morte. Depois da guerra, o *Hagakure* foi rapidamente abandonado como perigoso e subversivo. Muitos exemplares foram destruídos, para que não caíssem sob os olhos da autoridade de ocupação.

É claro que o *Hagakure* não é apenas um livro sobre a morte. O original é uma compilação enorme, que inclui instruções morais e práticas para o samurai, bem como informações sobre a história local e os feitos de guerreiros específicos. Mishima trata apenas dos três primeiros volumes e enfatiza, além da morte (mas com ela relacionados, é claro), a ação, a subjetividade, a força de caráter, a paixão e o amor (na maioria dos casos, o amor homossexual). Ele também se

---

* Barão feudal japonês; esse baronato. (N. do T.)

** O domínio sobre o qual o daimyo exerce sua autoridade. (N. do T.)

compraz em nos mostrar muitos exemplos dos conselhos práticos de Jocho para a vida cotidiana: sugestões sobre como realizar uma reunião, sobre o comportamento adequado numa festa, até a criação dos filhos e como evitar um bocejo em público. Mishima traça paralelos entre a decadência moral da época de Josho e a do Japão de pós-guerra, explicando como os conselhos do autor o ajudaram a viver uma vida anacrônica e, portanto, digna de ser vivida.

Mishima ressalta o papel significativo desempenhado pelo *Hagakure* na sua evolução, durante e depois da guerra, e analisa semelhanças entre suas críticas ao Japão materialista de pós-guerra e as críticas de Jocho à decadência suntuosa dos seus contemporâneos. Mishima parece estar muito próximo de Jocho em suas idéias de moral pessoal. Na insistência de ambos sobre a perfeição espiritual e física, eles parecem ser basicamente associais; ambos se interessam pela motivação pessoal, pelo *como* se faz, e não pelos efeitos do ato. A ênfase recai sempre no indivíduo, cuja meta final é antes o cultivo do eu do que uma contribuição para o ambiente imediato, ou para a sociedade.

A originalidade, ou o gênio, de Mishima, foi aplicar à sociedade moderna a mais severa crítica da ética samurai encontrada no *Hagakure*. Sua ficção trata, com freqüência, da atomização da sociedade moderna e da impossibilidade de comunicação espiritual ou emocional entre as pessoas. Mas em suas obras posteriores, ligada ao desespero do isolamento individual, temos a exultação da auto-suficiência. Tudo o que interessa a um herói de Mishima, ele o pode realizar sozinho. Não precisa de ninguém, nem se preocupa com o que os outros precisam. Essa atitude teve sua realização final na morte de Mishima por amor de um imperador que não se interessava por ele, por uma causa para a qual sabia ser nula a sua contribuição, e pelas suas próprias mãos. O caminho que levou àquela morte violenta, e ainda assim fascinante, pode ser encontrado nas páginas que se seguem.

KATHRYN SPARLING
Universidade de Columbia
Janeiro de 1977.

Prólogo

O *Hagakure* e eu

Le Bal du Comte d'Orgel, de Raymond Radiguet, e as *Obras Completas de Akinari Ueda*

Os livros e os amigos são os companheiros espirituais da juventude. Os amigos têm corpos de carne e osso e modificam-se constantemente. Os entusiasmos de certas fases da vida esfriam com a passagem do tempo, dando lugar a diferentes entusiasmos, partilhados por um amigo diferente. Num certo sentido, isso também ocorre com os livros. Há, sem dúvida, épocas em que um livro que nos inspirou em nossa infância, retomado e relido anos mais tarde, perde seu interesse e parece um mero cadáver da obra que recordamos. Mas a maior diferença entre amigos e livros é que, enquanto aqueles se modificam, estes, não. Mesmo deixado a um canto da estante, acumulando poeira, o livro preserva obstinadamente o seu caráter e a sua filosofia. Aceitando-o ou rejeitando-o, lendo-o ou não, podemos mudá-lo com a nossa atitude para com ele, e nada mais do que isso.

Minha infância transcorreu durante a guerra. Naquela época o livro que mais me emocionou foi um romance de Raymond Radiguet, *Le Bal du Comte d'Orgel*. É uma obra-prima de técnica clássica, que colocou Radiguet entre os grandes mestres da literatura francesa. O valor artístico de suas obras está fora de discussão, mas reconheço que, naquela época, minha apreciação delas se fazia por motivos errados. Eu me sentia atraído pelo gênio Radiguet, morto prematuramente aos vinte anos, deixando ao mundo tal obra-prima, e eu — que quase certamente estava destinado à guerra e a morrer também jovem na batalha — sobrepus minha imagem à dele. De certo

modo, ele se tornou o meu rival pessoal e suas realizações literárias passaram a ser um marco a ser alcançado antes que eu morresse. Em conseqüência, com a modificação de meus gostos literários e tendo eu sobrevivido inesperadamente até ao pós-guerra, a atração do romance do Radiguet naturalmente diminuiu.

O outro livro é as *Obras completas de Akinari Ueda* (erudito, poeta e romancista do final do Período Edo) que levei comigo durante os ataques aéreos.[1] Porque, naquela época, eu era tão dedicado a Akinari Ueda, ainda não sei realmente. É possível que tivesse começado a alimentar no íntimo, como imagem ideal da ficção japonesa, o anacronismo consciente de Akinari, e a elaboração delicada de seus contos, que me pareciam jóias lapidadas. Meu respeito por Akinari e por Radiguet não diminuiu até hoje, mas gradualmente eles deixaram de ser meus companheiros constantes.

O único livro que existe para mim, o *Hagakure*

Há ainda um livro, o *Hagakure,* de Jocho Yamamoto. Comecei a lê-lo durante a guerra, quando o mantinha sempre perto ou sobre a minha mesa, e se há um livro ao qual me tenha reportado continuamente nos vinte anos que se seguiram, relendo um trecho de vez em quando, de acordo com a ocasião, sempre me comovendo de novo com ele, esse livro é o *Hagakure.* Foi especialmente depois da sua extraordinária popularidade, depois que deixou de ser a leitura socialmente obrigatória da época de guerra, que a sua luz começou a brilhar no meu interior. Talvez o *Hagakure* seja, afinal de contas, uma obra destinada ao paradoxo. Durante a guerra, foi como um objeto luminoso à luz do dia, mas é na escuridão total que irradia sua luz verdadeira.

---

[1] Akinari Ueda (1734-1809). Erudito, poeta e autor de ficção do final do Período Edo, mais conhecido pelos seus contos fantásticos, estilisticamente muito bem acabados. Sua obra mais famosa é, provavelmente, *Ugetsu monogatari,* traduzido por Kengi Hamada como *Tales of Moonlight and Rain* [Contos do luar e da chuva], Columbia University Press, 1972. Esse trabalho serviu de inspiração para o filme de Kenji Mizoguchi, *Ugetsu*.

Pouco depois da guerra fiz minha estréia como romancista. Naquela época giravam à minha volta as novas correntes literárias de uma nova era. Mas a era do que se chamou literatura de pós-guerra[2] não teve ressonâncias no meu íntimo, seja intelectualmente ou como escritor. A vitalidade e energia de pessoas com raízes intelectuais e filosóficas diferentes das minhas, com sensibilidades literárias que me eram estranhas, passaram por mim como uma tempestade; isso foi tudo. É claro que a solidão de minha posição era sentida por mim. E perguntava-me o que tinha servido coerentemente como meu princípio guia durante os anos de guerra e continuaria a servir agora, que a guerra terminara. Não era o materialismo dialético de Marx, nem era o Rescrito Imperial sobre a Educação. O livro que iria proporcionar constante orientação espiritual devia formar a base de minha moral e devia permitir-me aprovar integralmente a minha juventude. Devia ser um livro que pudesse apoiar com firmeza a minha solidão e a minha posição anacrônica. E o que é mais, devia ser um livro banido pela sociedade contemporânea. O *Hagakure* conformava-se a todas essas especificações. Esse livro, como todos os outros muito valorizados durante a guerra, chegou a ser considerado um livro desprezível, feio, maligno, um livro maculado, que devia ser apagado da lembrança, atado em pilhas e lançado ao monte de lixo. Assim, nas trevas de nossa era, o *Hagakure* pela primeira vez irradia sua verdadeira luz.

Hagakure, o livro que ensina a liberdade e a paixão

Foi então que as coisas que eu tinha visto no *Hagakure* durante a guerra começaram a manifestar seu significado verdadeiro. Ali estava um livro que pregava a liberdade, que ensinava a paixão. Os que leram cuidadosamente apenas a sua frase mais famosa ainda conservam dele uma imagem de um livro de fanatismo odioso. Naquela frase, "Descobri que o Ca-

---

[2] A literatura do pós-guerra refere-se especificamente aos romances e contos escritos imediatamente depois do conflito por vários autores esquerdistas preocupados com a experiência da guerra e a criação de uma nova sociedade japonesa de pós-guerra.

minho do Samurai é a morte", podemos ver o paradoxo que simboliza o livro como um todo. Foi essa frase, porém, que me deu força para viver.

Meu testemunho

A primeira vez que confessei minha dedicação ao *Hagakure* foi depois da guerra, num artigo publicado em 1955, chamado "Férias do Escritor". Eu dizia o seguinte:

> "Comecei a ler o *Hagakure* durante a guerra, e ainda hoje o leio de tempos em tempos. É um livro estranho, de uma moralidade sem par; sua ironia não é a ironia deliberada de um cínico, mas a que nasce naturalmente da discrepância entre o conhecimento do comportamento adequado e a decisão de agir. Que livro enérgico, renovador da alma, que livro humano.
>
> Os que lêem o *Hagakure* do ponto de vista da convenção estabelecida, da moral feudal, por exemplo, são quase que totalmente insensíveis ao seu entusiasmo. Esse livro pulsa com a exuberância e a liberdade de pessoas que viveram sob as restrições de uma rígida moral social. Essa moral existiu na própria tessitura da sociedade e seu sistema econômico. Era a única premissa de sua existência, e sob essa premissa tudo era uma glorificação da energia e da paixão. A energia é boa; a letargia é um mal. Um entendimento espantoso do mundo é apresentado no *Hagakure,* sem a menor sombra de cinismo. Seu efeito é o oposto direto do ressaibro desagradável de La Rochefoucauld, por exemplo.
>
> Raramente encontramos um livro que liberte o auto-respeito em termos éticos nas proporções em que o *Hagakure* o faz. É impossível valorizar a energia ao mesmo tempo que se rejeita o respeito próprio. Nesse campo, não se pode nunca ir demasiado longe. Até mesmo a arrogância é ética (o *Hagakure,* porém, não trata da arrogância em abstrato). "Um samurai deve considerar-se o melhor e mais corajoso dos guerreiros em todo o Japão". "O samurai deve orgulhar-se muito de seu valor militar; ele deve ter a disposição suprema de morrer a morte de um fanático." Não há, no fanatismo, nada que se assemelhe à correção e ao que é considerado como adequado.
>
> A ética prática do cotidiano ensinada pelo *Hagakure* poderia ser chamada de crença do homem de ação na conveniência. Sobre a moda, Jocho observa despreocupadamente, "Assim, é essencial fazer as coisas da maneira devida, em cada época." A conveniência nada mais é do que uma rejeição, eticamente fastidiosa, do refinamento extremo, de qualquer tipo. Devemos ser teimosos e excêntricos. Desde os tempos antigos a maioria dos samurais tem sido de espírito excêntrico, vontade forte e corajosos.

Assim como todas as criações artísticas nascem de uma resistência à nossa época, assim esses ensinamentos de Jocho Yamamoto foram registrados contra um pano-de-fundo de gostos extravagantes, luxuosos, das Eras Genroku e Hoei (1688-1704; 1704-1709)...

"Descobri que o Caminho do Samurai é a Morte"

Quando Jocho diz "Descobri que o Caminho do Samurai é a Morte", está manifestando o seu Utopismo, seus princípios da liberdade e da felicidade. É por isso que podemos ler o *Hagakure* hoje como a história de um país ideal. Tenho quase certeza de que se essa terra ideal viesse a existir, seus habitantes seriam muito mais felizes e mais livres do que somos hoje. O que realmente existiu é apenas o sonho de Jocho.

O autor do *Hagakure* imaginou um tratamento demasiado forte para a doença moderna. Pressagiando a divisão do espírito humano, ele advertiu sobre a infelicidade dessa divisão: "É um erro fixar a mente em duas coisas ao mesmo tempo". Devemos fazer ressurgir a fé na pureza e sua glorificação. Jocho, que não pôde deixar de reconhecer a validade de qualquer paixão desde que fosse genuína, compreendeu bem as leis da paixão (... ...)

A infelicidade e a felicidade do homem de ação

Quer consideremos a morte natural, ou como faz o *Hagakure*, a morte pela espada ou estripamento, não me parece haver muita diferença. A expectativa de que sejamos homens de ação não modifica nem facilita, de qualquer maneira, a lei de que os seres humanos devem sofrer a passagem do Tempo. "Numa situação em que as possibilidades de vida ou morte sejam iguais, resolva-a simplesmente preferindo a morte imediata". Jocho está apenas pregando o bom senso comum, segundo o qual em qualquer situação o auto-abandono assegura um mínimo de virtude. E uma situação com possibilidades iguais de vida ou morte não surge com freqüência. É significativo o fato de que embora Jocho procure dar ênfase à decisão de morrer rapidamente, obscurece porém os critérios pelos quais julgar se uma situação encerra, de fato, possibilidades iguais de vida ou morte. A avaliação que acaba produzindo a decisão de morrer arrasta atrás de si uma longa cadeia de avaliações e a resultante decisão de viver, e esse condicionamento incessante do próprio julgamento sobre a decisão

final sugere o longo período de tensão e concentração que o homem de ação tem de suportar. Para o homem de ação a vida surge, freqüentemente, como um círculo a ser completado pelo acréscimo de um último ponto. A todo momento ele continua a rejeitar esses círculos, incompletos devido ao ponto que falta, e continua a ser confrontado por uma sucessão de círculos semelhantes. Em contraste, a vida de um artista ou filósofo parece uma acumulação de círculos concêntricos que se ampliam gradualmente, em torno dele mesmo. Mas quando a morte finalmente chega, quem terá o senso maior de realização, o homem de ação ou o artista? Eu pensaria que uma morte que completa, num instante, o nosso mundo, pelo acréscimo de um único ponto, proporcionaria um sentimento muito mais intenso de realização.

A maior calamidade para o homem de ação é a impossibilidade de morrer mesmo depois de acrescentado o último e inequívoco ponto.

Yoichi Nasu viveu por muito tempo depois que disparou sua flecha com perfeição, sobre o leque usado como alvo.[3] Os ensinamentos de Jocho sobre a morte ressaltam antes a verdadeira felicidade do homem de ação, e não a ação em si mesma. E Jocho, que sonhava em alcançar essa felicidade, desejou suicidar-se aos 42 anos, quando da morte de seu senhor Mitsushige Nabeshima (segunda geração do daimyo da casa Nabeshima), mas foi impedido pela proibição do suicídio em lealdade ao daimyo. Jocho raspou a cabeça, fez votos budistas, e morreu de morte natural aos 61 anos, deixando relutantemente o *Hagakure* para a posteridade.

O *Hagakure*, ventre de minha obra literária

Ainda hoje, meus pensamentos sobre o *Hagakure* não mudaram muito. Ou melhor, acredito poder dizer que foi quando escrevi esse artigo que o *Hagakure* tomou forma pela primeira vez no meu consciente, e dediquei minhas paixões e energia a vivê-lo, a praticá-lo desde então. Em suma, fiquei cada vez mais profundamente possuído pelo *Hagakure*. Mas eu, que seguia o caminho do artista e do ator condenado pelo *Hagakure*, atormentei-me com o conflito entre a ética da ação e a minha arte. A suspeita que abriguei durante anos, de que

---

[3] Yoichi Nasu. Herói menor dos *Contos do Heike* (histórias guerreiras de princípios do século XIII). Diz-se que, reagindo a um desafio, ele teria disparado uma seta visando o centro de um sol nascente pintado num leque preso à amurada de um navio inimigo, embora estivesse a cavalo e apesar do vento e da enorme distância.

havia alguma coisa inevitavelmente covarde sob a superfície de toda a literatura, foi articulada. Na verdade, minha firme insistência sobre o "Caminho Combinado do Erudito e do Guerreiro"[4] deve-se à influência do *Hagakure*. Embora eu saiba perfeitamente bem que não há disciplina da qual seja mais fácil falar e que seja mais difícil de cumprir quanto o Caminho Combinado do Guerreiro e do Erudito, resolvi que nada mais me poderia oferecer uma desculpa para viver minha vida como artista. Essa compreensão, também devo-a ao *Hagakure*.

Estou convencido, porém, de que a arte, mantida comodamente dentro dos limites da arte apenas, definha e morre, e nesse sentido não acredito no que se chama habitualmente de arte pela arte. Se a arte não for constantemente ameaçada estimulada, por coisas que estão fora de seu domínio, ela se esgota. A arte literária tem seus materiais na vida, mas embora a vida seja por isso mãe da literatura, é também sua inimiga acerba; embora a vida seja inerente ao próprio escritor, é também a antítese eterna da arte. Reconheci imediatamente no *Hagakure* uma filosofia de vida, e de alguma forma senti que seu mundo belo e prístino poderia agitar o charco que era o mundo da literatura. Para mim, o significado do *Hagakure* está na visão desse mundo prístino, e embora seja a influência do *Hagakure* que tenha tornado a vida, como artista, tão excepcionalmente difícil para mim, ao mesmo tempo ele é o ventre de onde nasceu a minha obra. É a eterna fonte de minha vitalidade — graças ao seu chicote incansável, ao seu comando, à sua crítica feroz, à sua beleza, que é a beleza do gelo.

BIBLIOTECA PÚBLICA GOV. MENEZES PIMENTEL
FUNDADA EM 1867
FORTALEZA
ESTADO DO CEARÁ

---

[4] O "Caminho Combinado do Erudito e do Guerreiro". Doutrina, enfatizada pelo governo Tokugawa durante seus duzentos anos de paz, segundo a qual os samurais deviam aperfeiçoar-se tanto nas artes literárias ou eruditas quanto nas militares.

O Meu *Hagakure*

O *Hagakure* está vivo hoje

> "O grande amor deve ser, na minha opinião, secreto. Uma vez compartilhado, o amor perde estatura. Consumir-se de amor durante toda a vida, morrer de amor sem murmurar o nome amado, esse o verdadeiro significado do amor." (Livro Dois)

A paixonite da juventude contemporânea pela moda Cardin

Nos vinte anos que se seguiram à guerra, o Japão começou a transformar-se exatamente naquilo que o *Hagakure* havia previsto. Já não havia samurais, não havia guerra, a economia renascia, tudo transbordava com o espírito da paz; a juventude estava entediada. O *Hagakure,* repito, é basicamente um livro paradoxal. Quando ele diz "A flor é vermelha", a opinião pública diz: "A flor é branca". Quando diz "Não se deve seguir esse caminho", é exatamente esse o caminho que o mundo em geral está seguindo com avidez. Considerando-se tudo, atrás do austero livro *Hagakure* estão as condições sociais e as opiniões públicas contrárias ao seu conteúdo. Essas condições são a resposta que em qualquer época o povo japonês deu à existência pacífica.

Eis um exemplo familiar desse fenômeno. Certamente, não é esta a primeira vez que as modas masculinas floresceram como se quisessem ofuscar a moda feminina. O espetáculo dos jovens de hoje fascinados pela moda Cardin não é novidade na história japonesa. No período Genroku (Jocho abandonou a vida mundana para viver isolado durante o décimo terceiro

ano do Genroku, 1700), não só nas roupas, mas até mesmo no formato das espadas que portavam, dos guardas armados, e da adaga presa à bainha, a moda dos ornatos e do esplendor brilhante conquistou o coração dos homens. Um rápido olhar para as roupas aparatosas e os passatempos esplêndidos retratados nos pergaminhos de Moronobu Hishikawa (artista *ukiyoe* de princípios do Período Edo) basta para nos fazer imaginar o luxo daquela época, influenciado pela cultura suntuosa dos comerciantes e citadinos.

Hoje, se formos a um local de jazz e falarmos com adolescentes ou com jovens de seus vinte anos, veremos que só conversam, exclusivamente, sobre elegância e moda. Passei, certa vez, pela experiência seguinte: Tendo entrado num café onde havia jazz moderno, mal me sentei à mesa quando um jovem na mesa ao lado começou a interrogar-me: "Seus sapatos foram feitos de encomenda?" "Onde os mandou fazer?" "E as suas abotoaduras, onde as comprou? "Onde conseguiu o tecido de seu terno?" "Quem é o seu alfaiate?" Ele me fazia uma pergunta atrás da outra em rápida sucessão. Outro jovem, que estava com o primeiro, começou a censurá-lo: "Ora, pare com isso. Você parece um mendigo, fazendo perguntas desse jeito. Por que não observa em silêncio e, em seguida, rouba as idéias dele?" E o primeiro respondeu: "Não acha que é mais honesto fazer perguntas e aprender com ele, abertamente?"

Para eles, aprender significava aprender como se apresentar da melhor maneira, iniciar-se nos segredos da moda masculina. O trecho seguinte do *Hagakure* relaciona-se claramente com essas atitudes:

> Os tempos mudaram nos últimos trinta anos. Agora, quando os jovens samurais se reúnem, falam de dinheiro, de lucros e perdas, de como administrar uma casa com eficiência, como julgar o valor das roupas e contam-se histórias de sexo. Se algum outro assunto é mencionado, a atmosfera é prejudicada e os presentes sentem-se pouco à vontade. A que situação deprimente chegaram as coisas! (Livro Um)

A feminização do homem

Além disso ouvimos falar constantemente da feminização dos homens japoneses, hoje em dia. Ela é inevitavelmente vista

como resultado da influência da democracia americana, "as senhoras primeiro", e assim por diante — mas também esse fenômeno não é desconhecido em nosso passado. Quando, distanciando-se da áspera masculinidade de uma nação em guerra, o *bakufu* Tokugawa estabeleceu com firmeza a sua hegemonia como regime pacífico, a feminização dos homens japoneses começou imediatamente. Podemos ver mostras dessa tendência nas gravuras *ukiyo* do mestre do século XVIII, Harunobo Suzuki: os casais que se abraçam sentados na beira da varanda, olhando as flores das cerejeiras, assemelham-se a tal ponto em seus penteados, nas roupas e na própria expressão do rosto, que por mais que os examinemos, qualquer que seja o ângulo, é impossível dizer qual o homem e qual a mulher. Na época em que o *Hagakure* foi escrito essa tendência já havia começado. Veja-se este trecho causticante, chamado "Pulso feminino":

> Isso me foi contado por um conhecido. Um certo doutor Kyoan fez a seguinte declaração: "Na medicina distinguimos entre homens e mulheres atribuindo a cada um deles os princípios do *yin e yang*, e o tratamento médico diferia segundo o sexo, originalmente. O pulso também é diferente. Nos últimos cinqüenta anos, porém, o pulso dos homens gradualmente tornou-se igual ao das mulheres. Desde que observei esse fenômeno, pareceu-me adequado tratar as enfermidades oculares dos pacientes masculinos com o método normalmente adequado ao pulso das pacientes femininas. Quando tento aplicar aos meus pacientes masculinos o tratamento dos homens, não obtenho nenhum resultado. O mundo está, realmente, entrando numa fase de degeneração; os homens estão perdendo a virilidade e se estão tornando como as mulheres. É uma verdade inabalável que aprendi com a experiência direta. Resolvi mantê-la em segredo, não divulgando-a ao mundo em geral." Quando, tendo presente esta história, olho à minha volta os homens de hoje, penso com freqüência "Ah! Ali vai um exemplo do pulso feminino". Quase nunca vejo o que chamo de um homem de verdade... ... (Livro Um)

Aristocratas de contas de despesas

A mesma coisa se pode dizer com justiça da ascensão do aristocrata da conta de despesas, da qual o moderno sistema fiscal é pelo menos parcialmente responsável. Na época de Jocho, o samurai da conta de despesas, que tinha dificuldades

em distinguir entre seu próprio dinheiro e o dinheiro de seu senhor, já se havia tornado notório. Dentro do que era não uma companhia, mas um domínio daimyo, o jovem samurai, esquecendo seu objetivo de participar do ideal de uma comunidade cooperativa, passou a desejar apenas a sua preservação pessoal. O brilho idealista nos olhos da juventude reduziu-se a um bruxoleio, e sua atenção foi totalmente absorvida por trivialidades. Os jovens samurais de "o olhar furtivo dos batedores de carteiras", que só pensavam no seu interesse pessoal, tornaram-se cada vez mais numerosos.

> Olhando para os jovens samurais hoje em dia, parece-me que têm aspirações lamentavelmente baixas. Têm o olhar furtivo dos batedores de carteiras. A maioria deles procura apenas defender seus interesses pessoais, ou mostrar sua esperteza, e mesmo os que parecem calmos de coração estão simplesmente aparentando. Essa atitude não é aconselhável. A menos que o samurai tenha como aspiração nada menos do que oferecer sua vida pelo seu senhor, uma morte rápida e a transformação num espírito, a menos que se preocupe sempre com o bem-estar de seu daimyo, a quem deve apresentar-se imediatamente depois de ter resolvido um problema, com a preocupação constante de fortalecer sempre as bases do reino, não poderá ser chamado de um verdadeiro samurai a serviço de seu senhor. (Livro Um)

Os Esportistas endeusados e estrelas da televisão

Ao mesmo tempo em que condena demoradamente as pessoas que se distinguem em certo ofício ou arte, Jocho conta como a sua época se imbuiu de uma nova tendência de transformar em ídolos pessoas que se destacam nessas artes, como as maiores estrelas do dia.

Hoje, esportistas e estrelas de televisão são endeusados. Os que se especializam em atividades que fascinam uma audiência tendem a abandonar sua existência como personalidades humanas totais e se reduzirem a uma espécie de títeres habilidosos. Essa tendência reflete os ideais de nosso tempo. Quanto a isso, não há diferença entre artistas e técnicos.

O presente é a era da tecnocracia (sob a liderança dos técnicos). Em outras palavras, é a era dos artistas performá-

ticos. Quem se destaca numa arte pode ganhar, por meio dessa arte, o aplauso entusiástico da sociedade. Ao mesmo tempo, essas pessoas estão reduzindo os seus objetivos de vida, visando apenas a aparentar a maior ousadia e importância possível. Esquecem-se dos ideais de um ser humano total; degenerar numa simples engrenagem, numa simples função, torna-se a sua maior ambição. À luz desse fenômeno, o desprezo de Jocho pelos técnicos e artistas refresca a alma:

> Que uma arte ou ofício ajudará a ganhar a vida, é coisa que se aplica apenas aos samurais de outros domínios. Para os samurais desta casa reinante, um ofício ou arte leva ao aviltamento da sua condição. Qualquer pessoa especialmente hábil numa determinada arte é um técnico, não um samurai. (Livro Um)

O clima de concessões de hoje, quando não se pode viver com beleza, nem morrer com horror

"Se o seu nome nada significa para o mundo, quer esteja vivo ou morto, é melhor viver". (Livro Um). Esse modo de pensar existia realmente à época do *Hagakure,* é claro. O instinto humano de sobrevivência, frente a uma decisão entre a vida e a morte, normalmente nos obriga a escolher a vida. Devemos, porém, reconhecer que quando um ser humano tenta viver com beleza e morrer com beleza, um forte apego à vida solapa tal beleza. É difícil viver e morrer com beleza, mas é igualmente difícil viver e morrer de uma maneira completamente horrível. Essa é a sorte da humanidade.

O clima de concessão da época surge do fato de que os que tentam viver belamente e morrer belamente estão na realidade escolhendo uma morte feia, ao passo que os que desejam viver e morrer horrivelmente estão escolhendo um modo de vida belo. O *Hagakure* tem um veredicto encantador sobre essa questão da vida e da morte. Eis novamente a frase mais famosa do livro: "Descobri que o Caminho do Samurai é a morte". Jocho diz ainda: "Numa crise de vida ou morte, simplesmente resolva-a decidindo-se pela morte imediata. Não há nisso nada de complicado. Mantenha-se ereto e prossiga." (Livro Um).

O amor ideal é o não-declarado

O *Hagakure* também fala do amor romântico — na verdade, como Bunso Hashikawa observou, é provavelmente a única obra da literatura clássica japonesa a desenvolver uma teoria lógica do amor romântico.[1] O ideal nele apresentado pode ser resumido numa expressão, "amor secreto", e o *Hagakure* afirma claramente que uma vez confessado, o amor perde estatura. O verdadeiro amor atinge a sua forma mais elevada e nobre quando é mantido em segredo até o túmulo.

A arte do amor romântico, tal como praticada na América, compreende uma declaração, uma corte e uma conquista. A energia gerada pelo amor não pode nunca representar-se no interior de quem ama, mas é irradiada constantemente para fora. Paradoxalmente, porém, a voltagem do amor dissipa-se no instante em que é transmitida. A juventude contemporânea tem o privilégio de numerosas oportunidades de aventuras românticas e sexuais que jamais foram sequer sonhadas pelas gerações anteriores. Ao mesmo tempo, porém, o que paira nos corações da juventude moderna é a abdicação àquilo que conhecemos como amor romântico. Quando o amor romântico gerado no coração segue um caminho reto e repete várias vezes o processo de atingir sua meta e nesse instante cessa de existir, então a incapacidade de amar e a morte das paixões (um fenômeno peculiar à era moderna) está à vista. É justo dizer que esta é a principal razão pela qual os jovens de hoje são atormentados pelas contradições relacionadas com o problema do amor romântico.

Até à guerra, os jovens eram capazes de distinguir claramente entre o amor romântico e o desejo sexual, e viviam razoavelmente com ambos. Quando entravam na universidade, seus colegas mais adiantados os levavam aos bordéis e lhes ensinavam a satisfazer seus desejos, mas não ousavam deitar a mão nas mulheres que realmente amavam.

Assim, o amor no Japão de antes da guerra, ao mesmo tempo em que se baseava num sacrifício na forma de prostituição, por outro lado preservava a velha tradição "puritana".*

---

[1] Bunso Hashikawa (1922-) Crítico e erudito especializado na moderna história intelectual do Japão.

* Em inglês, "puritanical", no original japonês.

Se aceitarmos a existência, devemos também aceitar o fato de que os homens devem ter num lugar à parte o objeto de sacrifício com o qual satisfazer seus desejos carnais. Sem esse escoadouro, o verdadeiro amor não pode existir. É essa a filosofia trágica do macho.

O amor romântico, tal como visto por Jocho, não é uma estratégia destinada à preservação dessa disposição meio moderna, que distingue entre papéis, pragmática e flexível. É sempre reforçada pela morte. Devemos morrer por amor, e a morte intensifica a tensão e a pureza do amor. Esse é o amor ideal para o *Hagakure*.

O *Hagakure*: remédio poderoso para acalmar a alma sofredora

Como se pode deduzir do que eu já disse, o *Hagakure* é uma tentativa de curar o caráter pacífico da sociedade moderna com o poderoso remédio da morte. Esse remédio, durante os cem anos de guerra que antecederam a Era Tokugawa, foi usado com demasiada liberalidade nas vidas cotidianas das pessoas, mas com o advento da paz, passou a ser temido como um remédio demasiado drástico, e evitado. Jocho Yamamoto descobriu que esse remédio muito drástico é um tratamento efetivo para acalmar o espírito sofredor do homem. O autor, em seu entendimento da vida humana, sabe que o homem não vive apenas pela sua vida. Sabe como é paradoxal a liberdade humana. E sabe que no instante em que o homem tem liberdade, cansa-se dela, e no instante em que lhe é dada a vida, torna-se incapaz de suportá-la.

Em nossa época tudo é baseado na premissa de que é melhor viver o maior tempo possível. A média de duração da vida tornou-se a maior na história, e um plano monótono desdobra-se para a humanidade, à nossa frente. O entusiasmo da juventude pelo "meu próprio lar" dura enquanto o jovem luta para encontrar seu ninho. Tão logo o encontra, o futuro não encerra nada mais para ele. Tudo o que resta é o dinheiro da aposentadoria contado em fileiras do ábaco, e a vida pacífica e tediosa da velhice impotente. Essa imagem está constante-

mente à sombra do Estado do bem-estar social, ameaçando os corações da humanidade. Nos países escandinavos, a necessidade de trabalhar já desapareceu, e não há mais preocupações com a sobrevivência na velhice; em seu tédio e desilusão por receberem da sociedade simplesmente a ordem de "descansar", um número extraordinário de pessoas idosas se suicidam. E na Inglaterra, que depois da guerra atingiu o padrão ideal de uma nação de bem-estar social, o desejo de trabalhar desapareceu, e o que se segue é a deficiência e o declínio da indústria.

Recalcado, o impulso da morte acaba por explodir

Ao discutir a direção que a sociedade moderna deve tomar, algumas pessoas propõem o ideal do socialismo, e outras, o ideal do Estado do bem-estar social, mas os dois são, na realidade, a mesma coisa. No extremo da liberdade está a fadiga e o tédio de um Estado do bem-estar social; desnecessário dizer que no extremo de um Estado socialista está a supressão da liberdade. Com parte do seu coração o homem apóia as grandes "visões"* sociais, mas depois, ao avançar com um passo de cada vez, tão logo o ideal parece atingível, entedia-se dele. Cada um de nós esconde em seu subconsciente impulsos profundos e cegos. São a expressão dinâmica das contradições que enchem nossa vida de momento a momento, uma manifestação que essencialmente nada tem com as idéias sociais para o futuro. Na juventude, elas se manifestam em sua forma mais ousada e aguda. Além disso, esses impulsos cegos surgem em dramática oposição, até mesmo em confrontação, mútua. A juventude tem o impulso de resistir e o impulso de render-se, em medidas iguais. Poderíamos redefini-los como o impulso de ser livre e o impulso de morrer. A manifestação desses impulsos, qualquer que seja a forma política assumida, é como uma corrente elétrica que resulta de uma diferença de carga elétrica — em outras palavras, das contradições fundamentais da existência humana.

---

* Em inglês, "visions", no original japonês.

Durante a guerra, o impulso de morte foi 100% liberado, mas o impulso de resistência e liberdade, de vida, foi totalmente sufocado. No pós-guerra, essa condição inverteu-se exatamente, e enquanto o impulso de resistência e liberdade e vida é realizado integralmente, o impulso de rendição e morte nunca é realizado. Há cerca de dez anos, em conversa com um político conservador, eu disse que o governo japonês de pós-guerra, ao trazer a prosperidade econômica, talvez tivesse por fim conseguido realizar o impulso de vida da juventude moderna, mas não tive a oportunidade de conversar sobre o impulso de morte. Em outra ocasião, porém, expliquei que estamos constantemente expostos ao perigo de que o impulso de morte recalcado pela juventude moderna venha algum dia a explodir.

Acredito que a batalha sobre a renovação do Tratado Americano de Segurança é um exemplo da extrema diferença de carga elétrica. A luta do Tratado de Segurança foi, politicamente, complexa, e os jovens que dela participaram estavam simplesmente buscando uma causa pela qual estivessem dispostos a sacrificar suas vidas. Não eram necessariamente governados pela ideologia, e seu comportamento não se baseava na leitura que faziam do Tratado de Segurança. Estavam tentando satisfazer os seus impulsos íntimos, os impulsos de resistência e morte.

A frustração que se seguiu à falência das manifestações contra o Tratado de Segurança foi, porém, ainda pior. Os que participaram vieram a compreender que o movimento político a que se haviam dedicado era uma espécie de ficção, que a morte não transcende a realidade, que as realizações políticas não proporcionam satisfação, que a energia de todas as suas ações hava sido inútil. Mais uma vez, a juventude do Japão moderno recebeu a sentença esmagadora: "A causa pela qual morreram não era digna."

Como diz Toynbee, a razão pela qual o Cristianismo conseguiu tantos conversos ávidos, e tão depressa, foi porque essas pessoas desejavam ardentemente uma meta que fosse digna da sua morte. Na idade da *Pax Romana,* as terras sob domínio romano, inclusive toda a Europa e estendendo-se até mesmo à Ásia, desfrutaram de uma paz interminável. Mas as únicas pessoas capazes de evitar o tédio e fadiga que se infiltram numa era de paz foram os guardas de fronteira. Eles encontraram um objetivo digno de sua morte.

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor, de Obras gerais

T-011353/2008

Os tempos mudaram

O *Hagakure* baseia-se nos princípios dos samurais. A ocupação dos samurais é a morte. Por mais pacífica que seja a época, a morte é a motivação suprema do samurai, e se ele temer ou evitar a morte, nesse instante deixa de ser samurai. É por isso que Jocho Yamamoto dá tamanha ênfase à morte como sua motivação fundamental da ação. Mas no Japão de hoje, sob uma constituição que considera ilegal a guerra, pessoas que consideram a morte como seu objetivo ocupacional — e isso inclui as Forças Nacionais de Defesa — não podem existir, em princípio. A era democrática é parte da premissa de que o melhor é viver o maior tempo possível.

Assim, ao avaliar o impacto do *Hagakure,* torna-se importante saber se seus leitores são ou não samurais. Se formos capazes de ler o *Hagakure* superando a diferença fundamental de premissas entre a era de Jocho e a nossa, encontraremos nele um espantoso entendimento da natureza humana, uma sabedoria aplicável às relações humanas até mesmo no presente. Lêem-se com rapidez e facilidade suas páginas (estimulantes, vigorosas, apaixonadas, mas extremamente agudas e penetrantes, paradoxais), deixando-se o corpo ser refrescado como por uma chuva de primavera. Mas no fim somos forçados a confrontar novamente a diferença fundamental de premissas.

O leitor, superando temporariamente essa diferença, chega a uma ressonância com o texto; depois, no fim, ele deve ceder novamente ante a diferença insolúvel. É isso o que há de interessante no *Hagakure*.

A significação do *Hagakure* para o presente

Mas qual é, exatamente, essa diferença? Aqui, superamos as discriminações de ocupação e de classe, e as condições atribuídas a qualquer indivíduo, numa era específica, e somos levados de volta ao problema básico da vida e morte, um problema que nós também devemos enfrentar em nossa época. Na sociedade moderna, o significado da morte é esquecido com freqüência. Não, não é esquecido: melhor, o assunto é

evitado. Rainer Maria Rilke disse que a morte do homem tornou-se menor. A morte de um homem é hoje apenas um indivíduo que morre solenemente num leito de uma ala de hospital, alguma coisa que se tem de fazer desaparecer o mais depressa possível. E à nossa volta está a incessante "guerra do trânsito" que, segundo se diz, provoca mais vítimas do que a Guerra Sino-Japonesa, e a fragilidade da vida humana é hoje tão grande como sempre foi. Simplesmente não gostamos de falar da morte. Não gostamos de extrair da morte os seus elementos benéficos e de tentar colocá-los a nosso serviço. Sempre procuramos dirigir nosso olhar para o marco brilhante, o marco voltado para frente, o marco da vida. E tentamos, da melhor maneira possível, não mencionar o poder pelo qual a morte gradualmente consome a nossa vida. Essa visão indica um processo pelo qual nosso humanismo racional, ao mesmo tempo em que desempenha constantemente a função de voltar os olhos do homem moderno para o brilho da liberdade e do progresso, afasta o problema da morte do nível de consciência, afundando-o cada vez no subconsciente, transformando o impulso de morte, por essa repressão, num impulso cada vez mais perigoso, explosivo, mais concentrado, dirigido para o íntimo. Ignoramos o fato de que trazer a morte ao nível da consciência é um elemento importante para a saúde mental.

Mas só a morte é imutável e regula nossas vidas, hoje, como na época do *Hagakure*. Nesse sentido, a morte de que Jocho fala nada tem de extraordinário. O *Hagakure* insiste em que pensar sobre a morte diariamente é concentrar-se diariamente na vida. Quando fazemos o nosso trabalho pensando que podemos morrer hoje, não podemos deixar de sentir que nossa tarefa se torna, de repente, radiosa de vida e de significado.

Parece-me que o *Hagakure* nos oferece uma possibilidade de reavaliar nossas opiniões da vida e da morte, depois de vinte anos de paz, desde a Segunda Guerra Mundial.

Os Quarenta e Oito Princípios Vitais do *Hagakure*

O *Hagakure* e seu autor, Jocho Yamamoto

> A vida humana dura apenas um instante. Devemos passá-la fazendo o que nos agrada. Neste mundo passageiro como um sonho, viver na infelicidade fazendo apenas aquilo que nos desagrada, é tolice. (Livro Dois)

A origem do título *Hagakure*

O título do livro que vimos chamando de *Hagakure* era original e formalmente *As palavras registradas do mestre Hagakure,* e foi resumido para *Hagakure*. O título surgiu pela primeira vez na edição original da versão pelo seu anotador e organizador, Tsuramoto Tashiro. Houve muitas teorias, com o passar dos anos, sobre a significação da palavra hagakure.[1] Não se chegou, porém, a nenhuma conclusão clara.

Entre as várias conjeturas está a de que esse nome foi escolhido para transmitir a atmosfera de um poema, pelo sacerdote Saigyo (poeta e monge de fins da Era Heaiana e princípios da Era Kamakura),[2] incluído no *Sanka Wakashu.*[3] O poema é intitulado "Enviado a um amante quando restam algumas flores":

---

1 *Hagakure* significa, literalmente, "escondido entre as folhas".

2 Saigyo (1118-1190). Sacerdote-poeta itinerante, cujo tema principal era a transitoriedade da vida e da beleza, sendo a flor de cerejeira a sua imagem mais comum.

3 *Sanka Wakashu*. Coleção privada de poesia de Saigyo. Desconhecem-se o compilador e a data da compilação.

Só nas poucas flores que restam
ainda ocultas entre as folhas,
eu pareço sentir
a presença dela
por quem anseio secretamente.

Uma segunda teoria sustenta que o título reflete o fato de ser o *Hagakure*, em essência, um livro sobre o auto-sacrifício, sobre o serviço dos samurais desempenhado de maneira discreta, à sombra, e narrado e anotado na isolada cabana de Jocho, "oculta entre as folhas".

Uma terceira teoria afirma que devia haver, próximo da cabana de Jocho, um caquizeiro de frutos tão abundantes que foi batizado de "Ocultador de Folhas", e o autor inspirou-se na árvore para dar título ao livro.

Há ainda uma quarta teoria. Diz que nos terrenos do Castelo de Saga, o castelo do daimyo Nabeshima durante o Período Tokugawa, havia muitas árvores, o que lhe valeu o apelido de "Castelo Oculto pelas Folhas", sendo os samurais a ele pertencentes chamados, por extensão, "samurais ocultos pelas folhas". Há quem acredite ser essa a origem do título do *Hagakure*, e embora o Castelo de Saga tenha muitas árvores copadas com folhagem luxuriante à margem do fosso, de modo a envolver em verde o próprio edifício, os nativos de Saga dizem não ter ouvido nunca o castelo ser chamado de "Oculto pelas Folhas". Assim, essa teoria não passa de mais uma especulação.

A origem e composição do *Hagakure*

As palavras registradas do mestre Hagakure era originalmente uma transcrição das conversações orais. No décimo terceiro ano do Genroku [1700] um samurai do *han* de Saga,[4] de nome Jocho Yamamoto, retirou-se da vida mundana depois da morte de seu senhor e suserano, Mitsushige Nabeshima (o

---

4 *Han* de Saga. Um domínio daimyo (*han*) no noroeste de Kyushu, hoje incluído na Prefeitura de Saga.

segundo daimyo do *han* de Saga) e depois de construir uma cabana de folhas, levou uma existência de eremita num lugar em Saga chamado de Kurotsuchiparu, distante da sociedade humana. Dez anos depois, na primavera de Hoei sete [1710], um jovem samurai de Saga chamado Tsuramoto Tashiro visitou Jocho em sua cabana e anotou o que Jocho lhe disse. Tashiro passou então sete anos recolhendo e organizando em onze volumes o que conhecemos como *As palavras registradas do mestre Hagakure.* Jocho mandou que ele jogasse essas anotações no fogo, queimando-as, mas Tsuramoto Tashiro desobedeceu e preservou secretamente o que havia escrito: em pouco tempo esse texto começou a ser copiado e distribuído entre os samurais de Saga, que lhe atribuíam grande valor, chamando-o de "Os Analectos de Nabeshima".

O *Hagakure* não é apenas o registro de observações ocasionais, mas sim uma compilação feita com grande cuidado, tanto na composição como na disposição. A composição é aproximadamente a seguinte:

O Volume Um (*As palavras registradas do mestre Hagakure,* parte um), e o Volume Dois *(As palavras registradas do mestre Hagakure,* parte dois) são os ensinamentos do próprio Jocho. Os Volumes Três, Quatro e Cinco registram as palavras e os feitos de Naoshige Nabeshima (fundador do *han)* Katsushige (o primeiro daimyo de Saga), Mitsushige e Tsunashige (terceiro daimyo de Saga) Nabeshima, respectivamente. Os Volumes Seis a Nove tratam do *han* de Saga e das palavras e feitos de seus samurais. O Volume Dez descreve as explorações dos samurais de outros *han* e o Volume Onze é um suplemento aos outros dez volumes.

O núcleo da obra é o relato dos ensinamentos de Jocho, feito nos dois primeiros volumes, onde sua filosofia de vida é claramente perceptível. Mas a ordem das discussões desses dois volumes não é necessariamente cronológica. O Volume Um do *Hagakure* começa com a afirmação: "No sétimo ano do Hoei [1710], no quinto dia do terceiro mês fiz uma primeira visita respeitosa..." Essa observação refere-se ao memorável dia em que Tsuramoto Matazaemon Tashiro visitou pela primeira vez a cabana do Jocho Yamamoto e ouviu suas palavras.

Jocho havia servido a Mitsushige, o segundo senhor da casa de Nabeshima, senhores feudais hereditários do *han* de Saga, e havia servido de perto a esses senhores desde tenra infância até os 42 anos. Seus ancestrais haviam, durante gera-

ções, servido a Casa Nabeshima corajosamente, e o próprio Jocho era merecedor de grande confiança do daimyo. Seria natural esperar que aos 50 anos ele fosse nomeado o ancião do *han*, um dos líderes do governo do *han*, mas quando ele tinha 42 anos o daimyo morreu e suas ambições não foram nunca realizadas. Jocho resolveu suicidar-se num gesto de lealdade para com o falecido senhor. Mas Mitsushige Nabeshima estava à frente de seu tempo, e proibiu rigorosamente esses suicídios de fidelidade em seu domínio, promulgando um decreto segundo o qual se alguém se suicidasse quando de sua morte, a honra da família do suicida estaria destruída. Naquela época, quando a família era mais valorizada do que o indivíduo, Jocho não pôde suicidar-se, resolvendo, em lugar disso, retirar-se da vida secular. Viveu em solidão durante vinte anos, até sua morte aos 61 anos, no décimo dia do décimo mês de Kyoho quatro [1719]. Diz-se que *As palavras registradas do mestre Hagakure* foram iniciadas no 52.º ano de Jocho e cobrem sete anos, terminando no décimo dia do nono mês de Kyoho um [1716]. Essa obra assemelha-se muito às *Conversações com Goethe*, de Eckermann, na aguda sensibilidade e na habilidade editorial do ouvinte — em outras palavras, do anotador — que são extremamente significativas.

Jocho e o anotador, Tsuramoto Tashiro

Tsuramoto Matazaemon Tashiro, empregado como escriba oficial, era um jovem robusto, de 32 ou 33 anos, vinte anos mais novo do que Jocho. Como eu disse antes, os períodos Genroku e Hoei — tendo transcorrido cerca de 80 anos desde os períodos mais austeros de Keicho e Genna, em que obras sérias sobre o confucionismo, a arte militar e o comportamento dos samurais continuaram a ser produzidas — foi uma época de renascimento, exemplificado pela poesia haiku de Basho, as tragédias de Chikamatsu e a ficção de Saikaku.[5] Não só os

---

[5] Basho Matsuo (1644-1694). Destacado poeta-eremita e mestre da poesia do princípio do Período Edo (1600-1868). Famoso pelos seus haiku e pelos seus diários de viagem poéticos.

Monzaemon Chikamatsu (1653-1725). O grande dramaturgo do período. Escreveu peças para o kabuki e para marionetes (*bunraku*). Conhecido pelo drama histórico e pelas peças sobre a família, a maio-

comerciantes das cidades, como até mesmo os samurais, dedicavam-se ao prazer estético da poesia, música e dança. Manuais de ética samurai, tratado confucianos, e as próprias artes militares tendiam a degenerar numa ociosa filosofia moralizante. O originador do *Hagakure,* Jocho Jin'emon Yamamoto, nasceu na rua Yokokoji, na cidade de Katatae, no *han* de Saga, no décimo dia do sexto mês de Manji dois [1659] e, como disse antes, morreu aos 61 anos no décimo dia do décimo primeiro mês de Kyoho quatro [1719]. Quanto aos detalhes de sua vida, foi o mais jovem de dois meninos e três meninas, filhos de Shigezumi Jin'emon Yamamoto. Seu pai, Jin'emon, era irmão mais novo de Kiyoaki Jin'emon Nakano e foi adotado pela família de Mueharu Sukebei Yamamoto. O nome Jin'emon lhe foi dado por ordem do daimyo, e Kiyoaki Nakano foi a primeira geração, Shigezumi Yamamoto a segunda, e Jocho, a terceira, a ter esse nome. Os três passaram a ser conhecidos como as três gerações de Nakano.

Jocho perdeu o pai aos onze anos e, estudando sob a orientação de seu primo, Tsuneharu Goroazaemon Yamamoto, vinte anos mais velho, recebeu uma educação geral. Estudou confucionismo e budismo com Ittei Ishida e o mestre de Zen Tanne, e, desde tenra idade, esteve a serviço do daimyo, de modo que não se pôde dedicar totalmente aos estudos acadêmicos. Ficou profundamente impressionado pelo mestre Zen Ryoi, acreditando-se que depois de se retirar da vida secular tenha sido iniciado nos segredos do Zen graças à sua profunda admiração pelos ensinamentos de Ryoi.

Jocho tinha também o conhecimento habitual das artes militares e aos 24 anos desempenhou a função de segundo (degolador) no suicídio ritual de seu primo. Era hábil na composição da poesia haiku e waka, e ao ser enviado a Kioto pelo daimyo Mitsushige, recebeu ali um diploma dos Segredos da Velha e Nova Waka (*Waka kokindenju*)[6] de Sanenori Nishi-

---

ria das quais retratam suicídios duplos de amantes ilícitos colhidos no dilema entre o dever e a paixão.

Saikaku Ihara (1542-1693). Ficcionista de destaque. Famoso pelas histórias sobre os habitantes de Osaka, os comerciantes, e os bairros do prazer.

6 *Waka kokindenju*. A transmissão, de mestre a discípulo, de certos segredos, informações ocultas pertencentes ao "verdadeiro" significado das palavras constantes do *Kokinshu,* uma antologia imperial de poesia cortesã de princípios do século X. Receber esses segredos era considerado grande honra.

sanjo[7], com quem teve, freqüentemente, a oportunidade de estudar.

Depois que se retirou da vida mundana, Jocho passou a chamar-se Jocho Kyokuzan (Manhã Eterna, Montanha do Nascente), deu à sua cabana o nome de Choyoken (Beirais do Sol Matinal) e ali viveu em reclusão com Ryoi. Mais tarde, mudou o nome Choyoken para Sojuan (Cabana da Longa Vida Religiosa). Em agosto do Shokotu três [1713], a viúva de Mitsushige, Reijuin, foi enterrada em Kurotsuchiparu, onde Jocho morava, e por deferência ele se transferiu para Okoguma, na aldeia próxima de Kasuga.

Jocho foi autor de um livro intitulado *Coleção de minhas humildes opiniões* (Gukenshu) que no segundo mês de Hoei cinco [1708], aos 50 anos, escreveu para a instrução de seu filho adotivo, Gonnojo. Jocho teve duas filhas, a primeira das quais morreu jovem. A outra casou-se com Gonnojo, mas Jocho sobreviveu a ambos.

O *Hagakure*: três filosofias

A primeira característica: "Uma Filosofia da Ação"

Na minha opinião, o *Hagakure* como obra filosófica tem três características mais importantes. Primeiro, é uma filosofia da ação; segundo, é uma filosofia do amor: terceiro, é uma filosofia da vida.

Como filosofia de ação, o *Hagakure* valoriza a subjetividade, considera a ação como função da subjetividade, e torna a morte a conclusão da ação. Sua filosofia cria um padrão de ação que é o meio mais eficiente de fugir das limitações do eu e de se mergulhar em alguma coisa maior. Nada poderia estar mais distante da filosofia maquiavélica, na qual uma pessoa de fora arbitrariamente combina o elemento *a* e o elemento *b*, manipula o poder *a* e o poder *b*. A filosofia de Jocho é exclusivamente subjetiva, e não objetiva. É uma filosofia da ação, e não de governo.

---

7 Sanenori Nishisanjo. Mestre da poesia clássica. A família Nishisanjo foi, durante várias gerações, constituída de eruditos da literatura clássica.

Como durante a guerra o *Hagakure* foi usado para doutrinação política, algumas pessoas ainda o interpretam em termos políticos, mas não há absolutamente nada de político nele. Suponho que o argumento se modifica se interpretarmos a ética samurai como um conceito político, mas tal como o vejo seu objetivo principal é mostrar aos seres humanos, em certas condições fixas, onde buscar princípios orientadores. Esses princípios são ensinamentos de uma universalidade aplicável a qualquer era, por mais que as condições possam variar. E ao mesmo tempo estão também cheios de conhecimentos práticos adquiridos pelas pessoas por meio da experiência.

A segunda característica: "Uma Filosofia do Amor"

Em segundo lugar, o *Hagakure* é uma filosofia do amor. Os japoneses têm uma tradição particular relativa ao amor romântico e desenvolveram um conceito especial de romance [*ren'ai*]. No velho Japão havia uma espécie de paixão com conotações sexuais [*koi*], mas não amor [*ai*]. No Ocidente, desde a época dos gregos, estabeleceu-se uma distinção entre eros (amor) e agape (o amor de Deus pela humanidade). Eros começou como um conceito de desejo carnal, mas gradualmente, transcendendo esse significado, entrou na esfera da *idéia* (o mais alto conceito alcançável pela razão), onde foi aperfeiçoado na filosofia de Platão. Agape é um amor espiritual totalmente divorciado do desejo carnal, tendo sido introduzido mais tarde como o amor cristão.

Assim sendo, no ideal europeu do amor, agape e eros foram sempre tratados como conceitos opostos. O culto da mulher na cavalaria medieval tinha como base o culto da Virgem Maria (eros), mas é também verdade que o mais alto ideal da cavalaria era o amor como agape, totalmente divorciado de eros.

Os primeiros ideais europeus modernos de patriotismo também podem ser considerados como agape, em sua fonte. Sem muito exagero, poderíamos dizer, porém, que no Japão não há nada como o amor pelo seu país. Não há nada como o amor por sua mulher. Na constituição espiritual básica dos japoneses, eros e agape estão fundidos. Quando o amor por uma mulher ou um rapaz é puro e casto, não difere da lealdade e dedicação ao governante. Esse conceito de amor, que

não estabelece distinção entre eros e agape, foi chamado "apaixonar-se pela família imperial" [*renketsu no jo*] ao final do Período Tokigawa, e preparou o terreno emocional para o culto do imperador.

O sistema imperial de antes da guerra desmoronou, mas o conceito de amor, na constituição espiritual do povo japonês, não desabou necessariamente com ele. Esse conceito baseia-se numa firme convicção de que aquilo que vem da pura sinceridade instintiva leva diretamente a um ideal pelo qual lutar, pelo qual morrer, necessariamente. A filosofia do amor de Jocho tem nisso as suas bases. Citando como exemplo o amor de um homem por outro, que em sua época era considerado como uma emoção superior, mais espiritual do que o amor por uma mulher, ele sustenta que a forma mais verdadeira e mais intensa de amor humano transforma-se em lealdade e dedicação ao governante.

A terceira característica: "Uma Filosofia da Vida"

Em terceiro lugar, o *Hagakure* é uma filosofia da vida. Não é um sistema estruturado com coerência, consistente, lógico. Os Volumes Um e Dois, a parte dedicada aos ensinamentos de Jocho, encerram muitas discrepâncias e contradições, e com freqüência um ensinamento parece ser totalmente contrariado por outro. A mais famosa frase do *Hagakure*, "Descobri que o Caminho do Samurai é a morte", é seguida imediatamente de uma afirmação que parece, à primeira vista, contraditória, mas é destinada a constituir um reforço dessa frase: "A vida humana dura apenas um instante. Devemos passá-la fazendo o que nos agrada. Neste mundo passageiro como um sonho, viver na infelicidade fazendo apenas aquilo que nos desagrada, é tolice. Como isso pode ser prejudicial se mal interpretado, é um segredo que resolvi não transmitir aos jovens." (Livro Dois). Em outras palavras, "Descobri que o Caminho do Samurai é a morte" é a fase inicial da argumentação, e o princípio de que "A vida humana dura apenas um instante. Devemos passá-la fazendo o que nos agrada" é a segunda fase, sob a superfície da primeira afirmação e, ao mesmo tempo, além dela. Aqui o *Hagakure* mostra-se claramente como uma filosofia da vida, sustentando que vida e morte são as duas faces de um escudo.

Numa crise de vida ou morte, Jocho recomenda que a solucionemos pela morte rápida, mas também afirma que devemos pensar constantemente sobre como serão as coisas dentro de quinze anos. Essa previsão nos permitirá finalmente nos tornarmos um bom samurai, depois de transcorridos quinze anos, e quinze anos passarão mais depressa do que um sonho. Também essa afirmação parece, à primeira vista, contraditória, mas na realidade Jocho tinha pouco respeito pelo tempo. O tempo muda os seres humanos, torna-os incoerentes e oportunistas, torna-os degenerados ou, em poucos casos, os melhora. Mas se supusermos que a humanidade está sempre enfrentando a morte, e que a verdade muda a cada momento, então o processo do tempo não merece o respeito que lhe atribuímos. E como o tempo é insignificante, ao vivermos aqueles quinze anos que passam tão depressa quanto um sonho, ao pensarmos que cada dia será o último, alguma coisa se acumulará dia a dia e momento a momento, e essa acumulação acabará por permitir que sirvamos bem ao nosso senhor. Esse é o princípio básico da filosofia da vida ensinada pelo *Hagakure.*

Vamos examinar, em continuação, essa filosofia da vida tomando um a um, em sua ordem original, os princípios vitais do *Hagakure,* tão cheio de contradições aparentes, acrescentando nossas interpretações à medida que avançarmos.

1. *Em louvor da energia*

Jocho diz no prefácio do *Hagakure,* "Conversas Sem Pressa à Sombra da Noite":

> Nunca desejei alcançar o estado de buda. Mesmo que eu tivesse de morrer e renascer novamente sete vezes, não esperaria, nem desejaria, ser mais do que um samurai Nabeshima e dedicar-me totalmente ao *han*. Numa palavra, tudo o que é necessário a um samurai Nabeshima é ter a força de vontade de suportar nos ombros a responsabilidade total pela casa governante de seu *han*. Somos todos seres humanos. Por que deveria um homem ser inferior a outro? Habilidade e treinamento são inúteis, sem uma grande confiança em si mesmo. E se não o usarmos para a paz e prosperidade da casa governante, o treinamento de nada vale... ...

Embora louve extravagantemente a virtude da modéstia, o *Hagakure* também faz a significativa observação de que a

energia humana provoca uma grande ação, de acordo com as leis físicas da energia. Não existe nada que seja um excesso de energia. Quando um leão corre a toda velocidade, sob suas patas os campos desaparecem; ele pode até mesmo passar pela presa que perseguia indo até o extremo final do campo. Por quê? Porque é um leão.

Jocho viu que uma força propulsora semelhante é a grande fonte de energia da ação humana. Se restringirmos nossa vida pela virtude da modéstia, o treinamento diário do samurai não produzirá jamais um ideal dinâmico de ação que transcenda esse treinamento. Isso reforça o princípio de que devemos ter grande confiança em nós mesmos, e que devemos suportar o peso de nossa casa governante. Como os gregos, Jocho conhecia o fascínio, a irradiação majestosa, e o horror do que é chamado de *hubris*:

2. *Decisão*

> Descobri que o Caminho do Samurai é a morte. Numa crise em que as possibilidades de vida ou morte são iguais, simplesmente solucione-a escolhendo a morte imediata. Não há nisso nada de complicado. Basta firmar-se e prosseguir. Há quem diga que morrer sem cumprir nossa missão é morrer em vão, mas essa é a ética calculista, imitação da ética dos samurais, adotada pelos arrogantes comerciantes de Osaka.[8] A escolha correta, numa situação com possibilidades idênticas, é quase impossível. Todos nós preferimos viver. Por isso, é perfeitamente natural, nessa situação, que encontremos uma desculpa para continuar vivendo. Mas quem preferir continuar vivendo, depois de ter falhado na sua missão, será desprezado como covarde e inepto. É essa a parte precária. Se morrermos depois de ter falhado, será uma morte de fanático, morte em vão. Não é, porém, desonrosa. Essa morte é na verdade o Caminho do Samurai. Para ser um samurai perfeito, é necessário preparar-se para a morte a cada manhã e a cada tarde, todos os dias. Quando o samurai está constantemente preparado para a morte, ele domina o Caminho do Samurai, e pode dedicar, sem erros, a vida ao serviço de seu senhor. (Livro Um)

"Quando o samurai está constantemente preparado para a morte, ele domina o Caminho do Samurai" é a nova filosofia

---

8 Osaka foi famosa, durante centenas de anos, pela esperteza e pela energia de seus comerciantes. Muitas das grandes companhias comerciais de hoje nasceram das empresas de Osaka.

descoberta por Jocho. Se um homem tem a morte no coração, se acha que estará pronto para morrer a qualquer momento, não pode agir de maneira errada. O homem que age de maneira errada parece a Jocho incapaz de morrer no momento adequado. O momento adequado não surge com muita freqüência, porém. A escolha entre vida e morte pode ocorrer apenas uma vez em toda a vida. Pensemos no próprio Jocho: com que sentimentos saudou a morte quando, depois de tantos anos de resignação diária, compreendeu que ela o alcançaria de maneira nada dramática, na cama, com a idade de 61 anos?

Jocho, porém, está preocupado com a morte como decisão, não com a morte natural. Ele falou não de resignação à morte pela enfermidade, mas da resolução de autodestruir-se. A morte pela enfermidade é obra da Natureza, ao passo que a autodestruição está relacionada com o livre arbítrio do homem. E se a manifestação extrema do livre arbítrio do homem é a vontade livre de morrer, pergunta Jocho, então o que é o livre arbítrio? Temos aqui a visão típica japonesa de que ser morto em batalha ou praticar o suicídio ritual é igualmente honroso. A forma positiva de suicídio, chamada de hara-kiri, não é um sinal de derrota, como no Ocidente, mas a expressão final do livre arbítrio, a fim de proteger a própria honra. O que Jocho entende por "morte" é a escolha deliberada de morrer, e por mais opressora que seja a situação, quando rompemos as forças opressoras escolhendo a morte, estamos praticando um ato de liberdade. Esta visão da morte é porém, inevitavelmente idealizada, e Jocho sabe que a morte não surge com freqüência nessa forma pura e sem complicações. A fórmula morte-igual-a-liberdade é a fórmula ideal do samurai. Devemos ler entre as linhas do niilismo profundo de Jocho: ele sabe que a morte não é necessariamente assim.

3. *"Delicadeza"**

O mundo do homem é um mundo de consideração pelos outros. A habilidade social de um homem é medida por essa consideração. Embora a era dos samurais possa, à primeira vista, parecer um mundo áspero e violento, ela operava precisamente numa modulação delicada da consideração pelo próximo, muito mais sutil do que a existente hoje. Até mesmo

---

* Em inglês, "delicacy", no original japonês.

sobre a questão da crítica aos outros Jocho prega, exaustivamente, a virtude do cuidado e da "delicadeza".

> Criticar as pessoas e corrigir-lhes as faltas é importante; é na realidade um ato de caridade — a primeira exigência do serviço do samurai. Devemos ter cuidado para fazê-lo de maneira adequada. É fácil encontrar pontos fortes e deficiências na conduta de outros, é igualmente fácil criticá-los. A maioria das pessoas parece acreditar que é uma bondade dizer às pessoas coisas que não desejam ouvir, e se suas críticas não são levadas a sério, bem, então nada mais há a fazer. Essa abordagem é totalmente destituída de mérito. Não produz resultados melhores do que se nos propuséssemos, deliberadamente, insultar e embaraçar essa pessoa. É simplesmente uma maneira de desabafarmos. A crítica deve começar *depois* de termos percebido se o criticado a aceitará, *depois* de termos feito amizade com ele, partilhado de seus interesses, e agido de modo a conquistar sua confiança total, de modo que tenha fé em qualquer coisa que dissermos. E há uma questão de tato: devemos ver qual a maneira adequada de dizê-lo, e no momento próprio — talvez numa carta, talvez ao voltar para casa depois de uma reunião agradável. Poderíamos começar descrevendo nossas próprias falhas, e fazer com que a outra pessoa veja o que estamos querendo dizer sem uma palavra a mais do que as necessárias. Primeiro, louvamos a sua força, procurando estimulá-la, e colocá-la no estado de espírito adequado, tornando-a tão receptiva às nossas palavras quanto um homem sedento à água. E então, corrigir suas falhas. Criticar bem é extremamente difícil. (Livro Um)

O conselho é gratuito. Podemos hesitar em emprestar cem ienes, mas não relutamos em dar conselhos gratuitos, como não relutamos em dar água. O conselho quase nunca funciona como um lubrificante social; oito ou nove vezes em cada dez faz com que as pessoas percam a face, esmaga sua vontade e cria uma certa mágoa. Jocho tem perfeita consciência desse fenômeno. Cabe a nós todos refletir sobre a seriedade e sensibilidade com que ele aborda o problema de aconselhar. Quanto a isso Jocho está firmemente instalado em sua avaliação realista e contundente da psicologia humana. Certamente, ele não é um desses pregadores de sermões, otimistas e irresponsáveis (e que, afinal de contas, são os mais ignorantes do caráter humano).

4. *Colocação dos princípios em prática*

Jocho também nos proporciona várias indicações úteis sobre aspectos da vida cotidiana.

Bocejar em público é falta de respeito. Quando sentirmos um súbito desejo de bocejar, devemos passar a mão na testa, na direção do couro cabeludo, e o desejo desaparecerá. Se isso não acontecer, fechar a boca e passar a língua na parte interna dos lábios — ou então, bocejar discretamente ocultando a boca com a manga ou cobrindo-a com a mão, a fim de ser o menos notado possível. A mesma coisa é válida para os espirros. Se não atentarmos cuidadosamente para essas questões, pareceremos ridículos. Além disso, há muitas outras maneiras pelas quais nos devemos conter cuidadosamente.

É aconselhável sempre fazer planos na noite anterior e anotar o esquema. É uma maneira de estarmos um passo à frente de outras pessoas.

Sufocar um bocejo é uma técnica que pode ser posta em prática hoje. Li esse trecho pela primeira vez durante a guerra e, depois disso, sempre que sinto vontade de bocejar, umedeço meu lábio superior e consigo controlá-lo. Particularmente durante a guerra, quando qualquer que bocejasse durante uma conferência importante era severamente censurado, o que Jocho me ensinou foi muito valioso.

É meu costume passar em revista, todas as noites, em detalhe, os meus planos para o dia seguinte, e tenho o cuidado de anotar então os títulos de livros, as mensagens, nomes e números de telefones que serão necessários, de modo que o meu trabalho transcorra suavemente no dia seguinte, sem nenhuma energia extra de minha parte. Também essa é uma das lições extremamente práticas que aprendi com o *Hagakure.*

5. *Tolerância*

Jocho não é, absolutamente, severo em sua crítica aos outros. Sabe como justificar as deficiências. É o seguinte o seu comentário sobre o assunto:

Há quem pregue constantemente a austeridade rigorosa, mas eu discordo. Como diz o provérbio, "Os peixes não vivem em águas claras". São as algas marinhas que proporcionam aos peixes o esconderijo no qual podem crescer com segurança até a maturidade. É porque deixamos de ver, por vezes, os detalhes e não prestamos atenção a queixas menores que as pessoas a nosso serviço podem viver em paz. O entendimento desse ponto é essencial quando examinarmos o caráter e comportamento dos outros. (Livro Um)

No Período Tokugawa, o governo promulgou sucessivos editos limitando as despesas e os samurais viveram uma vida de ascetismo extremo, totalmente oposta ao grande consumo em massa de hoje. Esse ascetismo perdurou até épocas relativamente recentes e ainda foi adotado durante a guerra. Acreditava-se que a moral consistia em reprimir o gosto pelo luxo e ser o mais frugal possível. Graças ao processo de industrialização do pós-guerra, a era do consumo em massa chegou, e essa virtude característica dos japoneses parece ter desaparecido para sempre.

Em comparação com a moral arbitrária e restritiva do confucionismo japonês, o *Hagakure* mantém desde o princípio um ponto de vista liberal, tolerante. Sua filosofia, que ressalta a virtude da ação espontânea e da decisão ousada, está muito longe da ética burocrática da frugalidade das criadas de palácio que examinavam os cantos de uma caixa de laca para recuperar um último grão de arroz. E como extrapolação da consideração pelos outros que prega, Jocho recomenda que, deliberadamente, fechemos os olhos e ouvidos às falhas e deficiências de nossos subordinados. Essa filosofia da tolerância consciente viveu sempre no coração dos japoneses, ao mesmo tempo contraditando e reforçando sua frugalidade exigente, cerimoniosa. Hoje em dia, os limites adequados do fechar os olhos e ouvidos foram ultrapassados, e a atitude que finge não ver tem precedência sobre a economia, resultando disso uma decadência moral por vezes mencionada como "a névoa negra". Isso não é tolerância, é simplesmente frouxidão. Somente quando baseada em rigorosas regras morais pode a atitude de não ver e não ouvir ser qualificada de virtude humana; quando essa moral desabar, deixar de ver e ouvir pode tornar-se vício inumano.

6. *Mulheres*

Jocho expressa poucas opiniões sobre as mulheres. Diz ele:

> ... E o que é mais importante, a mulher deve considerar o marido como o seu suserano senhor. (Livro Um)

Em vários trechos o *Hagakure* se assemelha à filosofia dos gregos, particularmente dos espartanos. Na Grécia antiga, a mulher servia ao deus do lar, ficava sempre em casa, e devia

dedicar-se ao cuidado dos filhos, da casa, e respeitar o marido. O homem, porém, saía e tinha casos de amor com belos rapazes, ou se divertia com prostitutas ou escravas-concubinas educadas, as hetairas. É uma boa aproximação das opiniões de Jocho sobre as mulheres.

7. *Niilismo*

O caráter chinês *gen* pode ser lido em japonês como *maboroshi* e significa "ilusão". Em japonês, os mágicos indianos são chamados de *genshutsushi*, ou "ilusionistas". Os seres humanos são, nesta vida, como marionetes. É por isso que o caráter *gen* é usado para sugerir a "ilusão" do livre arbítrio. (Livro Um)

Jocho refere-se freqüentemente a esta vida como uma existência títere, e aos seres humanos, como marionetes. No núcleo mesmo de sua personalidade há um "niilismo"* profundo, penetrante, e não obstante, másculo. Ele examina cuidadosamente cada momento para extrair o significado da vida, mas no fundo está convencido de que a própria vida nada mais é do que um sonho.

Comentarei o niilismo de Jocho um pouco mais adiante, em conexão com outro trecho.

8. *A objetividade da virtude*

Odiar o mal e viver na virtude é extremamente difícil. E o que é surpreendente, muitos erros nascem da convicção de que é essencial ser rigorosamente lógico e valorizar a virtude acima de tudo. Há um caminho mais alto do que a virtude, mas descobri-lo não é fácil e exige a sabedoria da mais elevada ordem. Comparados a esse Caminho, os princípios lógicos são realmente insignificantes. O que não experimentamos diretamente, não podemos conhecer. E não obstante, há um meio de saber a verdade embora não tenhamos sido capazes de discerni-la por nós mesmos. O caminho está em falar com as outras pessoas. Ocorre muitas vezes que até mesmo uma pessoa que não se aperfeiçoou ainda pode ser capaz de orientar outras. O princípio no caso é semelhante ao que em *go* é chamado de "a vantagem está com o observador". Falamos de "conhecer as nossas falhas pela contem-

---

* Em inglês, "nihilism", no original japonês.

plação", mas também isso se faz melhor conversando com os outros. A razão é que quando aprendemos ouvindo o que os outros têm a dizer e lendo livros, transcendemos as limitações da nossa própria capacidade de discernimento e seguimos os ensinamentos dos antigos. (Livro Um)

Neste trecho sobre o caráter relativo da virtude, o *Hagakure* aborda a doutrina política da democracia. É um princípio democrático que, para assegurar a virtude de uma convicção, deve-se esperar o julgamento de uma terceira pessoa. Embora defendendo uma filosofia dinâmica de ação, Jocho sempre deixa alguma dúvida quanto à virtude da própria conduta. A pureza de ação é a pureza da subjetividade. Mas se a ação se pode basear na virtude, devemos ser capazes de testar a pureza dessa virtude por outro método. Em outras palavras, por um padrão objetivo. Embora se possa julgar de uma ação pela própria ação, Jocho compreende que a pureza da virtude deve ser medida de maneira diferente. O método adequado é a consulta. O princípio por trás da frase "A vantagem está com o observador" pode salvar as pessoas que estão apegadas a um tipo de virtude. Quanto a isso, o *Hagakure* adota um ponto de vista ideologicamente relativista.

9. *Como conduzir nossa vida*

Entre as proclamações públicas do Senhor Naoshige está a seguinte: As considerações importantes devem ser tomadas com ligeireza. Um comentário de Ittei Ishida (erudito confuciano do *han* de Saga, e mestre de Jocho Yamamoto) explica: "As questões menores devem ser levadas a sério". Os problemas realmente importantes são poucos; provavelmente não ocorrem mais de duas ou três vezes na vida. A reflexão cotidiana nos mostrará isso. Portanto, é necessário planejar com antecedência o que fazer no caso de uma crise, e quando chegar esse momento, lembrar o plano e resolver o problema de acordo com ele. Sem um preparo cotidiano, quando surgir uma situação difícil poderemos ser incapazes de uma decisão rápida, o que teria resultados desastrosos. Portanto, podemos dizer que a resolução cotidiana sobre um determinado senso de ação é o princípio que está por trás da afirmação de que "as considerações importantes devem ser tomadas com ligeireza." (Livro Um)

Crença é resolução. A resolução deve ser testada diariamente durante muitos anos. Ao que parece, Jocho estabelece uma distinção entre as crenças importantes e as crenças me-

nores. Em outras palavras, devemos alimentar crenças importantes em nossa vida diária, para que no momento de decisão de agir, elas possam ser postas em prática se mesforço, espontaneamente. As crenças menores são a filosofia que governa os detalhes triviais da existência no dia a dia. Prosper Merimée observou certa vez que "Na ficção deve haver uma base teórica para os menores detalhes. Até mesmo uma simples luva deve ter sua teoria". Isso é válido não só para os romancistas: enquanto vivemos e desfrutamos a vida, devemos sempre abordar teoricamente até mesmo as menores questões, exercendo o nosso julgamento e tomando decisões. Sem isso, a estrutura de nossa vida entra em colapso, e por vezes até mesmo as nossas maiores crenças são violadas. Quando um inglês toma chá, quem serve sempre pergunta a cada pessoa se prefere "leite primeiro" ou "chá primeiro". Poderíamos supor que é a mesma coisa colocar o leite ou o chá primeiro na xícara, mas nessa questão aparentemente trivial evidencia-se claramente a ideologia inglesa. Certos ingleses estão convencidos de que o leite deve ser colocado primeiro, depois o chá; se invertêssemos a ordem, sem dúvida eles considerariam esse ato como o primeiro passo para a violação de princípios que lhes são muito caros.

O que Jocho entende por "As considerações importantes devem ser tomadas com ligeireza" é que, assim como um pequeno formigueiro pode provocar o desabamento de um dique, assim também devemos prestar atenção às pequenas teorias que governam nossa vida diária, tanto na vigília como no sono, as crenças menores. É uma boa lição para nossa época pervertida, na qual apenas a ideologia é valorizada e as práticas menores da vida cotidiana não são levadas a sério.

10. *Preparo e decisão*

As grandes crenças, a que devemos ser fiéis todos os dias, são baseadas no princípio de que devemos morrer de acordo com o Caminho do Samurai.

> Entre outras coisas, o Caminho do Samurai exige que ele compreenda que alguma coisa pode ocorrer a qualquer momento, para testar a profundidade de sua resolução, e dia e noite ele deve ordenar seus pensamentos e preparar uma linha de ação. Dependendo das circunstâncias, ele pode ganhar ou perder. Mas evitar a desonra é uma consideração totalmente diferente da vitória ou derrota. Para evitar a desonra ele deve morrer. Mas se

da primeira vez as coisas não se passarem como ele desejaria, deve tentar novamente. Para isso, não é necessária nenhuma sabedoria ou possibilidade especiais. O samurai veterano pensa não na vitória ou derrota, mas apenas luta insanamente até a morte... ... (Livro Um)

Como a preparação foi demorada, a decisão pode ser tomada rapidamente. Pode-se escolher um curso de ação, mas nem sempre se pode escolher a época. O momento de decisão paira à distância e, em seguida, nos alcança. E então, será viver o não preparar-se para esse momento de decisão, que nos foi escolhido de longe, possivelmente pelo destino? Jocho ressalta a importância de disciplinar-se para agir quando o momento do destino chegar.

11. *Resignação constante à ameaça perpétua da morte*

O *Hagakure* explica com maiores detalhes as idéias expressas nos trechos nove e dez.

Até cinqüenta ou sessenta anos atrás, os samurais faziam suas abluções todas as manhãs, raspavam a cabeça e perfumavam os seus topetes. Depois, cortavam as unhas das mãos e dos pés, lixavam-nas com pedrapomes e, finalmente, poliam-nas com erva *kogane*. Não eram nunca negligentes nessas questões, e tinham muito cuidado em se apresentar bem. Em seguida, o samurai examinava suas espadas longa e curta para ter certeza de que não se estavam enferrujando, limpava-lhes a poeira e as lustrava. Ter todo esse trabalho com a aparência pode parecer afetação, mas o costume não nasceu do gosto pela elegância ou romance. Podia-se ser derrubado a qualquer momento numa batalha vigorosa; morrer com uma aparência desleixada é revelar uma frouxidão geral de hábitos, e ser desprezado e zombado pelo inimigo. Assim, tanto na juventude, quanto na velhice o samurai esforçava-se para ter a melhor aparência possível. Essa minúcia pode parecer uma perda de tempo e mais trabalhosa do que vale a pena, mas é esse o Caminho do Samurai. Na realidade, isso exige pouco esforço ou tempo. Se, sempre preparado para morrer, o samurai começa a pensar em si como se já estivesse morto, se é diligente no serviço de seu senhor e aperfeiçoa-se nas artes militares, certamente nunca passará vergonha. Mas se o samurai passar seus dias de maneira egoísta, fazendo exatamente o que quer, numa crise ele se cobrirá de desonra. E tendo-o feito, nem sequer terá consciência de sua vergonha, e imaginando que enquanto estiver a salvo e feliz nada mais importa, ele se degradará de maneira indizível — o que é profundamente lamentável.

O samurai que não está preparado para morrer a qualquer momento terá, inevitavelmente, uma morte indigna. Mas o samurai que vive sua vida num constante preparativo para a morte — como ele poderia comportar-se de maneira desprezível? Devemos refletir bem sobre esse ponto e agir adequadamente. Os tempos mudaram nos últimos trinta anos. Agora, quando os jovens samurais se reúnem, falam de dinheiro, de lucros e perdas, de como administrar uma casa com eficiência, como julgar o valor das roupas, e contam-se histórias de sexo. Se qualquer outro assunto é mencionado, a atmosfera é prejudicada e os presentes sentem-se pouco à vontade. A que situação deprimente chegaram as coisas! Antes, até a idade de vinte ou trinta o jovem nunca tinha um pensamento mesquinho ou mundano, e por isso naturalmente nunca falava dessas coisas. E se na sua presença homens mais velhos deixavam escapar acidentalmente uma observação dessas, os jovens se sentiam tão mal como se tivessem sido fisicamente feridos. Ao que parece, a nova tendência surgiu porque a era moderna passou a valorizar o luxo e a ostentação. Só o dinheiro passou a ter grande importância. (Livro Um)

12. *Comportamento adequado numa festa*

A desordem das festas japonesas alcoólicas é internacionalmente notória. Possivelmente, os japoneses têm uma menor capacidade para resistir ao álcool, mas há também uma diferença de perspectiva. É considerado imperdoável no Ocidente que um cavalheiro se embriague e se comporte de maneira inadequada numa festa. A sociedade considera os alcoólatras como fracassados e párias, e podemos vê-los com a garrafa de vinho na mão, cambaleando como fantasmas, nas esquinas freqüentadas apenas pelos bêbedos.

Há no Japão uma estranha convenção pela qual os seres humanos comuns se despem de sua dignidade quando bebem, expondo suas fraquezas e desnudando seus corações, confessando os segredos mais embaraçosos. Por mais que se queixem ou lamentem, são totalmente perdoados com a desculpa de que haviam bebido. Não sei quantos bares há em Shinjuku, mas no esmagador número desses estabelecimentos, "assalariados" se sentam e bebem e queixam-se de suas mulheres e seus patrões. O bar se transforma num lugar miserável, revelador de segredos, protegido pela tácita promessa mútua de que pela manhã, embora não tenham realmente esquecido, eles fingirão ter esquecido as confissões pouco másculas, frouxas, trocadas entre amigos na noite anterior.

Em outras palavras, as festas alcoólicas no Japão são uma reunião pública na qual estão todos expostos aos olhares uns dos outros, mas fingem estar em lugar reservado. Embora escutem, as pessoas fingem não ouvir; e embora o que é dito possa ser doloroso para o ouvido, o ouvinte finge não ser afetado, e tudo é perdoado em nome do álcool. Mas o *Hagakure* adverte que todas as festas com bebidas ocorrem "ao céu aberto", querendo dizer com isso que estão expostas ao público. Embora o samurai possa comparecer a uma festa onde é servido álcool, ele deve conter-se. Esse ensinamento é surpreendentemente semelhante ao ideal inglês de "cavalheirismo".*

> Muitos homens fracassaram na vida em conseqüência do excesso de bebida. Devemos conhecer a nossa capacidade de beber, sendo aconselhável nunca ultrapassá-la. Mesmo assim, ocasionalmente cometemos um erro de cálculo. O samurai não deve nunca relaxar a sua guarda ao beber, de modo que se alguma coisa inesperada ocorrer, ele estará pronto a enfrentá-la de maneira adequada. Os banquetes onde o álcool é servido são como o "céu aberto", e há muitos olhos observadores. Devemos ser cautelosos. (Livro Um)

O fato de Jocho fazer tal observação, porém, é simplesmente uma indicação de que naquela época, como hoje, a regra geral era a falta de discrição ao beber.

13. *Uma moral das aparências*

Ruth Benedict (antropóloga americana, 1887-1948) em seu conhecido livro *The Chrysanthemum and the Sword* define a moral japonesa como "uma moral da vergonha". Há vários problemas com essa definição, mas é bastante natural que o Caminho do Samurai valorizasse as aparências externas. O guerreiro está constantemente preocupado com os seus inimigos. O samurai não tem outra saída senão defender sua honra e o seu moral com uma previsão constante: "Não serei envergonhado frente aos meus inimigos? Não me desprezarão os meus inimigos?" A consciência do samurai toma a forma do próprio inimigo. Assim, a característica essencial do *Hagakure* não é a moral introspectiva, mas uma moral que se concentra nos

---

* Em inglês, "gentlemanship", no original japonês.

seus reflexos externos. À luz da história do pensamento ético, não é claro qual das duas, a moral orientada para dentro ou para fora, foi mais eficiente. Vejamos o cristianismo. Os católicos, que confiam sua autoridade moral à Igreja, estão psicologicamente em terreno relativamente seguro, ao passo que para os protestantes a consciência individual deve assumir a responsabilidade pela alma. Muitos homens fracos foram esmagados pelo peso dessa insuportável carga moral, como se pode ver nos Estados Unidos, onde há um grande número de pacientes mentais sofrendo de neuroses sérias.

Citando o *Hagakure:*

> Ao visitar um amigo que enfrentou um desastre pessoal, o que lhe dissermos como encorajamento é de extrema importância. Ele poderá ler nossos verdadeiros motivos nessas palavras. O verdadeiro samurai não deve aparentar nunca desânimo, nem perder a coragem. Deve avançar corajosamente como se tivesse a certeza de chegar ao topo. Sem isso, ele será totalmente inútil. Nisso está o segredo de encorajar um amigo em dificuldades. (Livro Um)

"Um verdadeiro samurai não deve aparentar nunca desânimo, nem perder o ânimo ou a coragem". Essa observação sugere ser um defeito *aparentar* desânimo, aparentar fraqueza. O mais importante é que o samurai não manifeste externamente sua decepção ou seu cansaço.

É natural para qualquer ser humano ficar desanimado e esgotado, e os samurais não são exceção. Mas a moral pede que se faça o impossível. E a ética samurai é uma ciência política do coração, destinada a controlar esses desânimos e cansaços, a fim de evitar que sejam percebidos por outros. Considerou-se mais importante aparentar saúde do que ser saudável, e mais importante parecer ousado e atirado do que realmente sê-lo. Essa visão da moral, sendo fisiologicamente baseada na vaidade social peculiar aos homens, talvez seja a suprema visão masculina da moral.

14. *Uma filosofia do extremismo*

Como dissemos no Trecho Um, tendo reconhecido a adequação da energia como o princípio motivador da ação, teremos de seguir as leis físicas da energia. O leão só pode correr em linha reta até o extremo final de um campo aberto. É assim que prova ser um leão. Jocho acha que chegar a excessos é

um importante trampolim* espiritual. Essa atitude pode ser percebida claramente no trecho seguinte:

> O Meio-Termo é muito valorizado, mas quando se trata das artes marciais, mesmo na prática diária, o samurai deve sentir constantemente que sua habilidade supera a de todos os outros. Na arte do arco temos a prática do alvo. Se visarmos diretamente às linhas orientadoras do alvo, porém, a flecha tenderá a desviar-se para a direita e para cima. A solução é visar mais abaixo e para a esquerda. A flecha atingirá então o alvo.
>
> O samurai cujo objetivo é a excelência no campo de batalha, a superação de homens de grandes proezas militares, o samurai que passa seus dias e noites imaginando meios de capturar um inimigo forte, é a personificação do valor do samurai, vigoroso e indômito. É o que dizem as histórias dos bravos e antigos guerreiros. Na vida cotidiana, também essa deve ser a nossa resolução. (Livro Um)

15. *A educação dos filhos*

Embora a Inglaterra e os Estados Unidos sejam sociedades anglo-saxônicas, educam seus filhos de maneiras diferentes. De acordo com a criação tradicional das crianças inglesas, elas raramente podem aparecer na presença de adultos e, quando isso acontece, devem permanecer absolutamente silenciosas. Além disso, não devem interromper a conversa dos adultos, falando entre si. O silêncio é imposto à criança como parte do treinamento social e ela deve submeter-se a fim de estar preparada para falar como um cavalheiro, mais tarde.

De acordo com a maneira americana de criar os filhos, estes devem participar ativamente nas conversas, como parte de seu treinamento social. Os adultos ouvem as conversas das crianças, adultos e crianças conversam entre si, e espera-se, com isso, que a criança expresse, desde tenra idade, a sua opinião, orgulhosamente.

Não me cabe dizer qual dessas duas abordagens da educação infantil é correta. Permitam-me, porém, citar o que o *Hagakure* tem a dizer sobre o assunto:

> Há uma fórmula estabelecida para educar um filho de samurai. Na infância, sua coragem é estimulada, e não se deve jamais ameaçá-lo ou enganá-lo. Se, mesmo em criança, ele sofrer

---

* Em inglês, "springboard", no original japonês. (N. do T.)

de ansiedades ou medos, esse defeito será uma mácula que levará até o túmulo. Não se deve permitir que a criança tenha medo de trovão por descuido dos pais, ou ser proibida de entrar no escuro, sendo má política contar-lhe histórias atemorizantes para mantê-la calada quando chora.

Por outro lado, se for repreendido com demasiada severidade quando criança, transformar-se-á num adulto tímido e introvertido. De qualquer modo, deve-se ter cuidado para que não adquira maus traços de caráter. Uma vez adquirida uma tendência infeliz, não livraremos dela a criança, por mais que a repreendamos. Na maneira de falar e nos modos, deve-se levar a criança a um entendimento geral do que é adequado, e ela não deve conhecer nunca desejos vulgares. Todos os outros pontos são menos importantes, já que a maioria das crianças normais, saudáveis, crescerão de qualquer modo, a despeito de sua educação. É certamente verdade que os filhos de casamentos infelizes serão carentes de devoção filial. Até mesmo os pássaros e os animais são influenciados pelo que vêem e ouvem desde o momento em que nascem; devemos ser extremamente cuidadosos com o ambiente da criança. Algumas vezes as coisas correm mal entre pai e filho devido à tolice da mãe. Se a mãe gosta irracionalmente do filho e toma sempre seu partido quando o pai tenta repreendê-lo, está formando uma conspiração com o menino, que provoca maior atrito entre ele e o pai. Conspirar com o filho contra o pai é, ao que parece, o resultado da falta natural de objetivos da mulher, e de seu cálculo de que, conquistando o favor do filho quando ainda criança, ela assegurará o seu bem-estar no futuro. (Livro Um)

O método de educação de Jocho tem surpreendente semelhança com o ideal de educação livre e natural, exposta no *Emile*, de Rousseau. Eu poderia lembrar que o ano em que o *Hagakure*, iniciado em Hoei sete [1710] começou a circular em manuscrito foi o de 1711, o mesmo em que Rousseau nasceu.

O que Jocho defende não é simplesmente uma educação espartana; ele ressalta a importância de evitar que a criança desenvolva o medo da natureza, de evitar reprimendas excessivas. Se as crianças puderem crescer livremente num mundo delas, sem serem ameaçadas ou castigadas indevidamente pelos pais, não se tornarão covardes nem introvertidas. É interessante notar que o *Hagakure* cita um caso específico, em termos aplicáveis ao presente. Também hoje, são evidentes em toda parte as mães que amam os filhos de maneira pouco sensata e tomam o partido deles contra os pais, disso resultando uma relação desarmoniosa entre pai e filho. Especialmente hoje, com o declínio da autoridade paterna, o "filhinho de mamãe" tornou-se cada vez mais comum e houve um aumento dramático no número daquilo que os americanos chamam de "tipo de

mãe dominante"*. O pai é esquecido, e a rigorosa instrução samurai que deveria ser transmitida de pai a filho é totalmente negligenciada (na verdade, já não há nada a ser transmitido), e até mesmo para a criança o pai é reduzido a uma máquina que traz para casa o pagamento. Não há elo espiritual entre eles. A feminização dos homens é um objeto comum de crítica, hoje. Mas devemos compreender que o enfraquecimento do papel paterno se está processando num ritmo igualmente alarmante.

16. *Sinceridade nas relações humanas*

A "delicadeza"** do *Hagakure* também ensina que a sinceridade é o elemento mais importante das relações humanas. Essa opinião é aceita ainda hoje, com pouca oposição.

> Afirma-se que "Se quisermos ver o coração de um amigo, adoeçamos". Quem é nosso amigo quando estamos bem e volta-nos as costas como um estranho em épocas de enfermidade ou infortúnio, é um covarde. É de grande importância, quando um amigo enfrenta um infortúnio, ficar a seu lado, visitá-lo e levar-lhe o que ele precisar. O samurai não deve nunca, enquanto viver, deixar-se separar daqueles de quem é devedor, espiritualmente. Esse é um padrão para avaliarmos os sentimentos verdadeiros de um homem. Mas na maioria das vezes, voltamo-nos para os outros em busca de ajuda em momentos difíceis e os esquecemos totalmente quando a crise passa.

17. *O momento adequado para despedir um empregado*

Sobre a questão dos empregados, o *Hagakure* nos oferece outra amostra de conselho prudente e delicado:

> Zenjin'emon Yamamoto (pai de Jocho), quando um de seus empregados cometia alguma impropriedade, mantinha-o em seu serviço pelo resto do ano, como se nada tivesse acontecido, e então, calmamente, o despedia pouco antes do ano novo. (Livro Um)

18. *O homem e o espelho*

Como eu disse antes, se é adequado enfatizar o aspecto externo da moral, então esse aspecto externo se refletirá melhor

---

* Em inglês, "domineering mother type", no original japonês. (N. do T.)

** Em inglês, "delicacy", no original japonês. (N. do T.)

no inimigo e no espelho. É o inimigo, e também o espelho, que examina detalhadamente e avalia o nosso comportamento. Para a mulher, o espelho é uma ferramenta a ser usada em sua toalete diária, mas para o homem o espelho é material de introspecção.

Ressaltando a moral orientada para fora, Jocho naturalmente tem alguma coisa a dizer sobre os espelhos:

> Para melhorar sua aparência e sua atitude, o samurai deve adquirir o hábito de corrigi-las olhando-se no espelho. Quando cheguei à idade de treze anos, atei meu cabelo com o topete tradicional, mas permaneci recluso em casa durante cerca de um ano. Fiz isso porque todos na família estavam dizendo: "Ele tem um rosto tão inteligente que certamente acabará fracassando. O daimyo tem, acima de tudo, aversão pelos que parecem inteligentes". Assim, disposto a corrigir minha expressão facial, olhava-me no espelho todos os dias. Depois de um ano reapareci e todos observaram que eu não parecia muito saudável, e pensei comigo mesmo, é esse o serviço do samurai. Há alguma coisa que nos faz hesitar em confiar num homem que mostra a sua inteligência no rosto. Se a aparência de uma pessoa carece de um senso de dignidade calma e de serenidade, não a podemos chamar de bela. Uma aparência referente, e ao mesmo tempo severa, controlada, é ideal. (Livro Um)

É um estranho exemplo — o homem cujo rosto é inteligente demais e que finalmente consegue corrigir sua falha depois de muito tempo gasto a se olhar no espelho. Mas o que o *Hagakure* tem a dizer sobre a beleza ideal humana, ou melhor, máscula — "reverente e ao mesmo tempo severa, controlada" — ainda é um tipo de estética para a aparência masculina. "Reverente" exige uma humildade que inspira confiança nos outros, enquanto "severa" sugere um ar de austeridade e distância. O que é necessário para reconciliar e aproximar esses dois elementos opostos é uma calma serena, inabalável.

19. *Sobre os intelectuais*

> O homem calculista é um covarde. Digo isso porque todos os cálculos relacionam-se com ganhos e perdas, e tal pessoa está, portanto, constantemente preocupada com lucros e perdas. Morrer é uma perda, viver é um ganho, e por isso ela resolve não morrer. Portanto, é covarde. Da mesma forma, o homem de educação disfarça com seu intelecto e eloqüência a covardia ou ambição que é a sua verdadeira natureza. Muitas pessoas não percebem isso. (Livro Um)

Na época do *Hagakure*, provavelmente não havia uma condição correspondente à da moderna "intelectualidade".* Seus protótipos, porém, os confucionistas, eruditos e os próprios samurais, começaram a formar uma classe semelhante numa época de paz prolongada. Jocho classifica-os simplesmente como "homens calculistas". Revela, numa palavra, o vício que o racionalismo e humanismo escondem. De acordo com o engano da lógica, a morte é perda, a vida é ganho. Pensando racionalmente, quem se sentiria feliz em ir para a morte? O humanismo usa como armadura filosófica o humanismo sobre o qual se baseia, e o humanista, sob a ilusão de ter realizado a universalidade, esconde sob essa armadura a debilidade do eu e a fragilidade de seu ponto de vista subjetivo. O que Jocho critica continuamente é a discrepância entre a subjetividade e a filosofia. Se a filosofia se baseia em cálculos, e se calculando a morte como um débito e a vida como um crédito, e se pela inteligência e retórica escondemos a nossa covardia e ambição interiores, então estaremos nos enganando com uma filosofia que criamos, desnudando uma imagem lamentável de um ser humano que se engana a si mesmo.

Até mesmo de acordo com o humanismo moderno, alcançamos o heroísmo quando arriscamos não a vida de outro, mas a nossa própria vida. Em sua forma mais degenerada, porém, o humanismo moderno está habituado a esconder sob o disfarce da simpatia pela morte de outro a reação animal "Não quero morrer", e o interesse próprio de quem pretende usar tal filosofia em seu benefício. É isso o que Jocho entende por covardia.

20. *Mania de morte*

No extremo oposto do engano filosófico descrito no trecho anterior está uma explosão de pura ação, uma explosão espontânea sem a ajuda dos princípios abstratos de fidelidade ao daimyo, devoção filial, etc. Jocho não está simplesmente endossando o fascismo. Seu ideal é a mais pura forma de ação, que automaticamente compreende as virtudes da fidelidade e da devoção filial. O samurai não pode prever se seus atos incluirão a fidelidade e a devoção filial. Mas a ação humana

---

* Em inglês, "intelligentsia", no texto japonês. (N. do T.)

nem sempre segue um curso previsível. O trecho seguinte, chamado de "O Caminho do Samurai é a mania da morte", é relevante:

> O Senhor Naoshige disse: "O Caminho do Samurai é a mania da morte. Por vezes dez homens não podem derrubar um homem com essa convicção." Não se podem realizar grandes feitos num estado de espírito normal. Devemos tornar-nos fanáticos e desenvolver uma mania de morte. Quando a capacidade de discernimento já está desenvolvida, é demasiado tarde para colocá-la em prática. No Caminho do Samurai a fidelidade e a devoção filial são supérfluos; tudo o que se precisa é a mania de morte. Dentro dessa atitude, a fidelidade e a devoção filial acabarão por incluir-se. (Livro Um)

Nesse antiidealismo, ou antiintelectualismo se preferirem, há perigos inerentes. Mas o maior defeito do idealismo e do intelectualismo é o de não nos oferecermos corajosamente à face do perigo. Se o intelecto estivesse automaticamente presente na ação cega, ou se a razão, como o instinto, se tornasse uma força motivadora natural, a forma ideal da ação humana resultaria disso. Uma frase citada acima, "Dentro dessa atitude a fidelidade e a devoção filial acabarão por incluir-se", é vital. Pois Jocho acredita não no fanatismo simples, não no antiidealismo simples, mas numa harmonia prévia da ação pura em si mesma (uma teoria que o mundo é criado por Deus desde o início dos tempos para funcionar em harmonia).

21. *Palavras e atos do coração*

É um erro comum, hoje em dia, acreditar que as palavras e os atos são manifestações da consciência e da filosofia, que por sua vez são produto da mente ou coração. É nosso erro comum acreditar na existência do coração ou mente, consciência, pensamento e idéias abstratas, mesmo quando não revelados diretamente na conduta. Mas para aqueles que, como os gregos, só confiavam no que podiam ver com os próprios olhos, esse coração ou mente invisível não existe, absolutamente. E para manipular aquela entidade vaga que é a mente ou o coração, se quisermos saber o que a alimentou e modificou, não temos outra saída senão especular à base de evidências exteriores, pelas palavras e atos de uma pessoa. Essa é a mensagem de Jocho. E ele nos adverte para nunca fazermos uma observação covarde, nem mesmo numa conversa casual. A palavra

covarde torna o próprio coração covarde, e ser considerado como covarde pelos outros é o mesmo que ser covarde. A menor falha em palavras ou atos provoca o desabamento de nossa filosofia de vida. Essa verdade pode ser dura de aceitar. Se acreditarmos na existência do coração ou mente, para protegê-lo devemos observar o que dizemos ou fazemos. Através do cuidado meticuloso com as palavras e os atos, tornamo-nos inimaginavelmente ricos de uma paixão interior nova, e o coração produzirá frutos nunca antes sonhados.

O samurai deve ter cuidado em todos os assuntos, e deve evitar, rigorosamente, até mesmo as falhas menores. Por vezes um samurai não controla a língua e faz, inadvertidamente, um comentário como "Sou um covarde", ou "Se isso acontecer, vamos correr para nos salvarmos", "Como é atemorizador". Essas palavras não devem nunca passar pelos seus lábios, nem de brincadeira, nem dormindo, nem por acaso, nem em qualquer contexto. Uma pessoa perceptiva ouvindo-as perceberá a verdadeira natureza de quem a faz. Devemos estar sempre em guarda. (Livro Um)

22. *Progresso pessoal*

Embora aparentemente recomende a morte no momento mais cedo possível, na prática Jocho valoriza aquele que floresce tardiamente. Ele parece sugerir que a ação e a força humanas nem sempre florescem ao mesmo tempo que as habilidades práticas. Isso porque servir tem dois significados para o samurai. O primeiro é o de abrir mão de sua vida em favor de seu daimyo; o segundo, é servir o *han* com habilidade prática. Um aspecto interessante do *Hagakure* é colocar no mesmo nível tanto a ação como o talento prático, comumente considerados como tipos de habilidade não relacionados. Jocho vê a ambos como as duas maiores formas de capacidade, distinguindo entre eles não em qualidade, mas de acordo com a idade do indivíduo em questão. Devemos reconhecer, no caso, a natureza prática do *Hagakure*.

Quem progride no mundo ainda jovem não será eficiente no serviço de seu daimyo. Por mais inteligente que o samurai seja, sua capacidade não estará plenamente desenvolvida quando ainda jovem e ele não será totalmente aceito pelos outros. Quando tiver alcançado a idade de 50 anos, deve concluir gradualmente o seu preparo. Comportar-se de tal modo que a maioria das pessoas acreditem que sua entrada na vida pública se faz mais devagar do que deveria ser, é na realidade o seu verdadeiro caminho para

dedicar-se ao serviço. E embora possa prejudicar sua sorte, o homem dotado da vontade adequada não o fará tentando ganhos ilícitos, e com isso recuperará tudo com o tempo. (Livro Um)

23. *Novos conselhos sobre os empregados*

Eis um novo conselho sobre o assunto, também extremamente prático:

> Num poema sobre Yoshitsune[9] encontra-se a seguinte afirmação: "O general deve falar com freqüência às fileiras".
>
> As pessoas que servem numa casa, da mesma forma, estarão prontas a dedicar suas vidas ao serviço do amo voluntariamente, se, não só em circunstâncias extraordinárias mas também de maneira regular lhes forem feitos comentários pessoais como "Como me tem servido bem", "Deve ter muito cuidado quanto a isso", "Você é um verdadeiro veterano". Tais comentários são de grande importância.

24. *Concentração espiritual*

Este trecho está claramente em contradição com o Trecho Vinte e Sete, adiante. Especificamente, embora seja adequado concentrar as energias exclusivamente no Caminho do Samurai, Jocho despreza "as artes performáticas" como passatempos tolos, e nos concita a não concentrarmos nelas as nossas energias. A expressão "artes performáticas" [*geino*] é usada no *Hagakure* num sentido levemente diferente do moderno. No significado mais amplo, ela quer dizer realizações técnicas, e inclui a capacidade hoje conhecida como técnica. O que, no meu entender, Jocho quer dizer é que o samurai é um ser humano total, ao passo que o homem que está completamente absorvido pela sua habilidade técnica degenerou numa "função",* uma engrenagem de uma máquina. Aquele que dedica sua vida, de todo o coração, ao Caminho do Samurai, não se torna o devoto de uma determinada arte e não se permite ser tratado como

---

[9] Yoshitsune Minamoto (1159-1189). Grande herói militar popular, assunto de muitas lendas fantásticas. Irmão mais novo de Yoritomo Minamoto, o primeiro shogun Kamakura. Yoritomo voltou-se contra Yoshitsune e acabou levando-o ao suicídio, depois de uma resistência heróica.

* Em inglês, "function", no original japonês. (N. do T.)

uma simples função. O samurai deve desempenhar seus deveres de tal modo que, como indivíduo, represente todos os samurais e seu comportamento, em qualquer situação, possa representar o Caminho do Samurai. Quando o samurai se prepara mentalmente para suportar sozinho o peso do *han*, quando ele se dedica ao seu trabalho com grande confiança em si, deixa de ser uma simples função. Ele é um samurai; segue o Caminho do Samurai. Não se pode recear que tal ser humano degenere numa mera roda na máquina social. Mas o homem que vive para a sua eficiência técnica não pode preencher todo o seu papel humano; tudo o que pode fazer é desempenhar essa função única, especialmente numa sociedade orientada para a tecnologia, como a nossa. Se um samurai, que acalenta um ideal humano total, se entregar a um talento particular, ou a uma habilidade, todo o seu ideal será corroído por essa função específica. É o que Jocho teme. Sua imagem do ser humano ideal não é um produto de concessão, uma parte função e uma parte ser total. Uma pessoa total não precisa de uma habilidade. Ela representa o espírito, representa a ação, e representa os princípios ideais sobre os quais seu reino se baseia. Esse deve ser o significado da afirmação no trecho seguinte:

> É um erro fixar a mente em duas coisas ao mesmo tempo. Devemos dedicar toda a energia ao Caminho do Samurai, sem buscar mais nada. O mesmo princípio se aplica ao caráter para "caminho". Mas quem estudou o confucionismo ou o budismo pode achar que o Caminho do Samurai não é razoável. Só quem estudou os vários "caminhos" será capaz de compreender o que é realmente razoável. (Livro Um)

25. *A linguagem de uma era pacífica*

Aquele que, em tempo de guerra, usa palavras ásperas e másculas adequadas a tal ocasião, e em tempo de paz, palavras adequadas à paz, não é um samurai. É essencial para um samurai manter uma coerência lógica, e se devemos mostrar valor em nossas ações durante épocas de caos, então devemos demonstrar igual valor em palavras durante uma era pacífica. Esse princípio fortalece a convicção, expressa no Trecho Vinte e Um, de que as palavras e atos de um homem determinam o seu coração íntimo.

> A primeira coisa que um samurai diz, em qualquer ocasião é extremamente importante. Ele mostra, com essa única observa-

ção, todo o valor dos samurais. Em tempos de paz é a linguagem que manifesta o valor. Até mesmo em tempos de caos e destruição, uma única palavra pode revelar grande bravura. Poderíamos dizer que essa palavra é uma flor do coração. (Livro Um)

26. *Nunca uma palavra de fraqueza*

Este trecho é baseado no mesmo princípio dos Trechos Vinte e Um e Vinte e Cinco:

> Até mesmo numa conversa casual, o samurai não deve nunca queixar-se. Deve estar constantemente em guarda para não deixar escapar uma palavra de fraqueza. A partir de uma observação ligeira feita inadvertidamente, a nossa verdadeira natureza pode ser deduzida. (Livro Um)

27. *Desprezo pela habilidade técnica*

Já vimos esse ponto no Trecho Vinte e Quatro:

> O homem que adquire reputação de ser hábil numa arte técnica é um idiota. Devido à sua tolice em concentrar as energias numa coisa, tornou-se bom nela, recusando-se a pensar em qualquer outra coisa. Essa pessoa não tem nenhuma utilidade. (Livro Um)

28. *Transmitir e receber instrução moral*

É uma característica notável da sociedade japonesa a limitação pela hierarquia do mais velho antes do mais novo, e da falta de discussão entre pessoas de diferentes idades. Isso se aplica às relações humanas, hoje, bem como no passado. Os jovens que aceitaram com relutância as instruções de seus mais velhos já não têm a oportunidade de receber instrução, na época em que eles próprios já estão em posição de instruir os que lhes são mais jovens. Assim, começa a estagnação espiritual, a "arteriosclerose" se instaura e o resultado é uma resistência em grande escala à mudança social. Muito estranhamente, no Japão, até mesmo na história recente, só durante os períodos de caos e desequilíbrio é que as opiniões da juventude foram respeitadas. Quando a paz reina, elas são ignoradas. A Guarda Vermelha na China foi um estímulo emocionante à moderna juventude japonesa. Além disso, é muito

raro que as opiniões dos jovens sejam manipuladas com habilidade e usadas de modo a se tornarem um "mais" na sociedade. As agitações da Guarda Vermelha são um exemplo; outro, é a ideologia dos jovens oficiais militares no Japão, desde meados da década de 1930 até a Segunda Guerra Mundial, e que no fim foi utilizada para finalidades políticas inadequadas. Apenas uma vez na história da era moderna as idéias dos jovens abalaram a principal fortaleza do Estado, e serviram, na verdade, para a sua criação. Foi durante a Restauração Meiji.

> Muitas pessoas dão conselhos, mas os que recebem com gratidão são poucos. Ainda mais raros são os que seguem tais conselhos. Quem passa dos trinta anos não encontra ninguém que o aconselhe. Quando os conselhos deixam de lhe ser dados, ele se torna voluntarioso e egoísta. Para o resto de sua vida, acrescenta a impropriedade à tolice, até tornar-se irrecuperável. Portanto, é absolutamente necessário encontrar alguém que saiba o que é certo, relacionar-se bem com essa pessoa e receber sua instrução. (Livro Um)

Aqui, Jocho mostra seu tipo de "realismo"* e embora fizesse o grande esforço de ditar o *Hagakure*, não se esquece de acrescentar o comentário "os que recebem conselhos com gratidão são poucos".

29. *Harmonia e humildade*

Aqui, Jocho volta a contradizer-se. Tão abundantes são os seus elogios da energia e tão clara a aprovação dos excessos, que é surpreendente vê-lo exaltar as virtudes da harmonia e da humildade:

> ... Se colocarmos a outra pessoa à nossa frente, e sem ciúme nem competitividade nos comportarmos de acordo com a etiqueta, se humildemente pensarmos nos interesses da outra pessoa, mesmo com desvantagem pessoal para nós, cada encontro será como o primeiro, e as relações jamais degenerarão. (Livro Um)

Quando Jocho nos dá esses pequenos conselhos práticos, com freqüência se contradiz da maneira mais evidente. Isso é parte do estranho encanto do *Hagakure*.

---

* Em inglês, "realism", no original japonês. (N. do T.)

30. *Idade*

> Até os quarenta anos um samurai não se deve deixar levar pela sabedoria ou julgamento, mas deve depender da sua habilidade e força. Quanto mais forte for, melhor. Depende da pessoa e de sua situação na vida, mas mesmo depois dos quarenta o samurai tem pouco peso, sem força de caráter. (Livro Um)

O assunto é a força. O significado desse trecho é que a força é tudo na juventude, mas mesmo depois dos 40 não podemos passar sem ela. Aparentemente, a imagem que Jocho faz da humanidade repousa na idéia da "força".

O que é a "força"? É não ser levado pelas tentativas de sabedoria. É não exagerar no julgamento. Jocho sabia o que era observar com paciência, enquanto sua motivação para agir era esmagada pela sabedoria e julgamento. E ele tinha visto muitas pessoas perderem sua força ao chegarem à idade do discernimento, de modo que mesmo com sua sabedoria recém-conseguida e seu julgamento, tornavam-se pouco úteis. Há um delicado paradoxo nisso. Se só conseguimos a sabedoria aos 40 anos, devemos conservar a força para colocá-la em uso. Os homens, porém, em sua maioria não fazem isso. É essa a advertência de Jocho.

31. *Adversidade*

O conselho seguinte é simples:

> ... O samurai que se cansa ou desanima em momento de infortúnio não tem utilidade. (Livro Dois)

Não devemos perder o ânimo no infortúnio.

32. *Amor secreto*

> O grande amor deve ser, na minha opinião, secreto. Uma vez compartilhado, o amor perde estatura. Consumir-se de amor a vida inteira, morrer de amor sem murmurar o nome amado, esse o verdadeiro significado do amor. (Livro Um)

É comum falar-se da "estatura" de uma emoção. Uma autoridade norte-americana em literatura japonesa, Donald Keene, num comentário sobre os suicídios de amor de Chika-

matsu,[10] escreveu certa vez que quando os amantes partem em sua *michiyuki*, a peregrinação final para a morte, o tom e o brilho da linguagem intensifica-se, e os próprios amantes parecem crescer. Duas pessoas até então comuns, um lamentável homem e uma mulher envolvida em problemas familiares e financeiros, de repente alcançam as proporções gigantescas de um herói e de uma heroína trágicos.

O amor tornou-se hoje o romance de pigmeus. A estatura do amor tornou-se insignificante, e o amor não declarado é raro. O amor está perdendo o seu alcance; os amantes estão perdendo a coragem de superar os obstáculos à paixão revolucionária de modificar a moral social. O amor está perdendo seu significado abstrato. Em termos concretos, o amante perde a alegria de ter conquistado seu amor e o pesar de ter falhado em conquistá-lo: ele perde o amplo leque da emoção humana, o poder de idealizar o objeto de sua afeição. Em conseqüência, o objeto, também, tem a sua estatura infinitamente reduzida. O amor é relativo, e se a estatura da outra pessoa é diminuída, a nossa própria estatura é igualmente diminuída. Por toda Tóquio, espalham-se hoje romances de pigmeus.

33. *Epicurismo*

Quando um romance chamado *Marius the Epicurean*, do autor britânico Walter Pater, foi publicado em tradução japonesa sob o título de *Marius, o Hedonista*, esse difícil romance filosófico tornou-se um inesperado sucesso de vendagem, porque os leitores foram atraídos apenas pelo título. Tomando como tema a evolução de um jovem aristocrata em Roma durante a ascensão do cristianismo, Pater escreveu uma análise poética dos princípios filosóficos de Epicuro (o filósofo grego que pregou o hedonismo), narrando o desenvolvimento filosófico desse jovem, que levou à sua conversão ao cristianismo. A filosofia epicurista é, com freqüência, mencionada como hedonista. Na realidade, porém, ela estava a uma distância insignificante do estoicismo. Suponhamos que o leitor tem um encontro com uma certa moça e passa a noite num hotel com ela. Na manhã seguinte, sentindo-se um pouco deprimido, vai à primeira sessão de um cinema. O que sente então, mal conseguindo sufocar um bocejo ao ver um filme B, já não é o

10 Suicídios de amor de Chikamatsu. Ver nota 5.

prazer hedonista. Hedonismo é manter no coração as regras estritas peculiares ao hedonismo, e ter o cuidado de nunca fugir delas. A filosofia de Epicuro rejeita o hedonismo carnal, no qual o prazer leva à desilusão e a satisfação degenera num vazio espiritual. A satisfação é a inimiga do prazer e traz apenas desilusão. Assim Epicuro, como os filósofos da Escola Cirenaica, considera o prazer como o mais alto princípio de uma vida feliz e virtuosa. Mas a meta do prazer é a *ataraxia* (a tranqüilidade de Deus; tendo negado todos os desejos). Ele elimina o medo da morte, que poderia ameaçar esse prazer: "Enquanto vivemos, a morte é irrelevante; quando estamos mortos, não existimos. Não há razão para temer a morte". Encontramos aqui um elo entre a filosofia de Epicuro e o hedonismo de Jocho Yamamoto, pois em sua filosofia da morte está latente, de maneira clara, esse estoicismo epicurista.

> Em última análise, a única coisa que importa é a resolução do momento. Um samurai toma uma resolução após outra, até que elas acabam somando toda a sua vida. Quando compreende isso, não precisa sentir-se mais impaciente, não precisa buscar mais nada além do momento. Ele simplesmente vive sua vida concentrando-se na sua resolução. As pessoas, porém tendem a esquecer isso, e a imaginar que alguma outra coisa de importante existe. Poucos compreendem a verdade. Aprender a seguir a nossa resolução sem erro não é algo que se consiga senão depois de muitos anos. Mas depois de alcançar a fase do esclarecimento, mesmo que não raciocinemos conscientemente sobre isso, a nossa resolução jamais se modifica. Se aperfeiçoarmos uma única resolução, dificilmente nos sentiremos confusos. A fidelidade às nossas crenças é isso. (Livro Dois)

34. *Os tempos*

Sobre esse tema, o *Hagakure* é de novo incoerente. Lamentando a decadência de sua era e a degeneração dos jovens samurais, Jocho é também um observador realista do fluxo do tempo, e faz o comentário penetrante de que a resistência caprichosa ao fluxo do tempo quase nunca produz os resultados desejáveis.

> O clima de uma época é inalterável. O fato de estarem as condições agravando-se constantemente é prova de que entramos na última fase da Lei.[11] Mas a estação não pode ser sempre pri-

[11] Os últimos dias da Lei. De acordo com a doutrina budista, depois da morte do Buda histórico, o mundo passaria por três fases progressiva-

mavera ou verão, nem podemos ter sempre a luz diurna. Portanto, é inútil tentar fazer do presente os bons velhos tempos de há cem anos. O importante é tornar cada era tão boa quanto possível, de acordo com a sua natureza. O erro dos que estão sempre nostálgicos dos velhos costumes está na sua incapacidade de compreender isso. Por outro lado, as pessoas que só dão valor ao que é moderno e detestam qualquer coisa antiga são superficiais. (Livro Dois)

35. *A bravura do samurai — I*

Os jovens devem ser treinados na bravura militar, de modo a desenvolver a confiança de que são os melhores, e os mais corajosos guerreiros de todo o Japão. Por outro lado, o jovem samurai deve avaliar sua disciplina diariamente, e deve eliminar sem demora quaisquer deficiências que encontrar. A menos que a questão da bravura do samurai seja dividida dessa maneira, jamais se chegará a qualquer lugar. (Livro Dois)

36. *A bravura do samurai — II*

O samurai deve orgulhar-se muito de sua bravura militar; ele deve ter a suprema resolução de morrer como um fanático... ... (Livro Dois)

37. *Niilismo, mais uma vez*

O niilismo de Jocho cria um mundo de extremos. Embora ele elogie a energia humana e a ação pura, considera como fútil os produtos finais.

Refleti sobre isso ao longo do caminho, e ocorreu-me que os seres humanos são marionetes criados de maneira muito inteligente. Embora não estejam pendurados em cordéis, possam andar, pular e até mesmo falar — como são bem feitos! Mesmo assim, antes do próximo Festival de Bon[12] podem morrer e voltar para visitar-nos como espíritos. Que existência inútil! As pessoas parecem sempre esquecer isso. (Livro Dois)

---

mente decadentes. A última delas, chamada Mappo em japonês, o fim da Lei, deveria durar dez mil anos, e nesse período os ensinamentos do Buda deixariam de ser ouvidos.

12 Festival Bon. Festival celebrado tradicionalmente a 15 de julho. Oferece-se comida nas sepulturas e nos altares budistas, e também proporciona-se entretenimento aos espíritos dos ancestrais, que voltariam à terra para uma visita, nessa época.

38. *Cosméticos*

Não sei quantas vezes citei este trecho. Por vezes acordamos de ressaca e nossa cor é má. Nessas ocasiões, o melhor é aplicar um pouco de ruge. Os trechos seguintes, encorajando os samurais a usarem cosméticos, é chocante para os que têm um conceito estereotipado do Caminho do Samurai. Poderiam lembrar a essas pessoas o jovem afeminado que se veste de maneira tão requintada. Mesmo durante o Período Taisho [1913-1925], um produto chamado Creme Pompeiano estava em grande moda e os rapazes da época usavam no rosto.

Mas isso está muito longe do que Jocho entende por ruge. Os homens devem ser da cor das flores de cerejeira, mesmo na morte. Antes de praticar o suicídio ritual, era hábito aplicar ruge às faces, a fim de não perder a cor da vida, depois da morte. Assim, a moral de não se envergonhar ante o inimigo exige que embelezemos a nossa aparência imediatamente antes da morte, tomando precauções para preservar o rigor da vida. É muito mais importante, enquanto estamos vivos, numa sociedade de moral orientada exteriormente, esconder o rosto desanimado de um samurai com ressaca, mesmo que seja necessário para isso aplicar o ruge. Isso é um ponto chave* no qual a filosofia de Jocho, orientada para o exterior, se liga à estética. E isso porque as considerações estéticas são sempre de natureza exterior. E tal como os gregos antigos associavam a estética à ética, a moral no *Hagakure* é determinada pela estética. O que é belo deve ser forte, vivo e estar transbordando de energia. Esse é o primeiro princípio; o segundo, é que aquilo que é moral deve ser belo. Isso não significa um grande cuidado com as roupas e tornar-se afeminado, mas sim aproxima a beleza e as metas éticas na maior tensão possível. O ruge usado para disfarçar uma ressaca tem relação direta com a pintura do rosto antes do suicídio ritual.

> Devemos estar sempre equipados com ruge e pó de arroz. Pode acontecer que, ao despertar de ressaca, a nossa cor seja má. Nessas ocasiões, devemos aplicar o ruge. (Livro Dois)

39. *Como realizar uma reunião*

Acredito que na China era hábito, desde os tempos antigos, só realizar uma reunião depois de ter convencido todas as pes-

---

* Em inglês, "key point", no original japonês. (N. do T.)

soas esperadas, de modo a haver consenso na reunião. Eis um trecho em que Jocho recomenda certa sabedoria política aos japoneses, que não têm um costume semelhante.

> Sempre que tiver de haver uma conferência, deve-se primeiro falar com cada pessoa interessada, e em seguida reunir aqueles cuja opinião precisamos ouvir, e tomar uma decisão. Sem isso, haverá inevitavelmente pessoas que ficarão ressentidas com a decisão. E também quando houver uma conferência importante, devemos pedir secretamente a opinião de pessoas que não estejam envolvidas diretamente. Como essas pessoas não têm interesses em jogo, com freqüência compreendem a solução adequada. Se consultarmos os interessados na questão, eles poderão nos aconselhar num sentido que lhes seja vantajoso. A questão é que tal conselho não será muito útil. (Livro Dois)

40. *Shinto*

Acredita-se que o velho conceito Shinto de contaminação esteja em conflito direto com o Caminho do Samurai. De acordo com uma teoria, porém, a água que purifica a contaminação no ritual Shinto foi substituída no bushido pela morte. O Shinto evita a poluição pelo contato com a morte ou o sangue, mas quando o samurai entra no campo de batalha, os cadáveres e o sangue inevitavelmente se acumulam à sua volta. Em *O cordão de jóias* [Tamadasuki] escrito por Atsutane Hirata (erudito de estudos nacionais durante o final do Período Edo),[13] citam-se regulamentos detalhados para a proteção contra a contaminação, como a exigência de que, para evitar a contaminação pelo contato com a morte, deva-se ficar sentado no umbral de um aposento no qual um corpo tenha sido colocado para ser visto; ou: "Pus e sangue são formas de poluição; no caso de sangramento por hemorróidas, sangramento do nariz, etc., devemos purificar-nos realizando abluções e fazendo uma peregrinação a um santuário." O samurai, porém, nem sempre poderia ser totalmente fiel a esses velhos preceitos Shinto. É bastante convincente o argumento de que eles substituíram a morte pela água que purifica todas essas contaminações.

Jocho, porém, não propõe tal concessão, relativamente ao Shinto.

---

13 Atsutane Hirata (1776-1843). Estudioso de Assuntos Nacionais durante o fim do Período Edo. Discípulo de Norinaga Motoori. Levou a Cultura Nacional na direção do ultra-nacionalismo; afirmou a supremacia do Shinto sobre outras religiões.

"Se os deuses são daqueles que ignoram minhas orações simplesmente porque fui contaminado pelo sangue, estou convencido de que nada posso fazer, por isso continuo com meu culto a despeito da poluição." Jocho procura ser fiel ao Caminho do Samurai, rejeitando vigorosamente os tabus Shinto. A idéia japonesa tradicional da contaminação é totalmente posta de lado ante o desejo de ação violenta.

> Embora digam que os deuses são avessos à contaminação, tenho minha opinião sobre o assunto. Nunca negligencio o culto diário. Mesmo quando fico salpicado de sangue no campo de batalha, ou tropeço em cadáveres ao lutar, acredito na eficiência das orações aos deuses pedindo sucesso militar e longa vida. Se os deuses são daqueles que ignoram minhas orações simplesmente porque fui contaminado pelo sangue, estou convencido de que nada posso fazer, por isso continuo com meu culto, a despeito da poluição. (Livro Dois)

41. *Novamente o epicurismo*

Como disse antes, há um preceito essencial na filosofia do *Hagakure* que contradiz e reforça, ao mesmo tempo, a famosa afirmação, "Descobri que o Caminho do Samurai é a morte":

> A vida humana dura apenas um instante. Devemos passá-la fazendo o que nos agrada. Neste mundo passageiro como um sonho, viver na infelicidade fazendo apenas aquilo que nos desagrada é tolice. Como isso pode ser prejudicial se mal interpretado, é um segredo que resolvi não transmitir aos jovens. Gosto de dormir. Em resposta às condições do mundo atual, acho que ficarei em casa e dormirei. (Livro Dois)

42. *Tensão*

O que se segue tem certa relação com o trecho anterior. Se, devido aos objetivos morais, o homem lutar sempre para viver com beleza, e se considera a morte como o padrão último dessa beleza, então todos os seus dias devem ser um contínuo de tensão, Jocho, para quem a preguiça é o vício supremo, descobriu uma razão para viver um cotidiano de tensão incessante, que nunca diminui nem mesmo por um momento. Trata-se da luta em meio da rotina diária; é a ocupação de um samurai.

Podemos medir a estatura da dignidade de uma pessoa à base da impressão externa. Há dignidade na assiduidade e esforço. Há dignidade na serenidade. Há dignidade no silêncio. Há dignidade na observação da etiqueta adequada. Há dignidade no bom comportamento. Há uma grande dignidade também nos dentes cerrados e nos olhos lampejantes. Todas essas qualidades são visíveis externamente. O mais importante é nos concentrarmos nelas em todos os momentos e sermos totalmente sinceros ao demonstrá-las. (Livro Dois)

43. *Dignidade*

Em relação ao trecho anterior, poderíamos perguntar: O que é a dignidade? A dignidade é a manifestação exterior de um respeito próprio inviolável, é o que faz do homem um homem. É a convicção firme de que preferimos morrer a ser desprezados pelos outros. E a expressão dessa atitude na conduta social inevitavelmente leva as pessoas a manterem distância. Até certo ponto, Jocho nos aconselha a sermos o tipo de pessoa que os outros não abordam facilmente.

É certo que o senhor de um *han*, os estadistas mais velhos, os conselheiros mais importantes, devem permanecer ligeiramente distantes a fim de realizar alguma coisa importante. Se forem constantemente seguidos por dependentes, será difícil fazer as coisas. Devemos ter isso presente. (Livro Dois)

44. *Egotismo*

"Egoísmo"* é diferente de "egotismo"**. Se o homem tem respeito próprio, e se seus princípios orientadores são elevados, então já não importa o que ele diz ou faz. Ele se abstém de falar mal dos outros, mas não adota a prática especial de elogiá-los. O samurai ferozmente independente é o ideal do *Hagakure*.

É um erro falar mal dos outros. É também inconveniente elogiar. O samurai deve conhecer sua própria estatura, praticar sua disciplina com empenho e falar o menos possível. (Livro Dois)

---

* Em inglês, "egoism", no original japonês. (N. do T.)

** Em inglês, "egotism", no original japonês. (N. do T.)

45. *Efeminação*

De acordo com meu genro Gonnojo, os jovens de hoje se estão tornando efeminados. Esta é uma época na qual as pessoas de disposição agradável, alegres, pessoas que não provocam maus sentimentos, pessoas gentis, são consideradas virtuosas, de modo que tudo se tornou passivo, e uma disposição forte já não é valorizada... (Livro Dois)

Esta é uma época de "homens agradáveis e mulheres resolutas". Para onde quer que olhemos, não haverá, certamente, falta de homens encantadores. Estamos cercados pelo estereótipo do homem gentil, amado por todos, nunça ríspido. Ele transborda de um espírito de concessão, de harmonização, e no coração é um frio oportunista. É a isso que o *Hagakure* chama de efeminação. A beleza não existe para ser amada. É uma beleza de força, para as aparências e para evitar que se perca a face. Quando alguém tenta ser belo para ser amado, começa a efeminação. A isso podemos chamar de cosmético espiritual. E hoje em dia, quando até mesmo o remédio amargo está envolto em açúcar, as pessoas só aceitam o que é agradável e fácil de mastigar. A necessidade de resistência às correntes da época é hoje a mesma que era então.

46. *A atitude adequada nas relações humanas*

Jocho, que em outros trechos prega a sinceridade nas relações humanas, ressalta neste caso a necessidade de respeito próprio no trato com os outros. Esses dois aspectos surgem, ambos, das observações sempre realistas que ele faz sobre as relações pessoais.

... Como regra geral, não devemos visitar as pessoas sem sermos convidados. Os verdadeiros amigos são realmente poucos. Até mesmo quando convidado, a visita é muitas vezes deprimente... (Livro Dois)

47. *Orgulho*

O trecho seguinte não requer comentário:

Alguém disse, certa vez, "Há dois tipos de orgulho, o interior e o exterior. O samurai que não tem tanto o orgulho interior

como o exterior não é útil". O orgulho pode ser comparado à lâmina de uma espada, que deve ser afiada e em seguida recolocada na bainha. De tempos em tempos ela é retirada e levada ao nível dos olhos, limpa, e em seguida recolocada na bainha. Se a espada do samurai for sacada com freqüência e ele brandir constantemente a lâmina nua, as pessoas o considerarão inabordável, e ele não terá amigos. Se, por outro lado, a espada jamais for sacada, enferrujará, a lâmina se embotará e as pessoas zombarão dele. (Livro Dois)

48. *Os benefícios do tempo*

Jocho observa a humanidade com o distanciamento frio de um niilista e de um realista. Embora ele saiba que a vida humana é tão passageira quanto um sonho, sabe também que os seres humanos devem continuar a crescer e a amadurecer, quer queiram ou não. O tempo penetra naturalmente nas pessoas e estimula alguma coisa dentro delas. Se o samurai não enfrentar hoje a sua hora final, se não puder morrer hoje, deve continuar vivendo implacavelmente, até amanhã.

Quando Jocho viveu até a avançada idade de 61 anos, deve ter sentido agudamente a crueldade do tempo. De um certo ponto de vista, quer a morte nos chegue aos vinte ou aos sessenta, a vida é o mesmo momento efêmero. De outro ponto de vista, porém, o tempo proporcionou a esse sobrevivente, beneficamente, uma sabedoria fria e penetrante, e um conhecimento da vida humana que os falecidos aos vinte anos jamais conhecerão. É a isso que Jocho chamou de "servir". Como expliquei antes, Jocho, cuja única preocupação era servir bem ao seu daimyo, continuou a pregar sua filosofia prática sem abandonar sua visão niilista da natureza efêmera do ser. Diz ele: "Se tomarmos conta bem de nossa saúde, acabaremos realizando nosso maior desejo e servindo bem ao nosso daimyo", observação pouco característica do *Hagakure*. Para Jocho, cuidar da condição física significa manter no coração a resolução de morrer e cuidar de si mesmo de modo a poder, em qualquer momento, lutar na melhor condição física possível. Significa transbordar de força vital, preservar sempre 100% da própria energia vital. Levada a esse ponto, a filosofia da morte de Jocho transforma-se numa filosofia da vida, mas ao mesmo tempo revela um niilismo ainda mais profundo.

Todos falham ocasionalmente em alguma coisa importante, por terem sido impacientes. Se pensarmos que ainda há muito tempo,

os nossos desejos poderão ser satisfeitos mais depressa. Digamos simplesmente que a nossa hora chegará. Pensemos, por um instante, em como serão as coisas dentro de quinze anos. Tudo estará modificado, provavelmente. Fizeram-se todos os tipos de previsões para o futuro, mas estas não prevêem nada notavelmente diferente da atualidade. Das pessoas de valor que hoje prestam serviço, dentro de dez anos provavelmente nenhuma sobreviverá. E talvez apenas metade dos jovens de hoje ainda estarão vivos. O mundo piora gradualmente: quando ficamos sem ouro, a prata se transforma num tesouro; e quando a prata desaparece, o cobre se torna o tesouro. Com o passar do tempo, a capacidade humana decresce, e se realmente nos concentrarmos e fizermos um esforço, dentro de quinze anos seremos um samurai de valor. E ainda assim, como quinze anos passam com a rapidez de um sonho, se cuidarmos bem de nossa saúde, acabaremos realizando nosso maior desejo e servindo bem ao nosso daimyo. Numa era de grandes homens, é difícil fazer um nome. Quando o mundo em geral está em decadência, é relativamente fácil excelir. (Livro Dois)

Como Ler o *Hagakure*

BIBLIOTECA PÚBLICA DOM
FUNDADA EM 1867
FORTALEZA
ESTADO DO CEARÁ

A imagem japonesa da morte

"Descobri que o Caminho do Samurai é a morte. Numa crise de vida ou morte, solucione-a simplesmente escolhendo a morte imediata." (Livro Dois)

Foi na temporada da morte, durante a guerra, que o *Hagakure* foi lido. Naquela época, lia-se avidamente um romance chamado *La Mort*, de Paul Bourget, e o *Hagakure* era muito recomendado como um livro que poderia fortalecer a disposição dos jovens de participar da guerra.

Atualmente, se o *Hagakure* é lido, não sei de que ponto de vista é abordado. Se ainda há alguma razão para lê-lo, só posso supor que sejam considerações totalmente opostas às que prevaleceram durante a guerra. Nossa enorme frustração por não sermos capazes de morrer está aumentando rapidamente. Quando todas as outras exigências são satisfeitas, a morte torna-se o nosso único desejo ainda não satisfeito. E não importa como embelezemos a morte, é fora de dúvida que ela existe e nos consome pouco a pouco.

Os jovens anseiam pela morte abstratamente, ao passo que os homens de meia-idade, quanto mais tempo têm em suas mãos, mais tempo passam a preocupar-se com o câncer. E o câncer é um assassinato mais cruel do que qualquer autoridade política ousaria cometer.

Os japoneses foram sempre um povo sombriamente consciente da morte, sob a superfície de suas vidas cotidianas. Mas o conceito japonês da morte é direto e claro, sendo, nesse sentido, diferente da morte temível, repugnante, tal como vista pelos ocidentais. O deus europeu medieval da morte (o Pai

Tempo), carregando uma enorme foice, nunca existiu na imaginação japonesa. A imagem japonesa da morte é diferente, também, da imagem da morte num país como o México, em cujas esquinas obscuras de cidades modernas ainda se elevam ruínas astecas e toltecas, completamente dominadas pela morte, transbordantes da luxuriante vegetação do verão. Não aquele tipo de morte áspera e selvagem, mas uma imagem da morte além da qual existe uma fonte de água pura, da qual pequenos regatos estão constantemente jorrando essas águas puras para o nosso mundo, há muito enriqueceu a arte japonesa.

A morte segundo o *Hagakure* e a morte para os esquadrões suicidas kamikaze

Aprendemos muitas filosofias de vida do Ocidente. Mas não nos podíamos satisfazer totalmente apenas com filosofias de vida. Da mesma forma, fomos incapazes de assimilar a filosofia budista, com seu conceito estultificante do pecado e do carma, segundo o qual nascemos e renascemos por toda a eternidade.

Para Jocho, a morte tem o brilho estranho, claro, fresco, do céu azul entre as nuvens. Em sua forma modernizada ela coincide, estranhamente, com a imagem do esquadrão kamikaze, considerada a mais trágica forma de ataque usada durante a guerra. Os esquadrões suicidas foram chamados de método mais desumano de ataque, e depois da guerra os jovens que morreram neles foram desonrados. Mas o espírito desses jovens que, pelo seu país, se lançavam a uma morte certa, está mais perto, na longa história do Japão, do claro ideal de ação e morte oferecido pelo *Hagakure*, embora, se examinarmos seus motivos individualmente, certamente veremos que tiveram seus medos e suas dificuldades. Suponho que se possa dizer que os pilotos suicidas kamikaze, apesar de seu nome sonoro, foram forçados a morrer. E certamente os que ainda não haviam saído das escolas foram forçados pelas autoridades nacionais a seguir para a morte contra a sua vontade. Mesmo que tenham ido espontaneamente, foram incluídos nas forças de ataque quase que pela coação, e mandados a uma morte certa. E isso é inegavelmente verídico.

Não há distinção entre a morte escolhida e a morte obrigatória

Nesse caso, será a morte de que fala Jocho exatamente o oposto — a morte por escolha? Não me parece que seja. Jocho começa propondo a morte como um comportamento que se pode escolher, e insta para que tomemos a decisão de morrer. Mas sob a superfície desse homem, que foi proibido de se suicidar quando da morte de seu daimyo, perduraram profundos lagos de niilismo, depois que a morte recuou e o abandonou. Se o homem não é perfeitamente livre para escolher a morte, não pode ser totalmente forçado a ela. Mesmo no caso da pena capital, a forma extrema de morte obrigatória, se o condenado tenta resistir à morte espiritualmente, ela deixa de ser uma simples morte obrigatória. Até mesmo a morte pela bomba nuclear, aquela esmagadora morte por coerção, para as próprias vítimas foi morte pelo destino. Somos incapazes de enfrentar a morte até sermos encurralados entre o destino e a nossa própria escolha. E à forma final da morte apega-se eternamente a luta oculta entre a escolha humana e o destino sobre-humano. Por vezes pode parecer que alguém morreu pela sua própria escolha. O suicídio é um exemplo. Uma morte pode parecer totalmente forçada. A morte pelo bombardeio num ataque aéreo é desse tipo.

Mesmo no suicídio, porém, que aparentemente é a expressão final do livre arbítrio no processo que leva à morte inevitável, o destino, sobre o qual não temos controle, desempenha seu papel. E mesmo no caso de uma morte aparentemente natural, como a morte por enfermidade, não é raro que na evolução que leva a essa enfermidade exista alguma coisa que faz dela uma morte quase tão escolhida quanto a do suicídio. As condições para a decisão de morrer, que o *Hagakure* parece estimular, nem sempre nos são apresentadas de forma evidente e clara. O inimigo surge, combate-se o inimigo e, havendo escolha entre vida e morte, toma-se a decisão de morrer: essas condições nem sempre são proporcionadas com facilidade, nem mesmo na época em que não havia armas mais terríveis do que a espada japonesa. Como prova, o próprio Jocho viveu até os 61 anos de idade.

Em outras palavras, ninguém tem o direito de dizer do *Hagakure* e do esquadrão suicida especial que a morte para um

é a morte por escolha e a morte para o outro é a morte por coerção. A distinção só pode ser feita ante a fria, sombria realidade de um indivíduo frente à morte: é uma questão do espírito humano em estado final de tensão.

Pode-se morrer por uma causa justa?

A esta altura, devemos enfrentar o problema mais difícil relacionado com a morte. Pode a morte justa, a morte escolhida por nós em favor de um objetivo selecionado e justo, pode essa morte de fato existir? Muitos jovens de hoje dizem que não querem morrer numa guerra injusta como a do Vietnã, mas se tivessem de morrer por uma causa nacional justa, ou pelo ideal da salvação humana, caminhariam satisfeitos para sua morte. Essa atitude é, em parte, uma falha da educação de pós-guerra, especialmente a atitude de não repetir o erro dos que morreram em favor de objetivos nacionais enganosos durante a guerra, e de que de agora em diante só morrermos por causas que considerarmos justas.

Mas enquanto os seres humanos viverem dentro da estrutura de uma nação, poderão realmente limitar-se a esses objetivos justos? E mesmo sem tomar a nação como uma premissa da existência, mesmo quando vivemos com indivíduos, transcendendo a nação, teremos a oportunidade de escolher a morte em prol de uma meta justa para a humanidade? Quanto a isso, deve surgir sempre uma discrepância entre o conceito absoluto da morte e o conceito feito pelo homem, relativista, de justiça. E a justiça das metas pelas quais morremos agora — numa década ou em várias, ou talvez dentro de cem ou duzentos anos — será talvez reexaminada e modificada pela história. A minúcia e a presunção dos juízos morais humanos são colocadas pelo *Hagakure* numa categoria totalmente diferente da morte. Em última análise, não podemos escolher a morte. É por isso que Jocho recomenda a morte numa crise de vida ou morte. Certamente, o *Hagakure* não diz que isso equivale a uma escolha da morte: não dispomos do padrão para escolher a morte. O fato de estarmos vivos pode significar que já tenhamos sido escolhidos para alguma finalidade, e se a vida não é aquilo que escolhemos por nós mesmos, então talvez não sejamos, em última análise, livres para morrer.

E o que significa, para um ser vivo, o confronto com a morte? Segundo o *Hagakure*, o importante é a pureza de ação. Jocho afirma a elevação da paixão e seu poder, e também o afirma de qualquer morte a que se chegue assim. É isso o que ele quer dizer quando observa que chamar de vã uma morte é o "bushido calculista dos arrogantes comerciantes de Osaka" O pronunciamento mais importante de Jocho sobre a morte, "Descobri que o Caminho do Samurai é a morte", corta com um golpe de espada o nó górdio, a relação adversária entre a vida e a morte.

> Alguns dizem que morrer sem realizar a nossa missão é morrer em vão, mas isso é o bushido (ética samurai) calculista dos arrogantes comerciantes de Osaka. A escolha correta numa situação meio a meio é quase impossível.

Realizar a nossa missão, em termos modernos, significa morrer com acerto por uma causa justa, e o *Hagakure* diz que no momento da morte ninguém é capaz de avaliar a justiça da causa.

"Todos nós preferimos viver e por isso é perfeitamente natural nessa situação que encontremos alguma desculpa para continuar vivendo." O ser humano pode sempre encontrar uma desculpa. E os seres humanos, simplesmente em virtude de estarem vivos, devem inventar alguma teoria. O *Hagakure* é a expressão da posição relativista, segundo a qual viver como um covarde que falhou na sua missão, é melhor morrer. O *Hagakure* não afirma, de modo algum, que na morte não possamos deixar de realizar nossa missão. Nisso reside o niilismo de Jocho Yamamoto, e também nisso está o idealismo final, nascido de seu niilismo.

Temos a tendência a sofrer da ilusão de que somos capazes de morrer por uma convicção, ou uma teoria. O *Hagakure* insiste em que até mesmo uma morte impiedosa, uma morte fútil que não dá flor nem fruto, tem dignidade como a morte de um ser humano. Se damos tanto valor à dignidade da vida, como podemos não dar valor também à dignidade da morte? Nenhuma morte pode ser considerada fútil.

BIBLIOTECA PÚBLICA ... MENEZES PIMENTEL
FUNDADA EM 1867
FORTALEZA
ESTADO DO CEARÁ

APÊNDICE

Palavras de sabedoria escolhidas do *Hagakure*

BIBLIOTECA PUBLICA DOM ... FUNDADA EM 1867 FORTALEZA ESTADO DO CEARÁ

Introdução — conversas sem pressa à sombra da noite

O servidor de um daimyo deve ser bem versado na história básica e na tradição do domínio. Na época de hoje, o servidor que estuda com interesse é visto com desprezo. A essência desse estudo é familiarizar-se com as origens da casa do daimyo, e gravar na memória como essa casa floresceu através das provas e tribulações, e da benevolência de nossos ancestrais... ... Katsushige, o primeiro daimyo de Nabeshima, disse certa vez: "... Como esta época é pacífica, os caminhos do mundo se estão tornando vistosos e extravagantes. Nesse ritmo, as artes marciais acabarão sendo negligenciadas, a arrogância predominará, um fracasso se seguirá a outro, os grandes e os pequenos se verão em circunstâncias difíceis, haverá perda de face dentro e fora do domínio, e por fim a casa do daimyo desmoronará em ruínas. Olhando à minha volta, as pessoas na minha família, vejo que os velhos estão morrendo e os jovens só estão atentos às tendências da época. Talvez se eu escrever algumas informações, na forma de instruções para a posteridade, e deixá-las na casa do daimyo, os jovens possam vê-las e ter pelo menos uma certa compreensão da essência das tradições de nosso domínio." Katsushige produziu várias obras escritas, tendo passado toda a sua vida semi-enterrado em pedaços de papel. É claro, não tenho como saber o que se relaciona com as tradições secretas, mas o velho samurai me diz que a arte militar do *hachikuchi* (o caminho da vitória certa) foi passada de geração a geração do daimyo por via oral. Em sua estante, Katsushige guardava vários livros importantes de informações privilegiadas, que deveriam passar de mão em mão. Diz-se, além

disso, que registrou informações num caderno de notas de ele-
gante papel brilhante, sobre costumes e práticas da casa do
daimyo e de várias organizações dentro do domínio, inclusive
conselhos sobre as funções oficiais, em conexão com as rela-
ções com o governo central, e detalhadas descrições das funções
de cargos específicos. Seu esforço foi prodigioso e de grande
valor, e graças a ele a Casa prosperou por muito tempo. Com o
devido respeito, desejamos que o atual daimyo tenha presente
as provas e tribulações do fundador do *han*, Naoshige, e do
primeiro daimyo, Katsushige, e pelo menos examine com cuida-
do os livros que lhe foram passados. Desde o nascimento, ele
foi cercado por pessoas que o chamam de "Jovem Senhor" e o
agradam, e cresceu sem conhecer dificuldades, ignorando total-
mente nossa tradição, egoísta e dotado de vontade forte. Nunca
se dedicou aos seus deveres, e em lugar disso está sempre ten-
tando alguma coisa nova, pelo gosto da novidade. Em conse-
qüência, dentro do domínio tudo está em decadência. Em
épocas como esta, os homens inteligentes que realmente nada
sabem, jactam-se uns junto aos outros de sua grande sabedoria,
ao se reunirem para pensar em alguma coisa nova e diferente
para ganhar o favor do daimyo e introduzir-se nos assuntos do
han. Fazem absolutamente tudo o que lhes agrada... ... Ten-
do examinado a situação, resolvi pagar minha dívida de gra-
tidão para com a Casa Nabeshima, procurando ser útil nesta
época degenerada. Se meus esforços forem recebidos calorosa-
mente, então mais ainda abandonarei eu os interesses egoístas
e dedicarei minha vida ao domínio, e embora eu possa ser de-
gradado ou receber ordem de praticar o suicídio ritual, obede-
cerei calmamente, pensando que é apenas parte de meu serviço
de samurai. Até mesmo na reclusão no alto das montanhas,
mesmo da cova, embora eu morra e venha a renascer várias
vezes, a determinação de servir à Casa Nabeshima é a primeira
resolução de um samurai Nabeshima, e minha razão de viver.
Seria, a meu ver, uma atitude inadequada para quem raspou
sua cabeça e retirou-se do mundo secular, mas eu nunca dese-
jei alcançar o estado de buda. Mesmo que eu tivesse de morrer
e renascer novamente sete vezes, eu não esperaria, nem dese-
jaria, ser mais do que um samurai Nabeshima e dedicar-me
totalmente ao *han*. Numa palavra, tudo o que é necessário a
um samurai Nabeshima é ter a força de vontade de suportar
nos ombros a responsabilidade total da casa governante do seu
han. Somos todos seres humanos. Por que deveria um homem
ser inferior a outro? Habilidade e treinamento são inúteis sem

uma grande confiança em si mesmo. E se não o usarmos para a paz e prosperidade da casa governante, o treinamento de nada vale. Essa resolução, porém, como a água que ferve numa chaleira, esfria com a mesma facilidade com que esquentou. É claro, há uma maneira de impedir que esfrie. Meu método consiste dos quatro votos que se seguem: 1) Nunca ficar para trás no Caminho do Guerreiro; 2) Servir bem ao seu Senhor suserano; 3) Ser filialmente dedicado; 4) Ser profundamente compassivo e ajudar a todos os seres humanos.

Se a cada manhã orarmos aos deuses e budas pedindo ajuda na realização desses quatro votos, a nossa força duplicará e não haverá recuos. Tal como a lagarta, avançaremos lentamente. Até mesmo os deuses e os budas fazem esses votos.

O caráter chinês *gen* pode ser lido em japonês como *maboroshi* e significa "ilusão". Em japonês, os mágicos indianos são chamados *genshutsushi*, ou "ilusionistas". Os seres humanos são, nesta vida, como marionetes. É por isso que se usa o caráter *gen* para sugerir a "ilusão" do livre arbítrio.

BIBLIOTECA PÚBLICA
FUNDADA EM 1867
FORTALEZA
ESTADO DO CEARÁ

Hagakure: Livro Um

Descobri que o Caminho do Samurai é a morte

Descobri que o Caminho do Samurai é a morte. Numa crise em que as possibilidades de vida ou morte são iguais, simplesmente solucione-a escolhendo a morte imediata. Não há nisso nada de complicado. Basta firmar-se e prosseguir. Há quem diga que morrer sem cumprir nossa missão é morrer em vão, mas essa é a ética calculista, imitação da ética dos samurais, adotada pelos arrogantes comerciantes de Osaka. A escolha correta, numa situação com possibilidades idênticas, é quase impossível. Todos nós preferimos viver. Por isso, é perfeitamente natural, nessa situação, que encontremos uma desculpa para continuar vivendo. Mas quem preferir continuar vivendo, depois de ter falhado na sua missão, será desprezado como covarde e inepto. É essa a parte precária. Se morrermos depois de ter falhado, será uma morte de fanático, morte em vão. Não é, porém, desonrosa. Essa morte é na verdade o Caminho do Samurai. Para ser um samurai perfeito, é necessário prepararse para a morte a cada manhã e a cada tarde, todos os dias.

Quando o samurai está constantemente preparado para a morte, ele domina o Caminho do Samurai, e pode dedicar, sem erros, a vida ao serviço do seu senhor.

Percepção e decisão

Alguns nascem com a capacidade de usar a sabedoria instantânea, sempre que a ocasião o exige. Outros, porém, devem ficar acordados à noite, consultando demoradamente o travesseiro numa concentração angustiada, até chegarem finalmente a uma solução do problema. Mas embora essas diferenças inatas na capacidade sejam até certo ponto inevitáveis, ao fazer os Quatro Votos qualquer pessoa pode desenvolver uma sabedoria até então inédita. Poderia parecer que, por mais limitada que seja a nossa capacidade, por mais difícil que seja o problema, devemos ser capazes de encontrar uma solução, se pensarmos bastante, e por tempo suficiente, mas enquanto basearmos nosso raciocínio no "eu", seremos simplesmente ardilosos, e não sábios. Os seres humanos são tolos, sendo difícil para eles perder o "eu". Mesmo assim, frente a uma situação difícil, se colocarmos de lado o problema específico por um momento, concentrando-nos nos Quatro Votos e deixando o "eu", e então buscarmos uma solução, não falharemos com freqüência.

Conhecer os limites de nossa capacidade

Embora realmente seja pequena a nossa sabedoria, nossa tendência é tentar resolver todas as nossas dificuldades à base dessa sabedoria, com o resultado infeliz de nos tornarmos preocupados com o eu e voltarmos nossas costas para o Caminho do Céu; e no fim nossas ações se tornam más. Na verdade, para um observador devemos parecer desprezíveis, fracos, de mentalidade estreita, e totalmente ineficientes. Quando a verdadeira sabedoria parece inatingível pela nossa própria força, é aconselhável consultar os que são mais sábios. Alguém que não esteja pessoalmente envolvido será capaz de um julgamento claro, não complicado pelo interesse pessoal, e fará a escolha adequada. Olhando para o homem que toma suas decisões de maneira tão admirável, sabemos que é forte, fidedigno, com raízes firmes na realidade. Sua sabedoria, obtida em consulta com outros, é como as raízes de uma grande árvore, numerosas e grossas. Há limites à sabedoria do homem, árvore nova batida pelo vento.

A maneira adequada de criticar

Criticar as pessoas e corrigir-lhes as faltas é importante; é, na realidade, um ato de caridade — a primeira exigência do serviço do samurai. Devemos ter cuidado para fazê-lo de maneira adequada. É fácil encontrar pontos fortes e deficiências na conduta de outros; é igualmente fácil criticá-los. A maioria das pessoas parece acreditar que é uma bondade dizer às pessoas coisas que não desejam ouvir, e se suas críticas não são levadas a sério, bem, então nada mais há a fazer. Essa abordagem é totalmente destituída de mérito. Não produz resultados melhores do que se nos propuséssemos, deliberadamente, insultar e embaraçar essa pessoa. É simplesmente uma maneira de desabafarmos. A crítica deve começar *depois* de termos percebido se o criticado a aceitará ou não, *depois* de termos feito amizade com ele, partilhado de seus interesses, e agido de modo a conquistar sua confiança total, de modo que tenha fé em qualquer coisa que dissermos. E há também a questão de tato: devemos ver qual a maneira adequada de dizê-lo, e no momento próprio — talvez numa carta, talvez de volta para casa depois de uma reunião agradável. Poderíamos começar descrevendo nossas próprias falhas, e fazer com que a outra pessoa veja o que estamos querendo dizer sem uma palavra a mais do que as necessárias. Primeiro, louvamos a sua força, procurando estimulá-la e colocá-la no estado de espírito adequado, tornando-a tão receptiva às nossas palavras quanto um homem sedento à água. E então, corrigir suas falhas. Criticar bem é extremamente difícil.

Sei, pela experiência pessoal, que os maus hábitos adquiridos durante muitos anos não são rompidos com facilidade. Parece-me que a atitúde devidamente caridosa para todos os samurais a serviço do daimyo é manter familiaridade e amizade entre si, corrigindo-se mutuamente as faltas, para melhor servirem juntos ao daimyo. Embaraçando conscientemente a uma pessoa, nada realizamos — como poderia essa tática ser eficiente?

Como conter um bocejo

Bocejar em público é falta de respeito. Quando sentirmos um súbito desejo de bocejar, devemos passar a mão na testa na direção do couro cabeludo, e o desejo desaparecerá. Se isso não acontecer, fechar a boca, e passar a língua na parte interna

dos lábios — ou então, bocejar discretamente, ocultando a boca com a manga, ou cobrindo-a com a mão, a fim de sermos o menos notados possível. A mesma coisa é válida para os espirros. Se não atentarmos cuidadosamente para essas questões, pareceremos ridículos. Além disso, há muitas outras maneiras pelas quais nos devemos conter cuidadosamente.

Planejar com antecedência

É aconselhável fazer sempre planos na noite anterior e tomar nota do esquema. É uma maneira de estarmos um passo à frente das outras pessoas. Sempre que o daimyo vai a algum lugar, na noite anterior ele investiga as pessoas que o devem receber em seu destino, planeja as palavras de saudação, e a conversa a ser mantida, de acordo com isso. Devemos aprender com o daimyo e sempre que tenhamos de acompanhar alguém numa viagem, ou quando nos for concedida uma audiência com alguém, devemos primeiro examinar que tipo de homem é nosso companheiro ou anfitrião. Esse é o caminho da harmonia. É também o da etiqueta. Quando recebemos um convite de uma pessoa importante, se considerarmos isso uma obrigação, jamais poderemos comportar-nos de maneira adequada. Devemos ir, confiantes em que horas agradáveis nos esperam. Em geral, exceto a negócio, é melhor não ir onde não se foi convidado. Mesmo quando convidado, não podemos ser realmente considerados um hóspede adequado a menos que se possa dizer que nos comportamos como se comportaria um hóspede perfeito. De qualquer modo, é essencial saber antecipadamente como serão as coisas e como nos devemos comportar. O mais importante de tudo é a etiqueta quanto às bebidas. A maneira de sentar-se é de crucial importância. Não devemos permitir nunca que a reunião se torne cansativa, nem que termine muito cedo. Não é nunca uma boa idéia abster-se excessivamente se uma refeição é oferecida; na verdade, isso pode ser uma descortesia. Recusar polidamente uma ou duas vezes, e em seguida. se houver insistência, aceitar. Essa política também é boa quando se vai a alguma parte e nos convidam, inesperadamente, para ficar.

Investigar tudo antecipadamente

Na ciência militar, fala-se do "samurai esclarecido" e do "samurai não esclarecido". O samurai que aprendeu simples-

mente da experiência direta como agir quando confrontado com situações difíceis, não é esclarecido. Um samurai verdadeiramente esclarecido investiga antecipadamente todas as situações e soluções possíveis, de modo a ser capaz de se comportar de maneira brilhante quando chegar o momento. Portanto, o samurai não esclarecido pode parecer capaz de vencer uma situação difícil, mas seu êxito aparente deve-se apenas à sua boa fortuna. É realmente pouco esclarecido o samurai que não estuda todas as eventualidades antes da hora.

Os peixes não vivem em água clara

Há quem pregue constantemente uma austeridade rigorosa, mas eu discordo. Como diz o provérbio, "os peixes não vivem em água clara". São as algas marinhas que proporcionam aos peixes o esconderijo no qual pode crescer com segurança até a maturidade. É porque deixamos de ver por vezes os detalhes e não prestamos atenção a queixas menores que as pessoas a nosso serviço podem viver em paz. O entendimento desse ponto é essencial, quando examinarmos o caráter e o comportamento dos outros.

Abordagem de uma tarefa com coragem

Quando pedi a Yasaburo uma amostra de sua caligrafia, ele observou: "Devemos escrever com ousadia suficiente para cobrir todo o papel com um único caráter, com vigor suficiente para destruir o papel. A habilidade na caligrafia depende totalmente da energia e espírito com os quais é executada. O samurai deve proceder de maneira decidida, sem jamais se cansar ou desanimar, até que a tarefa esteja completada. Isso é tudo", e ele escreveu a caligrafia.

Os "assalariados" de hoje têm aspirações muito baixas

Olhando os jovens samurais de hoje, parece-me que têm aspirações lamentavelmente baixas. Têm o olhar furtivo dos batedores de carteiras. A maioria deles procura apenas defender os seus interesses pessoais, ou mostrar sua esperteza, e mesmo

os que parecem calmos de coração estão simplesmente aparentando. Essa atitude não é aconselhável. A menos que o samurai tenha como aspiração nada menos do que oferecer sua vida pelo seu senhor, uma morte rápida e a transformação num espírito, a menos que se preocupe sempre com o bem-estar de seu daimyo, a quem deve apresentar-se imediatamente depois de ter resolvido um problema, com a preocupação constante de fortalecer sempre as bases do reino, não poderá ser chamado de um verdadeiro samurai a serviço de seu senhor. Nesse sentido, o daimyo e o servidor devem ser da mesma disposição. Portanto, é absolutamente necessário permanecer firme, numa disposição tão forte que nem mesmo os deuses e budas possam nos desviar de nosso propósito.

Os homens realmente viris desapareceram

Isso me foi contado por um conhecido. Um certo doutor Kyoan fez a seguinte declaração: "Na medicina distinguimos entre homens e mulheres atribuindo a cada um deles os princípios do yin e do yang, e o tratamento médico difere segundo o sexo, originalmente. O pulso também é diferente. Nos últimos cinqüenta anos, porém, o pulso dos homens gradualmente tornou-se igual ao das mulheres. Desde que observei esse fenômeno, pareceu-me adequado tratar as enfermidades oculares dos pacientes masculinos com o método normalmente adequado ao pulso das pacientes femininas. Quando tento aplicar aos meus pacientes masculinos os tratamentos dos homens, não obtenho nenhum resultado. O mundo está, realmente, entrando numa fase de degeneração; os homens estão perdendo a virilidade e se estão tornando como as mulheres. É uma verdade inabalável que aprendi com a experiência direta. Resolvi mantê-la em segredo, não divulgando-a ao mundo em geral. "Quando, tendo presente esta história, olho à minha volta os homens de hoje, penso com freqüência: "Ah! Ali vai um exemplo do pulso feminino". Quase nunca vejo o que chamo de um homem de verdade. E por essa mesma razão, hoje em dia é possível destacar-se e chegar a uma posição de importância com um mínimo de esforço.

Como prova de que hoje os homens se estão tornando covardes e fracos, veja-se o fato de serem poucos os que têm a experiência de decapitar um criminoso com as mãos atadas às costas, e quando se lhes pede que atuem como segundos num

suicídio ritual, a maioria dos homens julga hoje ser inteligente apresentar uma desculpa engenhosa para recusar. Até quarenta ou cinqüenta anos atrás, ter sido ferido em combate era marca de virilidade, e uma coxa sem marcas era um indício gritante de inexperiência ou covardia, a tal ponto que os homens não ousavam expô-la em público, preferindo ferir-se a si mesmos para criar uma cicatriz, se necessário. Esperava-se que os homens tivessem sangue quente e fossem impetuosos. Hoje, porém, a impetuosidade é considerada uma idiotice, e os homens de fala inteligente usam a língua para cumprir suas responsabilidades sem levantar um dedo. Gostaria que os jovens refletissem bem sobre esse ponto.

Os seres humanos são como marionetes

O caráter chinês *gen* pode ser lido em japonês como *maboroshi* e significa "ilusão". Em japonês, os mágicos indianos são chamados de *genshutsushi*, ou "ilusionistas". Os seres humanos são, nesta vida, como marionetes. É por isso que se usa o caráter *gen* para sugerir a "ilusão" do livre arbítrio.

"A vantagem está com o observador"

Odiar o mal e viver na virtude é extremamente difícil. E o que é surpreendente, muitos erros nascem da convicção de que é essencial ser rigorosamente lógico e valorizar a virtude acima de tudo. Há um caminho mais alto do que a virtude, mas descobri-lo não é fácil, e exige uma sabedoria da mais elevada ordem. Comparados a esse Caminho, os princípios lógicos são realmente insignificantes. O que não experimentamos diretamente, não podemos conhecer. E não obstante, há um meio de saber a verdade muito embora não tenhamos sido capazes de discerni-la por nós mesmos. O caminho está em falar com as outras pessoas. Ocorre muitas vezes que mesmo uma pessoa que ainda não se aperfeiçoou pode ser capaz de orientar outras. O princípio no caso é semelhante ao que em *go* é chamado de "A vantagem está com o observador". Falamos de "conhecer nossas falhas pela contemplação", mas também isso se faz melhor conversando com os outros. A razão é que quando aprendemos ouvindo o que os outros têm a dizer e lendo

livros, transcendemos as limitações de nossa própria capacidade de discernimento e seguimos os ensinamentos dos antigos.

Há sempre margem para melhoria

Ouvi dizer que certo mestre espadachim, tendo chegado à idade avançada, fez a seguinte declaração:

"O treinamento do samurai dura a vida inteira, e há nele uma ordem adequada. No mais baixo nível de treinamento, embora pratiquemos, não parecemos melhorar, sabemos que somos inábeis, e acreditamos a mesma coisa em relação aos outros. A essa altura, desnecessário dizer, não somos úteis ao serviço do daimyo. No nível intermediário, ainda não somos realmente úteis, mas já temos consciência de nossas deficiências e começamos a reconhecer as deficiências dos outros. Quando o samurai atinge o mais alto nível, pode enfrentar qualquer situação à base de sua sabedoria, de modo que já não precisa seguir os ensinamentos dos outros. Ele adquire confiança na sua capacidade, alegra-se ao ser elogiado, e lamenta as falhas dos outros. Tal samurai, bem podemos dizê-lo, é útil ao serviço do daimyo. E até mesmo acima desse nível, há aqueles cujas expressões faciais nunca revelam o que pensam, nem procuram exibir sua capacidade — na verdade, fingem-se ignorantes e incompetentes. E o que é mais, respeitam a habilidade dos outros. Na maioria dos casos, suponho ser isso o que melhor se pode aspirar.

Mas em nível ainda superior há um reino extremo que transcende a habilidade dos mortais comuns. Aquele que penetra profundamente no Caminho desse reino compreende que não há fim para o seu treinamento e que jamais virá o tempo em que estará satisfeito de seus trabalhos. Portanto, o samurai deve conhecer suas deficiências bem e passar a vida treinando, sem jamais sentir que fez o bastante. É claro que não deve ter nunca uma confiança excessiva, mas também não se deve sentir inferior aos outros."

Yagyu, o mestre de kendo dos shoguns Tokugawa, teria dito o seguinte: "Não sei como ser melhor do que os outros. Tudo o que sei é como ser melhor do que eu mesmo." Dizendo a si mesmo, "Hoje sou melhor do que fui ontem, amanhã serei ainda melhor", o verdadeiro samurai vive seus dias num constante esforço para melhorar. O treinamento é isso, um processo sem fim.

As considerações importantes devem ser tomadas com ligeireza

Entre as proclamações públicas do Senhor Naoshige está a seguinte: "As considerações importantes devem ser tomadas com ligeireza." Um comentário de Ittei Ishida (erudito confuciano do *han* de Saga e mestre de Jocho Yamamoto) explica: "As questões menores devem ser levadas a sério." Os problemas realmente importantes são poucos; provavelmente não ocorrem mais de duas ou três vezes na vida. A reflexão cotidiana nos mostrará isso. Portanto, é necessário planejar com antecedência o que fazer no caso de uma crise, e quando esse momento chegar, lembrar o plano e resolver o problema de acordo com ele. Sem um preparo cotidiano, quando surgir uma situação difícil podemos ser incapazes de uma decisão rápida, o que teria resultados desastrosos. Portanto, podemos dizer que a resolução cotidiana sobre um determinado curso de ação é o princípio que está por trás da afirmação de que "As considerações importantes devem ser tomadas com ligeireza".

Quando não se pode decidir entre viver ou morrer, é melhor morrer

O famoso samurai Kiranosuke Shida disse: "Se seu nome nada significa para o mundo, morto ou vivo, é melhor viver." Shida é um samurai formidável, e os jovens interpretaram mal essas palavras, tomando-as como brincadeira, e pensaram, erroneamente, que ele estava defendendo a conduta desonrosa. Num pós-escrito, ele diz: "Quando em dúvida sobre se comer ou não comer, é melhor abster-se. Quando não podemos decidir entre viver ou morrer, é melhor morrer."

O homem que nunca erra não merece confiança

Certa vez, durante um debate sobre a promoção de um certo homem, declarou-se que ele havia sido no passado um grande bebedor, e todos então se sentiram inclinados a negar-lhe a promoção. Alguém presente, porém, insistiu: "Se abandonamos totalmente um homem porque ele cometeu um único erro, jamais produziremos uma personagem realmente superior. O homem que errou uma vez lamenta profundamente seu erro,

comporta-se com propriedade e controle, e mostra-se notavelmente útil no serviço. Promovam esse homem." Com o que alguma outra pessoa disse: "O senhor assumirá responsabilidade pelo resultado?" Quando ele disse que sim, todos lhe pediram que desse uma razão, e ele respondeu: "Aceito total responsabilidade porque é um homem que errou uma vez. Quem nunca errou não merece confiança." O homem conseguiu, afinal de contas, a sua promoção.

Em lugar da vitória, concentração na morte

Um homem foi certa vez desgraçado porque falhou em vingar-se de um mal que lhe tinha sido feito. A verdadeira maneira de vingar-se é marchar diretamente para o campo inimigo e lutar até ser derrubado. Se o samurai se lançar à luta, não terminará na desgraça. É porque esperamos ter êxito que não nos colocamos à altura. Enquanto pensarmos que somos menos numerosos e enfrentamos problemas, o tempo passa; por fim, podemos decidir esquecer todo o assunto. Embora o inimigo possa ser numeroso, se o samurai mantiver sua posição, decidido a vencê-los a todos sozinho, a luta será logo solucionada. De fato, as coisas provavelmente sairão bem. Mesmo no caso dos Quarenta e Sete Ronin da Casa Asano, que finalmente atacaram Kira à noite para vingar a morte de seu suserano senhor, eles não cumpriram o que se esperava, originalmente, por não praticar o suicídio ritual juntos em Sengakuji, imediatamente. Tal como as coisas se passaram eles demoraram a vingar a morte de seu senhor, e se Kira tivesse adoecido e morrido antes que pudessem colocar em prática o seu plano, teriam perdido para sempre a oportunidade...

Como regra, não critico a conduta dos outros, mas como estamos investigando o Caminho do Samurai, sinto que devo dizer isto. Se não examinarmos detalhadamente todas as contingências, com antecipação, quando chegar o momento não seremos capazes de chegar a uma conclusão sólida, e a conseqüência habitual será atrairmos sobre nós a desonra.

Aprender com aquilo que os outros nos dizem, e tentar discernir a essência das coisas, é o preparo para formar nossa resolução antes que a crise ocorra. Entre outras coisas, o Caminho do Samurai exige que ele compreenda que qualquer coisa pode ocorrer a qualquer momento para testar a profundidade de sua resolução, e dia e noite ele deve ordenar seus

pensamentos e preparar uma linha de ação. Dependendo das circunstâncias, ele pode ganhar ou perder. Mas evitar a desonra é uma consideração totalmente diferente da vitória ou derrota. Para evitar a desonra ele deve morrer. Mas se da primeira vez as coisas não se passarem como ele desejaria deve tentar novamente. Para isso não é necessária nenhuma sabedoria ou habilidade especiais. O samurai veterano pensa não na vitória ou derrota, mas apenas luta insanamente até a morte. Só então ocorre a compreensão.

Não formar opiniões fixas

É um erro ter convicções pessoais fortes. Se pela diligência e concentração da mente o samurai adquire opiniões fixas, é capaz de chegar à conclusão apressada de que já alcançou um nível aceitável de desempenho, o que é muito pouco aconselhável. O samurai deve acumular diligência sobre diligência, atingindo primeiro o domínio total dos princípios e habilidades básicas, e em seguida continuar seu treinamento de modo que as habilidades básicas dêem frutos. O samurai não deve nunca relaxar, mas continuar seu treinamento durante toda a vida. Achar que se pode relaxar a disciplina simplesmente por ter feito algumas descobertas pessoais, é o cúmulo da tolice. O samurai deve sempre pensar, "Neste e naquele ponto ainda estou longe da perfeição", e passar toda a sua vida treinando, buscando assiduamente o verdadeiro Caminho. É apenas no processo desse treinamento que podemos encontrar o Caminho.

Resolução diária

Até cinqüenta ou sessenta anos atrás, os samurais faziam suas abluções todas as manhãs, raspavam a cabeça e perfumavam os topetes. Depois cortavam as unhas das mãos e dos pés, lixavam-nas com pedrapomes e, finalmente, poliam-nas com a erva *kogane*. Não eram nunca negligentes nessas questões e tinham muito cuidado em se apresentar bem. Em seguida, o samurai examinava suas espadas longa e curta, para ter certeza de que não se estavam enferrujando, limpava-lhes a poeira e as lustrava. Ter todo esse trabalho com a aparência pode parecer afetação, mas o costume não nasceu do gosto pela elegância ou romance. Podia-se ser derrubado a qualquer momento numa

batalha vigorosa; morrer com uma aparência desleixada é revelar uma frouxidão geral de hábitos, e ser desprezado e zombado pelo inimigo. Assim, tanto na juventude quanto na velhice o samurai esforçava-se para ter a melhor aparência possível. Essa minúcia pode parecer perda de tempo e causadora de mais trabalho do que vale a pena, mas é esse o Caminho do Samurai. Na realidade, isso exige pouco esforço ou tempo. Se, sempre preparado para morrer, o samurai começa a pensar em si como se já estivesse morto, se é diligente no serviço de seu senhor e aperfeiçoa-se nas artes militares, certamente nunca passará vergonha. Mas se o samurai passar seus dias de maneira egoísta, fazendo exatamente o que quer, numa crise ele se cobrirá de desonra. E tendo-o feito, nem sequer terá consciência de sua vergonha, e imaginando que enquanto estiver a salvo e feliz nada mais importa, ele se degradará de maneira indizível — o que é profundamente lamentável.

O samurai que não está preparado para morrer a qualquer momento terá, inevitavelmente, uma morte indigna. Mas o samurai que vive sua vidá em constante preparativo para a morte — como poderia ele comportar-se de maneira desprezível? Devemos refletir bem sobre esse ponto, e agir adequadamente. Os tempos mudaram nos últimos trinta anos. Agora, quando os jovens samurais se reúnem, falam de dinheiro, de lucros e perdas, de como administrar uma casa com eficiência, como julgar o valor das roupas, e contam-se histórias de sexo. Se algum outro assunto é mencionado, a atmosfera é prejudicada e os presentes sentem-se pouco à vontade. A que situação deprimente chegaram as coisas! Antes, até a idade de vinte ou trinta anos o jovem nunca tinha um pensamento mesquinho ou mundano, e por isso naturalmente nunca falava dessas coisas. E se na sua presença homens mais velhos deixavam escapar acidentalmente uma observação dessas, os jovens se sentiam tão mal como se tivessem sido fisicamente feridos. Ao que parece, a nova tendência surgiu porque a era moderna passou a valorizar o luxo e a ostentação. Só o dinheiro passou a ter grande importância. Certamente, se os jovens não tivessem gostos luxuosos inadequados à sua situação, essa atitude errônea desapareceria.

Por outro lado, louvar como dotados de recursos os jovens que são econômicos e frugais, é bastante desprezível. A frugalidade leva, inevitavelmente, a uma falta de senso do *giri*, ou das obrigações sociais e pessoais. Será necessário acrescentar

que o samurai que esquece suas obrigações para com os outros é mesquinho, baixo e ignóbil?

Todo ser humano tem muito a aprender

De acordo com o erudito confuciano Ittei Ishida, até mesmo um mau escritor pode aprender a escrever com uma caligrafia passável, se seguir de maneira escrupulosa e diligente o livro de exercícios. O mesmo se pode dizer do serviço do samurai. Se tomarmos como modelo um bom samurai, provavelmente nos sairemos muito bem. Nos dias de hoje não há, infelizmente, nenhum samurai digno de imitação total, de modo que temos necessidade de criar nos olhos da mente um modelo adequado à emulação. A maneira de criar esse modelo é pensar em quem, entre nossos conhecidos, sabe observar a etiqueta, a propriedade e a cerimônia; quem tem mais coragem; quem é mais eloqüente; quem está, moralmente, acima de qualquer censura; quem é mais íntegro; quem pode tomar uma decisão mais rapidamente numa crise e em seguida imaginar uma composição de todas essas pessoas. O resultado será um excelente modelo, bem digno de imitação.

É certo, em qualquer arte, que os pontos fortes de um mestre são difíceis de aprender, mas suas fraquezas são facilmente adquiridas pelos seus discípulos — e naturalmente esses pontos fracos não têm nenhuma utilidade. Há pessoas que conhecem a etiqueta mas carecem de integridade. Quando tentamos aprender com elas, tendemos a ignorar a etiqueta e a imitar apenas a falta de integridade. Quando aprendemos a reconhecer os pontos fortes dos outros, podemos tomar qualquer um como modelo, qualquer um pode ser nosso mestre.

Como comportar-se numa festa

Muitos homens fracassaram na vida em conseqüência do excesso de bebida. Isso é muito lamentável. Devemos conhecer nossa capacidade de beber, sendo aconselhável nunca ultrapassá-la. Mesmo assim, ocasionalmente cometemos um erro de cálculo. O samurai não deve nunca relaxar a sua guarda ao beber, de modo que se alguma coisa inesperada ocorrer, ele estará pronto a enfrentá-la de maneira adequada. Os banquetes onde o álcool é servido são como o "céu aberto", e há muitos olhos observadores. Devemos ser cautelosos.

Nunca desanimar

Ao visitar um amigo que enfrentou um desastre pessoal, o que lhe dissermos como encorajamento é de extrema importância. Ele poderá perceber nossos verdadeiros motivos nessas palavras. O verdadeiro samurai não deve aparentar nunca desânimo, nem perder a coragem. Deve avançar corajosamente como se tivesse certeza de chegar ao topo. Sem isso ele será totalmente inútil. Nisso está o segredo de encorajar um amigo em dificuldades.

Lição para um dia de chuva

Há uma coisa chamada de "atitude para com a tempestade". Quando colhidos por uma chuva súbita, podemos decidir não nos molharmos correndo o mais depressa possível, ou tentando caminhar sob os beirais das casas no caminho — mas mesmo assim, nos molhamos. Se desde o início estivermos mentalmente preparados para nos molharmos, não nos sentiremos desconfortáveis quando isso ocorrer. Essa atitude é benéfica em todas as situações.

O samurai deve confiar em seus méritos insuperáveis

O Meio Termo é muito valorizado, mas quando se trata das artes marciais, mesmo na prática diária o samurai deve sentir constantemente que sua habilidade supera a de todos os outros. Na arte do arco, temos a prática do alvo. Se visarmos diretamente às linhas orientadoras do alvo, porém, a flecha tenderá a desviar-se para a direita e para cima. A solução é visar mais abaixo e para a esquerda. A flecha atingirá então o alvo.

O samurai cujo objetivo é a excelência no campo de batalha, a superação de homens de grandes proezas militares, o samurai que passa seus dias e noites imaginando meios de capturar um inimigo forte, é a personificação do valor do samurai, vigoroso e indômito. É o que dizem as histórias dos bravos e antigos guerreiros. Na vida cotidiana também essa deve ser a nossa resolução.

A vitória inicial é a vitória uma vez por todas

Na velhice, Tetsuzan fez certa vez a observação seguinte: "Eu costumava pensar que o combate real frente a frente difere da luta *samo* porque não importa se somos derrubados logo de início, desde que vençamos no final. Recentemente, porém, mudei de opinião. Se o juiz nos separasse no momento em que estamos no chão, seríamos declarados derrotados. Vencer desde o começo é ser o vencedor constante".

Educação dos filhos

Há uma fórmula estabelecida para educar um filho de samurai. Na infância, sua coragem é estimulada, e não se deve nunca ameaçá-lo ou enganá-lo. Se mesmo em criança ele sofrer de ansiedades ou medos, esse defeito será uma mácula que levará até o túmulo. Não se deve permitir que a criança tenha medo do trovão por descuido dos pais, ou ser proibida de entrar no escuro, sendo má política contar-lhe histórias atemorizantes para mantê-la calada quando chora.

Por outro lado, se for repreendido com demasiada severidade quando criança, transformar-se-á num adulto tímido e introvertido. De qualquer modo, deve-se ter cuidado para que não adquira maus traços de caráter. Uma vez adquirida uma tendência infeliz não livraremos dela a criança, por mais que a repreendamos. Na maneira de falar e nos modos, deve-se levar a criança a um entendimento geral do que é adequado, e ela não deve conhecer nunca desejos vulgares. Todos os outros pontos são menos importantes, já que a maioria das crianças normais, saudáveis, crescerão de qualquer modo, a despeito de sua educação. É certamente verdade que os filhos de casamentos infelizes serão carentes de devoção filial. Até mesmo os pássaros e os animais são influenciados pelo que vêem e ouvem desde o momento em que nascem; devemos ser extremamente cuidadosos com o ambiente da criança. Por vezes as coisas correm mal entre pai e filho devido à tolice da mãe. Se a mãe gosta irracionalmente do filho e toma sempre seu partido quando o pai tenta repreendê-lo, está formando uma conspiração com o menino, que provoca maior atrito entre ele e o pai. Conspirar com o filho contra o pai é, ao que parece, resultado da falta natural de objetivos da mulher e seu cálculo de que conquistando o favor do filho quando ainda criança, ela assegurará seu bem-estar no futuro.

A realização artística leva à ruína pessoal

Que uma realização artística ajudará a ganhar a vida é coisa que só se aplica aos samurais de outros domínios. Para os samurais desta casa reinante, essa realização leva ao aviltamento da condição. Qualquer pessoa especialmente hábil numa determinada arte é um técnico, não um samurai. Se uma pessoa, cujo nome não diremos, quiser ser considerada como um samurai, deve compreender que qualquer realização artística é um detrimento para sua estatura de samurai. Só quando compreender isso é que todas as formas de habilidade se tornam úteis para ele. Devemos ter presente esse ponto.

A ação é melhor do que a previsão

Alguém observou certa vez: "Acredita-se em geral que nada é mais difícil do que ser um ronin, e quando esse destino recai sobre um homem, ele imediatamente perde o ânimo e abre mão de tudo. Na realidade, ser um ronin é totalmente diferente do que eu havia imaginado e não é tão mau assim. De fato, eu gostaria de ser um ronin novamente, por algum tempo." Concordo com essa pessoa. O mesmo se poderia dizer sobre a morte: Se o samurai ensaia todos os dias a sua morte, mentalmente, quando chega o momento ele será capaz de morrer calmamente. Como os desastres não são nunca tão formidáveis como se prevêem, é tolice passar o tempo a preocupar-se com eles antes da hora. Será melhor resignarmo-nos desde o início ao fato de que o destino final de um samurai a serviço de seu senhor é tornar-se um ronin ou praticar o seppuku.

Para testar os verdadeiros sentimentos de uma pessoa, adoeça

Afirma-se que "Se quisermos ver o coração de um amigo, adoeçamos". Quem é nosso amigo quando estamos bem e volta-nos as costas como um estranho nas épocas de enfermidade ou infortúnio, é um covarde. É de grande importância, quando alguém enfrenta um infortúnio, ficar a seu lado, visitá-lo, e levar-lhe o que ele precisar. O samurai não deve nunca, enquanto viver, deixar-se separar daqueles de quem é devedor, espiritualmente. Esse é um padrão para avaliarmos os verdadeiros

sentimentos de um homem. Mas na maioria das vezes, voltamo-nos para os outros em busca de ajuda em momentos difíceis, e os esquecemos totalmente quando a crise passa.

O sucesso mundano é apenas uma questão de destino

O bem ou o mal no caráter de um homem não se reflete no sucesso ou no fracasso mundanos. A prosperidade e o declínio são, afinal de contas, obras da natureza, ao passo que o bem e o mal são uma questão de avaliação humana. Mesmo assim, para finalidades didáticas, é conveniente falarmos como se o sucesso ou o fracasso no mundo fossem o resultado direto de um bom ou mau caráter.

O momento adequado para despedir um empregado

Zenjin'emon Yamamoto (pai de Jocho), quando um de seus empregados cometia uma impropriedade, mantinha-o em seu serviço pelo resto do ano, como se nada tivesse acontecido, e então, calmamente, o despedia pouco antes do novo ano.

O homem que parece inteligente jamais terá êxito

Para melhorar sua aparência e sua atitude, o samurai deve adquirir o hábito de corrigi-las olhando-se no espelho. Quando cheguei à idade de treze anos, atei meu cabelo com o topete tradicional, mas permaneci então recluso em casa durante cerca de um ano. Fiz isso porque todos estavam dizendo: "Ele tem um rosto tão inteligente que certamente acabará fracassando. O daimyo tem, acima de tudo, aversão pelos que parecem inteligentes". Assim, disposto a corrigir minha expressão facial, olhava-me no espelho todos os dias. Depois de um ano reapareci, e todos observaram que eu não parecia muito saudável, e pensei comigo mesmo, é esse o serviço do samurai. Há alguma coisa que nos faz hesitar em confiar num homem que mostra sua inteligência no rosto. Se a aparência de uma pessoa carece de um senso de dignidade calma e de serenidade, não a podemos chamar de bela. Uma aparência reverente, e ao mesmo tempo severa, controlada, é o ideal.

O investigador oficial deve ser duro com seus superiores

A menos que o investigador oficial [*metsuke*] esteja em condições de ver todo o quadro, ele será mais prejudicial do que benéfico. A razão pela qual temos o *metsuke* é preservar a lei e a ordem no domínio. O daimyo não pode, sozinho, acompanhar o que está acontecendo em todos os cantos da terra. O principal trabalho do *metsuke* é saber tudo o que for possível sobre a direção do daimyo, os escrúpulos de seus estadistas antigos, os vícios e as virtudes da administração civil, a opinião pública, e a riqueza e felicidade do povo. Portanto, os *metsuke* deviam ser, originalmente, rigorosos na fiscalização de seus superiores. Não obstante, hoje os *metsuke* espionam os desvios de comportamento entre o povo, disso resultando a generalização do vício, e são mais prejudiciais do que benéficos. Embora seja certo que há alguns modelos de perfeição entre o povo, seus pequenos vícios não causam dano sério ao Estado. Além disso, o funcionário encarregado de investigar a verdade ou falsidade de uma acusação deve, na verdade, esperar que o testemunho do acusado seja verdadeiro, e que ele não sofra castigo. Essa atitude será também vantajosa, no final, para a casa do daimyo.

Não devemos calcular as coisas à base de ganhos e perdas

O homem calculista é um covarde. Digo isso porque todos os cálculos relacionam-se com ganhos e perdas, e tal pessoa está portanto constantemente preocupada com lucros e perdas. Morrer é uma perda, viver é um ganho, por isso ela resolve não morrer. Portanto, é covarde. Da mesma forma, o homem de educação disfarça com seu intelecto e eloqüência a covardia ou ambição que é a sua verdadeira natureza. Muitas pessoas não percebem isso.

Fazer tudo como se fosse morrer

O Senhor Naoshige disse: "O Caminho do Samurai é a mania da morte. Por vezes dez homens não podem derrubar um homem com essa convicção." Não se podem realizar grandes feitos num estado de espírito normal. Devemos tornar-nos fanáticos e desenvolver uma mania de morte. Quando a capa-

cidade de discernimento já está desenvolvida é demasiado tarde para colocá-la em prática. No Caminho do Samurai a fidelidade e a devoção filial são supérfluos: tudo o que se precisa é a mania de morte. Dentro dessa atitude, a fidelidade e a devoção filial acabarão por incluir-se.

A dificuldade é causa de regozijo

Não basta simplesmente evitar o sentimento de desânimo frente às dificuldades. Quando um desastre ocorre a um samurai, ele deve alegrar-se e exultar com a oportunidade de agir com energia e coragem. Bem poderíamos dizer que essa atitude transcende a simples resignação. "Quando a maré está alta, o barco sobe".

Se o Senhor é humano, eu também sou um ser humano

É pusilanimidade pensar, depois de ter ouvido os feitos de um senhor, que jamais seremos iguais a ele, por mais que nos esforcemos. Devemos empenhar-nos, pensando "Sou tão homem quanto o senhor; por que seria inferior a ele?" Quando o samurai se prepara para esse desafio, já entrou no Caminho da melhoria. Ittei Ishida disse: "O homem que é reconhecido como sábio adquire essa reputação porque começou sua busca do conhecimento ainda jovem. Ele não se torna subitamente sábio pelo treinamento intensivo no fim da vida". Em outras palavras, na época em que tomamos a resolução de nos tornarmos excelentes, podemos experimentar a verdadeira iluminação.

BIBLIOTECA PÚBLICA ... FUNDADA EM 1867 FORTALEZA ESTADO DO CEARÁ

O samurai nunca relaxa a sua guarda

O samurai deve ter cuidado em todos os assuntos, e deve evitar, rigorosamente, até mesmo as falhas menores. Por vezes um samurai não controla a língua e faz, inadvertidamente, observações como "Sou um covarde", "Se isso acontecer, vamos correr para nos salvarmos", "Como é atemorizador" etc. Essas palavras não devem nunca passar pelos seus lábios, nem de brincadeira, nem dormindo, nem por acaso, nem em qualquer contexto. Uma pessoa perceptiva, ouvindo-as, perceberá a ver-

dadeira natureza de quem as faz. Devemos estar sempre em guarda.

Tome sua decisão no espaço de sete respirações

Há um velho ditado, "Tome sua decisão no espaço de sete respirações". O senhor Takanobu Ryuzoji observou certa vez, "Se hesitarmos demais em tomar uma decisão, adormecemos". O senhor Naoshige disse: "Quando agimos demoradamente, sete de cada dez ações são erradas". É extremamente difícil tomar decisões quando estamos perturbados. Mas sem nos preocuparmos com questões menores, abordamos o problema com uma mente aguçada, e sempre chegaremos a uma decisão dentro de sete respirações. Devemos examinar o problema calmamente e com uma disposição simples.

As pessoas que são amadas e as que não o são

O homem de pouco conhecimento torna-se logo arrogante e se compraz em ser chamado de capaz. Essas pessoas, que se dizem demasiado boas para a idade moderna, que se julgam mais talentosas do que qualquer outra, serão inevitavelmente punidas pelo Céu.

Não importa qual seja a sua capacidade, o homem que não é amado não tem qualquer utilidade. Aquele que trabalha com afinco, que gosta de seu trabalho e é extremamente humilde, que gosta de estar em posição subordinada com relação aos seus iguais, será amado.

Não devemos conquistar fama e fortuna ainda muito jovens

Quem progride no mundo ainda jovem, não será eficiente no serviço do seu daimyo. Por mais inteligente que o samurai seja, sua capacidade não estará plenamente desenvolvida quando ainda jovem e ele não será totalmente aceito pelos outros. Quando tiver alcançado a idade de 50 anos, deve concluir gradualmente o seu preparo. Comportar-se de tal modo que as pessoas acreditem que sua entrada na vida pública se faz mais devagar do que deveria ser, é na realidade o verdadeiro caminho para dedicar-se ao serviço. E embora possa prejudicar sua

sorte, o homem dotado da vontade adequada não o fará tentando ganhos ilícitos, e com isso recuperará tudo com o tempo.

Tropeçar e cair sete vezes, voltar a levantar-se oito

Para o samurai, perder o controle de si mesmo quando se torna um ronin, ou enfrentar uma desgraça semelhante, é o cúmulo da tolice. Os seguidores na época do Senhor Katsushige tinham um ditado favorito: "Quem não foi sete vezes um ronin não pode chamar-se um verdadeiro samurai. Tropece e caia sete vezes, volte a levantar-se oito". Aparentemente, Hyogo Naritomi, entre outros, foi sete vezes um ronin. O samurai a serviço do daimyo deve considerar-se como um boneco teimoso que volta à posição de pé todas as vezes que é derrubado. Na verdade, é uma boa idéia para o daimyo dar aos seus dependentes a liberdade de testar sua força espiritual.

Elogiar as fileiras

Num poema sobre Yoshitsune encontra-se a seguinte afirmação: "O general deve falar com freqüência às fileiras". As pessoas que servem numa casa, da mesma forma, estarão prontas a dedicar suas vidas ao serviço do amo voluntariamente, se, não apenas em circunstâncias extraordinárias, mas também de maneira regular, lhes forem feitos comentários pessoais, como "Como tem me servido bem", "Deve tomar muito cuidado com isso", "Você é um verdadeiro veterano". Essas observações são de grande importância.

Se quiser excelir, peça críticas aos outros

Se quiser excelir, a melhor maneira de fazê-lo é pedindo as opiniões dos outros e procurando suas críticas. A maioria das pessoas tenta agir à base de seu próprio julgamento, e em conseqüência nunca fazem progresso significativo.

Certa vez, um homem consultou outro sobre um documento que tinha preparado para o governo. O outro homem era muito mais hábil na composição do que o primeiro, e pôde fazer sugestões valiosas. Quem busca a crítica dos outros já é superior à maioria.

Se perseguir dois coelhos, perderá ambos

É um erro fixar a mente em duas coisas ao mesmo tempo. Devemos dedicar toda a energia ao Caminho do Samurai, sem buscar mais nada. O mesmo princípio se aplica ao caráter para "caminho". Mas quem estudou o confucionismo ou o budismo pode achar que o Caminho do Samurai não é razoável. Só quem estuda os vários "Caminhos" será capaz de compreender o que é realmente razoável.

Escolha cuidadosa das palavras

A primeira coisa que um samurai diz, em qualquer ocasião, é extremamente importante. Ele demonstra, com essa única observação, todo o valor do samurai. Em tempos de paz, é a linguagem que manifesta o valor. Até mesmo em tempos de caos e destruição, uma única palavra pode revelar grande bravura. Poderíamos dizer que essa palavra é uma flor do coração.

Nunca uma palavra de fraqueza

Até mesmo numa conversa casual, o samurai não deve nunca queixar-se. Deve estar constantemente em guarda para não deixar escapar uma palavra de fraqueza. A partir de uma observação ligeira feita inadvertidamente, a nossa verdadeira natureza pode ser deduzida.

O homem de realizações artísticas especiais é inútil

O homem que adquire a reputação de ser hábil numa arte técnica é idiota. Devido à sua tolice em concentrar as energias numa coisa, tornou-se bom nela, recusando-se a pensar em qualquer outra coisa. Essa pessoa não tem nenhuma utilidade.

Ser especialmente humilde depois dos trinta anos

Muitas pessoas dão conselhos, mas os que os recebem com gratidão são poucos. Ainda mais raros são os que seguem tais conselhos. Quem passa dos trinta anos não encontra ninguém que o aconselhe. Quando os conselhos deixam de lhe ser dados,

ele se torna voluntarioso e egoísta. Para o resto de sua vida, ele acrescenta a impropriedade à tolice, até tornar-se irrecuperável. Portanto, é absolutamente necessário encontrar alguém que saiba o que é certo, relacionar-se bem com essa pessoa, e receber a sua instrução.

Fixar os olhos na honra e riqueza

O samurai que não tem interesse pela riqueza ou pela honra habitualmente acaba se transformando num ser humano mesquinho, caluniador dos outros. Esse homem é vaidoso e inútil, e acaba mostrando-se inferior ao homem que tem ambições de riqueza e fama. Ele não tem nenhum uso prático imediato.

Comportar-se sempre com a devida reserva num primeiro encontro

Quando as pessoas vivem juntas em harmonia e acordo, seguindo as leis naturais do Céu e da terra, sua existência é pacífica e segura. O samurai cujo coração não é harmonioso e que não tem um espírito cordial e flexível, não é um servidor fiel, por melhor que seja a sua retórica. Podemos ter dificuldades nas relações com um amigo, mas mostrar desprazer quando o encontramos, ou fazer observações tendenciosas ou sarcásticas, é atitude proveniente da tolice de um espírito estreito. Devemos planejar e tratar esse amigo com consideração, e mesmo que realmente não a tenhamos, e embora possa ser desagradável, devemos cumprimentá-lo de maneira agradável, não importa quantas vezes possamos encontrá-lo.

Mesmo fazendo esses esforços, porém, neste mundo passageiro e imprevisível, bem podemos acabar não sendo apreciados. Isso é inevitável. Não devemos comportar-nos de maneira superficial, calculada para conquistar preferências. Quem assim procede é totalmente desprezado porque nunca pensa noutra coisa senão em seu interesse pessoal. Se colocarmos a outra pessoa à nossa frente, e sem ciúme ou competitividade nos comportarmos de acordo com a etiqueta, se humildemente pensarmos nos interesses da outra pessoa, mesmo com desvantagem pessoal para nós, cada encontro será como o primeiro, e as relações jamais degenerarão. O mesmo se pode dizer da condução de uma cerimônia de casamento. Se nos permitirmos rela-

xar, à medida que nos familiarizamos com o procedimento, certamente acabaremos escorregando no fim.

Se continuarmos a nos associar com um amigo modestamente e com adequação, como se nos estivéssemos encontrando pela primeira vez, embora já o conheçamos bem, certamente nunca brigaremos.

O verdadeiro amor ocorre uma vez na vida

A observação seguinte foi feita por um homem chamado Shikibu: "O samurai tem com freqüência uma experiência homossexual em sua juventude, que se transforma num motivo de vergonha durante toda a sua vida." Isso é perigoso se o samurai não enfrentar a situação com a atitude adequada, mas não há ninguém para orientá-lo nessa questão. Portanto, resolvi expor a conduta adequada.

Mesmo no amor homossexual, "uma esposa fiel nunca volta a casar-se". Devemos ter apenas um verdadeiro amor em toda a nossa vida; de outro modo, não seremos melhores do que um prostituto masculino ou uma mulher desregrada. Essa conduta desgraça um samurai. Saikaku disse bem isso, ao afirmar: "Um jovem sem um amor sério é como uma donzela sem um noivo. As pessoas não podem resistir facilmente a abordá-los, ainda que mais ou menos de brincadeira."

Quando o outro homem é mais velho, é aconselhável passar cerca de cinco anos conhecendo-se, e quando finalmente compreendermos a profundidade da emoção do outro, devemos tomar a iniciativa de pedir um compromisso. Se deve ser uma relação na qual um daria a vida pelo outro, devemos ter perfeita consciência dos sentimentos mais íntimos, nossos e do outro. Se alguém lhe está dedicando suas atenções, você deve rejeitá-lo abruptamente, dizendo: "Sua aproximação é ofensiva para mim". Se perguntar por que, deve responder: "Isso é algo que não posso divulgar enquanto viver". Se ele insistir, você deve mostrar-se irritado e cortá-lo pela raiz, imediatamente. Quando o outro homem é mais jovem, devemos examinar o fundo de nosso coração, tal como no caso anterior. Se jogarmos a nossa própria vida no resultado, dentro de cinco ou seis anos os nossos desejos podem vir a realizar-se.

É claro que não devemos trilhar os dois Caminhos ao mesmo tempo — o amor dos homens e o amor das mulheres. Mesmo quando estivermos apaixonados por um homem, de-

vemos concentrar nossas energias no Caminho do Guerreiro. E o amor homossexual combina muito bem com esse Caminho.

Abandonar sabedoria e julgamento

Até os quarenta anos um samurai não se deve deixar levar pela sabedoria ou julgamento, mas deve depender da sua habilidade e força. Quanto mais forte for, melhor. Depende da pessoa e de sua situação na vida, mas mesmo depois dos quarenta o samurai tem pouco peso sem a força de caráter.

BIBLIOTECA PÚBLICA 604 FUNDADA EM 1867 FORTALEZA ESTADO DO CEARÁ

Hagakure: Livro Dois

O orgulho pode ser comparado à lâmina da espada do samurai. . . . . Se a espada jamais for sacada, enferrujará, a lâmina se embotará, e as pessoas o desprezarão. (Livro Dois)

É melhor conhecer as dificuldades quando jovem

Quando perguntei o que um samurai a serviço do daimyo não deve fazer nunca, recebi a seguinte resposta: o samurai não deve nunca beber demais, ter excesso de confiança, ou praticar o luxo. Em épocas de infortúnio essas fraquezas não têm qualquer conseqüência. Mas tão logo a situação começa a melhorar e a vida a tornar-se mais fácil, essas três faltas podem ser fatais. Vejam-se as carreiras das pessoas que conhecemos. Logo que começam a ter êxito, ficam extraordinariamente satisfeitas consigo mesmas, tornam-se arrogantes e praticam um luxo indesculpável, da maneira menos adequada. Portanto, qualquer pessoa que nunca tenha sofrido não estabeleceu plenamente o seu caráter. É melhor conhecer as dificuldades quando jovem. O samurai que se cansa ou desanima em momentos de infortúnio, não tem utilidade.

O grande amor é o amor secreto

Eu conversava outro dia com um grupo de pessoas e lhes disse que o grande amor deve ser, na minha opinião, secreto.

Uma vez compartilhado, o amor perde estatura. Consumir-se de amor a vida inteira, morrer de amor sem murmurar o nome amado, esse o verdadeiro significado do amor. Um poema diz:

> Morrerei por meu amor
> Sabei da verdade apenas no fumo que restar
> O nome amado mantido em segredo até o fim.

O amor descrito por esse poema é o mais elegante. Certa vez, ao fazer essa observação, quatro ou cinco pessoas presentes, impressionadas com o poema, tomaram o verso "sabei da verdade apenas no fumo que restar" e criaram a frase "amantes no fumo".

Adivinhar primeiro o temperamento da pessoa com quem conversa

Quando conversamos com alguém, devemos adivinhar rapidamente o seu temperamento e condicionar nossa atitude para com ele segundo a situação. Por exemplo, ao conversar com uma pessoa pretensiosa e argumentadora, devemos falar o mais humildemente possível, para não ofendê-la, ao mesmo tempo em que desmontamos sua argumentação à base da própria lógica por ela adotada, e fazer isso de tal modo que ela não fique ressentida nem descontente. Esse o papel da intuição e a importância da retórica...

Os bonzinhos fracassam

Os bonzinhos terminam em último lugar. Os seres humanos devem transbordar de vitalidade.

Treinamento dos nossos superiores

Com um senhor de temperamento razoável, bem disposto, devemos fazer tudo para louvá-lo e encorajá-lo e preparar o terreno para ele, de modo que possa avançar sem fracasso em tudo o que fizer. Isso para desenvolver nele a força da vontade. Se o senhor for irritadiço e nervoso, treiná-lo para ceder ante a nossa sabedoria, fazê-lo pensar constantemente consigo mesmo, "Se ele ouvisse isso, aprovaria?" Promover esse treinamento rigoroso é um ato de grande lealdade. Quando não há

seguidores assim nas vizinhanças imediatas, parecerá ao senhor que toda a casa o lisonjeia e louva, e ele se tornará arrogante. Por melhores que sejam os planos de governo e administração do daimyo, tudo pode ser arruinado pelo orgulho excessivo. Mesmo assim, poucos compreendem isso. Pessoas como Kyuma Sagara (que serviu sob Mitsushige) e Kichiemon Harada (que serviu sob Katsushige, Mitsushige e Yoshishige) dedicam grande atenção a esse problema, e os jovens senhores a que serviram sempre sentiram fortemente as presenças deles. Diz-se que Yoshishige procurava Kichiemon Harada mesmo depois de estar este enfermo, e de seu afastamento. É um fato auspicioso. É pelo fato de acreditarmos na dificuldade de desempenhar um papel que ele, na realidade, se torna impossível. Sei por experiência pessoal que se realizarmos um esforço intenso e constante durante dez anos, podemos tornar-nos um servidor destacado. Como é uma questão de tornar-se um bem insubstituível para o domínio, quem não tenta isso, é de coração débil e espírito fraco, realmente.

O melhor modelo é Nobutaka Itagaki (seguidor de Shingen Takeda). Ele é uma pessoa do *ilk* de Takamoto Akimoto (estadista mais velho do *bakufu*). É claro, se o servidor está em desgraça com o senhor, perderá a oportunidade de demonstrar plenamente a sua fidelidade. Esse problema é importante, e poucas pessoas têm consciência dele. O que devemos fazer é treinar o nosso senhor de modo que pouco a pouco ele adquira sabedoria.

Uma resolução após outra acabam somando toda uma vida

Em última análise, a única coisa que importa é a resolução do momento. Um samurai toma uma resolução após outra, até que elas acabam somando toda a sua vida. Quando compreende isso, não precisa sentir-se mais impaciente, não precisa buscar mais nada além do momento. Ele simplesmente vive sua vida concentrando-se na sua resolução. As pessoas, porém, tendem a esquecer-se disso, e a imaginar que alguma outra coisa importante existe. Poucos compreendem a verdade. Aprender a seguir a nossa resolução sem erro não é algo que se consiga senão depois de muitos anos. Mas depois de alcançar a fase do esclarecimento, mesmo que não raciocinemos conscientemente sobre isso, a nossa resolução jamais se modificará. Se aperfeiçoarmos uma única resolução, dificilmente nos sentiremos confusos. A fidelidade às nossas crenças é isso.

A nostalgia do passado pode ser contraproducente

O clima de uma época é inalterável. O fato de estarem as condições agravando-se constantemente é prova de que entramos na última fase da Lei. Mas a estação não pode ser sempre primavera ou verão, nem podemos ter sempre a luz diurna. Portanto, é inútil tentar fazer do presente os bons velhos tempos de há cem anos. O importante é tornar cada era tão boa quanto possível, de acordo com a sua natureza. O erro dos que estão sempre nostálgicos dos velhos costumes está na sua incapacidade de compreender isso. Por outro lado, as pessoas que só dão valor ao que é moderno e detestam qualquer coisa antiga, são superficiais.

Qualquer treinamento exige tanto confiança como autoreflexão

Os jovens devem ser treinados na bravura militar, de modo a desenvolver a confiança de que são os melhores e mais corajosos guerreiros de todo o Japão. Por outro lado, o jovem samurai deve avaliar sua disciplina diariamente, e deve eliminar sem demora quaisquer deficiências que encontre. A menos que a questão da bravura do samurai seja dividida dessa maneira, jamais se chegará a qualquer lugar.

Não perder nunca uma oportunidade

Kenshin Uesugi teria observado certa vez: "Não conheço nenhum truque que assegure a vitória. A única sabedoria que tenho é que devemos aproveitar todas as oportunidades, não deixando nunca que uma nos escape". É uma observação interessante.

Abstinência na enfermidade

É imprudente começar a cuidar-se apenas *depois* de ter adoecido. E é extremamente difícil curar uma enfermidade depois de ter sucumbido a ela. À luz da lei budista da causa e efeito, é perfeitamente natural que não nos cuidemos devidamente, se adoecermos, embora pareça que nem mesmo os médicos reconhecem a necessidade de erradicar a doença antes

que ela se manifeste. Sei disso com certeza por experiência direta. O melhor método de prevenir a doença é controlar nosso apetite de comida, bebida e sexo, e queimar *moxa* todos os momentos possíveis. Como nasci quando meus pais já tinham idade avançada, acreditava-se que eu tinha pouca água no organismo. Quando do meu nascimento, os prognósticos do médico foram de que eu não chegaria aos vinte anos; por isso, pensando que morrer antes de ter desfrutado um pouco da vida e cumprido meus deveres de samurai seria uma pena, resolvi surpreender a todos e viver muito. Depois de abster-me das relações sexuais durante sete anos, deixei de ser inclinado a enfermidades e, assim, vivi até hoje. Durante todo esse tempo, jamais tomei um remédio. E sempre que fui vítima de uma enfermidade leve, combati essa doença com a simples força de vontade. As pessoas, hoje, atribuem a culpa de tudo a uma fraqueza congênita, e morrem jovens devido a excessos sexuais. Que tolice. Há uma coisa que eu gostaria de deixar bem claro aos médicos, e isso é simplesmente que se seus pacientes hoje em dia fossem submetidos a uma abstinência de meio ano, um ano, ou dois anos no máximo, suas doenças se curariam sozinhas. A geração moderna é fraca de corpo e de vontade. Como podem objetar que se lhes chamem de frouxos e desordenados, se não podem controlar seus apetites?

A resolução suprema de morrer como um fanático

O samurai deve orgulhar-se muito de sua bravura militar; ele deve ter a suprema resolução de morrer como um fanático. Deve fazer tudo para disciplinar-se de modo que seus pensamentos, palavras e atos cotidianos sejam todos puros e limpos. Quanto à maneira adequada de servir ao daimyo, devemos consultar alguém que seja digno de fé, e em questões especialmente importantes, a alguém que não esteja diretamente envolvido. Durante toda a nossa carreira, pensamentos apenas em como ser útil aos outros, sendo uma boa idéia não saber o que não é de nossa conta.

Quando a maré sobe, o barco também sobe

Há um ditado segundo o qual "quando a maré sobe, o barco também sobe". Em outras palavras, frente às dificulda-

des, a capacidade humana aumenta. É certo, em relação às pessoas de virtude e capacidade, que quanto maiores as dificuldades que têm de superar, com mais empenho cultivam seus talentos especiais. Aborrecer-se com as dificuldades é, na verdade, um grande erro.

Que existência inútil

Refleti sobre isso ao longo do caminho, e ocorreu-me que os seres humanos são marionetes criadas de maneira muito inteligente. Embora não estejam pendurados em cordéis, possam andar, pular, e até mesmo falar — como são bem feitos. Mesmo assim, antes do próximo Festival Bon, podem morrer e voltar para visitar-nos como espíritos. Que existência inútil! As pessoas parecem sempre esquecer isso.

Concentrar no momento

Isso foi dito pelo mestre Jocho ao seu genro Gonnojo: "Agora é o momento, e o momento é agora". Tendemos a pensar na existência cotidiana como diferente da hora de crise, e assim, quando chega o momento de agir, não estamos prontos; convocados à presença do daimyo ou enviados em missão, somos capazes de ficar sem palavras. Isso mostra que em nossas mentes separamos "o momento" e "agora". Compreender o que significa "o momento é agora" é praticar nossas palavras num canto de nosso quarto, preparando-nos para tal ocasião. Mesmo que nunca sejamos chamados à presença do daimyo em toda a nossa vida, afinal de contas um samurai deve estar preparado para falar articuladamente ante o daimyo ou seus estadistas mais velhos, em público, ou com o próprio shogun.

Essa é a maneira de abordar tudo o que se faz. É certa tanto na prática das artes militares como no desempenho dos deveres civis.

Não estimular a fraqueza em tempos de aflição

Se alguém que sofreu um infortúnio recebe um consolo pouco convincente como "Lamento saber disso", sua confusão e aflição só aumentarão, chegando a proporções pouco razoá-

veis. A maneira de enfrentar tal situação é agir como se nada tivesse acontecido, tentar afastar o pensamento da pessoa afetada dos seus problemas, observando-se que as coisas na verdade tiveram certos aspectos positivos. Nesse processo, a pessoa em questão acabará por compreender. Neste mundo incerto, não há necessidade de se sentir profundamente todos os infortúnios.

A aparência do homem

Devemos estar sempre equipados com ruge e pó de arroz. Pode acontecer que, ao despertar de ressaca, a nossa cor seja má. Nessas ocasiões, devemos aplicar o ruge.

A maneira certa de solucionar uma questão

Sempre que tiver de haver uma conferência, deve-se primeiro falar com cada pessoa interessada, e em seguida reunir aqueles cuja opinião precisamos ouvir para tomar uma decisão. Sem isso, haverá inevitavelmente pessoas que ficarão ressentidas com a decisão. E também quando houver uma conferência importante, devemos pedir secretamente a opinião de pessoas que não estejam envolvidas diretamente. Como essas pessoas não têm interesses em jogo, com freqüência compreendem a solução adequada. Se consultarmos os interessados na questão, eles nos poderão aconselhar num sentido que lhes seja vantajoso. Tal conselho não será muito útil.

Desafiar os deuses, se nos bloqueiam o caminho

Se os deuses são daqueles que ignoram minhas orações simplesmente porque fui contaminado pelo sangue, estou convencido de que nada posso fazer, de modo que continuo com meu culto, a despeito da poluição. Embora digam que os deuses são avessos à contaminação, tenho minha opinião sobre o assunto. Nunca negligencio o culto diário. Mesmo quando fico salpicado de sangue no campo de batalha, ou tropeço em cadáveres ao lutar, acredito na eficiência das orações aos deuses pedindo sucesso militar e longa vida.

A vida humana dura apenas um instante

A vida humana dura apenas um instante. Devemos passá-la fazendo o que nos agrada. Neste mundo passageiro como um sonho, viver na infelicidade fazendo apenas aquilo que nos desagrada, é tolice. Como isso pode ser prejudicial se mal interpretado, é um segredo que resolvi não transmitir aos jovens. Gosto de dormir. Em resposta às condições do mundo atual, acho que ficarei em casa e dormirei.

Conhecer nossa capacidade e nossas limitações

Com freqüência, um homem de percepção tem perfeita consciência de sua importância, e fica cada vez mais arrogante. Mas é realmente difícil conhecer nossa própria força e nossa fraqueza. Essa declaração foi feita pelo mestre do Zen, Kaion.

Dignidade

Podemos medir a estatura da dignidade de uma pessoa à base de uma impressão externa. Há dignidade na assiduidade e no esforço. Há dignidade na serenidade. Há dignidade no silêncio. Há dignidade na observação da etiqueta adequada. Há dignidade num bom comportamento. Há uma grande dignidade também nos dentes cerrados e nos olhos lampejantes. Todas essas qualidades são visíveis externamente. O mais importante é nos concentrarmos nelas a todo momento e sermos totalmente sinceros ao demonstrá-las.

Nunca zombar de um neófito

O que se segue foi dito por Kazuma Nakano: "É de mau gosto usar utensílios velhos para a cerimônia do chá; os utensílios novos são melhores". É o que podem dizer certas pessoas. Por outro lado, há quem acredite que se usam os utensílios velhos por serem artefatos originais. Ambas as atitudes estão erradas. Os velhos utensílios eram usados por pessoas de condição humilde, é certo, mas sua antiguidade lhes dá uma qualidade, de modo que eles acabaram nas mãos de personagens ilustres. É porque seus donos valorizam sua qualidade. O mes-

mo se pode dizer do samurai em serviço: aquele que conquista um nome por si mesmo e atinge altos postos, embora de origem humilde, certamente é dotado de qualidade e virtudes. E não obstante, as pessoas podem achar desagradável trabalhar com um homem de linhagem suspeita, ou recusar-se a considerar como superior alguém que até então foi simples soldado. Basicamente, o homem que veio de baixo foi capaz disso por ter talento e mérito superiores aos que começaram ocupando posições de destaque — e portanto, devemos ter-lhe ainda mais respeito.

É aconselhável mostrar-se distante dos superiores

Devemos aparentar distância do senhor de um *han,* dos estadistas mais velhos, e dos principais conselheiros, a fim de conseguir qualquer coisa importante. Se acompanharmos constantemente os nossos superiores e ficarmos atentos a todas as suas palavras, será difícil fazer as coisas. Devemos lembrar disso.

O silêncio é de ouro

É um erro falar mal dos outros. É também inconveniente elogiar. O samurai deve conhecer sua própria estatura, praticar sua disciplina com empenho, e falar o menos possível.

Manter a calma

O homem dotado de virtude tem no íntimo uma espécie de calma ou segurança, de modo a não dar nunca a impressão de estar agitado. São os homens menores, que não têm paz em seu caráter, que competem pela fama e andam a derrubar-se mutuamente.

Se devemos falhar, que seja de maneira esplêndida

Num debate ou disputa, por vezes ao perder rapidamente, perdemos de maneira esplêndida. O mesmo fenômeno pode ser observado na luta *sumo.* Se, numa disposição absoluta de ga-

nhar, recorremos à fraude, somos piores do que perdedores. Somos, ao mesmo tempo, indignos e perdedores.

Dedicação total à tarefa

De acordo com meu genro Gonnojo, os jovens de hoje se estão tornando efeminados. Esta é uma época na qual as pessoas de disposição agradável, alegres pessoas, que não provocam maus sentimentos, são consideradas virtuosas, de modo que tudo se tornou passivo e uma disposição forte já não é valorizada. Se o samurai pensa apenas na sua preservação, seu espírito se encolherá. Vejamos, por exemplo, o nosso próprio caso. Provavelmente consideramos indesculpável permitir que outra família nos adote, negando com isso não aquilo que ganhamos pelos nossos próprios méritos, mas o que nossos pais obtiveram com duro esforço. Essa é a atitude convencional. Discordo. Quando eu estava no serviço, nunca me preocupei com a questão do mérito. Como nosso estipêndio pertence não a nós mesmos, mas ao nosso senhor, não há razão para atribuir-lhe grande valor, ou relutar em perdê-lo. Tornar-se ronin, ou praticar o suicídio ritual, é de fato o destino final do samurai em serviço. É, porém, uma vergonha destruir a honra da família por motivos insignificantes. Por exemplo, não devemos negligenciar nosso dever, nem sermos levados por desejos egoístas, nem provocar sofrimento nos outros. Falhar por qualquer outra razão é mais desejável. Quando compreendermos isso perfeitamente, seremos capazes de usar plenamente a nossa capacidade e funcionar com grande energia e vigor.

Nunca fazer visitas sem ser convidado

Sempre que fizermos uma visita, é aconselhável falar antes com a outra pessoa. Nunca sabemos que problemas pode haver com ela, e se chegarmos num momento inconveniente, a visita estará estragada. É claro que se chegarmos quando estão presentes outras pessoas, não poderemos falar livremente. Em particular, muitos deslizes de fala e erros de julgamento podem ocorrer em reuniões destinadas a consolar um homem em sua infelicidade ou sofrimento.

Por outro lado, qualquer que seja o problema ou confusão em nossa casa, não devemos recusar-nos nunca a receber alguém que nos visita.

A lâmina que permanece na bainha, enferruja

Alguém disse, certa vez, "Há duas espécies de orgulho, o interior e o exterior. O samurai que não tem tanto o orgulho interior como o exterior não é útil." O orgulho pode ser comparado à lâmina de uma espada, que deve ser afiada e em seguida recolocada na bainha. De tempos em tempos, ela é retirada e levada ao nível dos olhos, limpa, e em seguida recolocada na bainha. Se a espada do samurai for saçada com freqüência e ele brandir constantemente a lâmina nua, as pessoas o considerarão inabordável, e ele não terá amigos. Se, por outro lado, a espada jamais for sacada, enferrujará, a lâmina se embotará e as pessoas zombarão dele.

Aceitar as coisas como são

Todos falham ocasionalmente em alguma coisa de importante por terem sido impacientes. Se acharmos que ainda há muito tempo, os nossos desejos poderão ser satisfeitos mais depressa. Digamos simplesmente que nossa hora chegará. Pensemos, por um instante, como serão as coisas dentro de quinze anos. Tudo estará modificado, provavelmente. Fizeram-se todos os tipos de previsões para o futuro, mas elas não prevêem nada notavelmente diferente da atualidade. Das pessoas de valor que hoje prestam serviço, dentro de dez anos provavelmente nenhuma sobreviverá. E talvez apenas metade dos jovens de hoje ainda estarão vivos. O mundo piora gradualmente: ficamos sem ouro, a prata se torna um tesouro, quando a prata desaparece, o cobre se torna o tesouro. Com o passar do tempo, a capacidade humana descresce, e se realmente nos concentrarmos e fizermos um esforço, dentro de quinze anos seremos um samurai de valor. E ainda assim, como quinze anos passam com a rapidez de um sonho, se cuidarmos de nossa saúde, acabaremos realizando nosso maior desejo e servindo bem ao nosso daimyo. Numa era de grandes homens, é difícil fazer um nome. Quando o mundo em geral está decadente, é relativamente fácil excelir.

Não rejeitar como loquacidade da velhice a sabedoria dos anos

Devemos ouvir com gratidão e reverência as palavras de um homem com muitos anos de experiência, mesmo que esteja

dizendo alguma coisa que já sabemos. Por vezes ocorre que, depois de ouvir a mesma coisa dez ou vinte vezes, de súbito sentimos um entendimento profundo, intuitivo. Essa revelação encerra um significado maior do que o habitual.

Tem a tendência de olhar com superioridade as pessoas velhas, e não levar a sério a sua conversa, mas devemos compreender que, afinal de contas, eles têm a vantagem da grande experiência.

Nunca falhar a meias

Até mesmo o fracasso não tem utilidade, a menos que falhemos total e completamente, e conheçamos a maior dificuldade possível. O homem que é confiável, mas inflexível, também não é de grande utilidade.

Os sacerdotes Saigyo e Kenko eram covardes

Como eu disse em minhas *Reflexões tolas* (manual de comportamento para os samurais, escrito para seu genro Gonnojo), o ponto alto do dever do samurai é expressar suas opiniões como um estadista mais velho, como conselheiro do daimyo. Se simplesmente compreendermos isso, não importará o que fizermos ou pensarmos, mas a questão é que ninguém o compreende. São poucos, realmente, aqueles cujo entendimento chegou a esse ponto. Alguns, ansiando pelo progresso pessoal, bajulam e lisonjeiam para melhorar sua posição, mas tais pessoas têm ambições menores do que ser um estadista mais velho. Alguns, um pouco mais inteligentes do que estes, não consideram grande coisa tornar-se um bom samurai e em lugar disso, passam todo o tempo desfrutando os *Ensaios da ociosidade,* ou a poesia de Saigyo. Em minha opinião, porém, Kenko e Saigyo são simplesmente covardes ineficientes, nada mais. Foi por serem incapazes de cumprir com seus deveres de samurai que eles se deram ares de sacerdotes-eruditos retirados do mundo secular. Hoje, também, suponho que seja considerado certo aos sacerdotes e velhos ler aquele tipo de literatura, mas aquele que é um samurai em meio de sua luta pelo progresso no mundo deve servir ao seu senhor fielmente e bem, embora mergulhe no próprio Inferno.

A verdadeira vitória significa a derrota de nossos aliados. Vencer os aliados significa obter vitória sobre nós mesmos — vencer o corpo pelo espírito.

Nunca deixar-se empolgar

Ouvi dizer que o Senhor Naoshige certa vez afirmou: "Num momento todos podem ser cordiais e alegres, podemos divertir-nos imensamente, mas depois há sempre coisas que lamentamos ter dito ou feito."

Por vezes é prudente fechar os olhos aos erros dos auxiliares

Certa vez, quando o Senhor Katsushige estava caçando num lugar chamado Shiroishi, matou um enorme javali. Todos se reuniram à volta comentando como era excepcionalmente grande o animal abatido, quando de súbito o javali levantou-se e correu. As pessoas que se haviam aproximado para olhar ficaram espantadas e começaram a entrar em pânico e a fugir. Nesse momento, Matabei Nabeshima correu atrás do javali como um relâmpago e o pegou, mas o Senhor Katsushige cobriu o rosto com a manga, dizendo, "O ar está cheio de poeira". Ele evidentemente fez isso para não ver a confusão que se havia apoderado de todos.

Quatro tipos de "assalariados"

Um homem chamado Hyogo Naritomi fez certa vez a seguinte observação: "A verdadeira vitória significa a derrota de nossos aliados. Vencer os aliados significa conseguir a vitória sobre nós mesmos — vencer o corpo pelo espírito". O samurai deve cultivar diariamente o corpo e o espírito, de modo que entre dezenas de milhares de aliados ninguém o possa atingir. Sem isso, ele certamente não será capaz de derrotar o inimigo.

Levar muito a sério as tarefas manuais

Oribe Ikuno [estadista mais velho à época de Mitsushige] fez a seguinte afirmação: "Certa vez, quando mestre Jocho era jovem, estava tomando uma bebida ao final da noite no castelo, quando Shogen Nakano, parente seu, perguntou: 'Diga-me, com

suas próprias palavras, como entende o serviço do samurai.' E Jocho respondeu: 'Como somos amigos íntimos, vou dizer-lhe francamente o que penso. Sou totalmente ignorante, mas parece-me que quando se tem um trabalho interessante e empolgante, qualquer pessoa pode desempenhar um serviço válido; mas quando tem uma tarefa pouco interessante ou exigente, torna-se deprimida. Isso não pode acontecer — é um desperdício. Mais do que qualquer outra coisa, o sentido do dever do samurai significa que mesmo se lhe mandarem carregar água e cozinhar arroz para um igual, com melhor tarefa, ele não levará isso a mal, e sim desempenhará tal trabalho manual com grande energia e dedicação. Você ainda é jovem e precoce, e espero que preste bem atenção ao que estou dizendo.' "

Inteligência aguçada pode levar à arrogância

O que dizemos a seguir relaciona-se com a promoção de Ichiemon Kuno. Como Ichiemon se havia mostrado excepcionalmente bom como samurai, Katsushige, Mondo (Shigezato Nabeshima) e Ichiemon não se davam bem, ele hesitava em tomar essa medida. Mas sabendo que Katsushige iria visitar Ichiemon, Mondo lhe disse: "Ichiemon é um seguidor digno. Por que não aproveita a oportunidade para promovê-lo?" Katsushige ficou satisfeito e convocou imediatamente Ichiemon, promovendo-o oficialmente e dizendo: "Estou aliviado porque Mondo parece ter mudado de opinião a seu respeito. Acho que devia ir agradecer-lhe." Muito satisfeito, Ichiemon dirigiu-se à mansão de Mondo, onde agradeceu a intervenção em seu favor, e expressou com reverência a sua gratidão sincera, por ter também dado trezentos cobertores a Katsushige por ocasião de sua visita a Ichiemon. Quando o servo que o recebeu transmitiu essas palavras a Mondo, este veio recebê-lo e disse: "Recomendei a sua promoção porque é um seguidor diligente e fiel. E como o daimyo ia fazer uma viagem, emprestei-lhe os cobertores. Mas tais questões são totalmente diferentes. Não me lembro de ter solucionado nossas divergências. Por favor, deixe imediatamente esta casa e não volte a escurecer novamente a minha porta. Os cobertores devem ser devolvidos." E imediatamente mandou alguém buscá-los. Mais tarde quando Mondo estava em seu leito de morte, mandou chamar Ichiemon e lhe disse: "Para dizer a verdade, você é uma pessoa muito inteligente, mas tem demasiada confiança em si mesmo, e pareceu-me que era arrogante. É por isso que toda minha vida briguei

com você e tentei opor-me a você. Quando eu morrer, não haverá ninguém para persegui-lo; portanto, por favor, procure ser um pouco mais humilde". Dizem que Ichiemon comoveu-se até as lágrimas.

Como evitar o nervosismo

Quando em missão importante, antes de partir devemos colocar saliva nos lóbulos das orelhas, respirar profundamente e derrubar e quebrar alguma coisa. É um método secreto. E também quando o sangue afluir-nos à cabeça, se colocarmos saliva nos lóbulos das orelhas, teremos uma melhora imediata.

Como argumentar num debate

Ao argumentar num tribunal, é aconselhável dizer: "Quando tiver examinado detalhadamente o problema, eu darei minha resposta formal." Mesmo depois de ter dado uma resposta apressada, é melhor acrescentar: "Vou refletir melhor sobre isto", deixando assim margem para um recuo, em caso de erro. Devemos então consultar livremente várias pessoas, sem consideração pela sabedoria ou condição. Um homem sábio sempre nos proporciona uma sabedoria imprevista, e se discutirmos o caso com pessoas não educadas, também a questão se tornará de conhecimento público, o que acabará ajudando a nossa causa. E também se falarmos sobre o assunto com nossos servos, explicando: "Os adversários estão dizendo isto e aquilo, e estou pensando em usar tais argumentos", aproveitando todas as oportunidades para ensaiar a nossa história, quando o momento real chegar, seremos capazes de argumentar com habilidade e sem tropeços, parecendo perfeitamente razoáveis. Mas se argumentarmos com frieza, à base de nossas próprias opiniões, será extremamente fácil perder, mesmo que tenhamos razão. De qualquer modo, é desejável consultar outros em todas as questões. Quando não houver ninguém de sabedoria ou educação, nossa esposa e filhos servirão — eles têm a sua forma própria de sabedoria, afinal de contas. Josui Mura diz também que nessa situação precisamos da sabedoria da idade. Quando há argumentos a serem desenvolvidos, é boa idéia apresentá-los imediatamente. Mais tarde, eles poderão parecer falhos, ou como se fossem um pedido de desculpas. Devemos também, a intervalos, repetir nossos argumentos, como uma galinha cis-

cando o chão. Ao fazer os oponentes compreenderem os nossos argumentos, estaremos prestando um serviço a eles, ensinando-lhes várias coisas, e nossa vitória será ainda mais esplêndida. É esse o método razoável de argumentar.

É desvantajoso aparentar capacidade

Por mais que possa realizar um feito esplêndido, o samurai que parece sábio e capaz à primeira vista será aceito sem discussão. Quando seu desempenho for igual aos seus contemporâneos, ele será considerado deficiente. Por outro lado, quando uma pessoa que parece relaxada e despreocupada faz alguma coisa apenas levemente fora do comum, será muito elogiada.

O silêncio é melhor

A melhor conduta com relação à fala é permanecer calado. Pelo menos se acharmos que podemos ficar calados, não falemos. O que temos a dizer deve ser dito da maneira mais sucinta, lógica e clara. Um número surpreendente de pessoas passam por tolas falando sem pensar, e são desprezadas.

Começar o dia morrendo

A fidelidade absoluta à morte deve ser elaborada a cada dia. Devemos começar cada dia com uma meditação silenciosa, imaginando a nossa hora final e as várias maneiras de morrer — pelo arco e flecha, mosquete, lança, rasgado por uma espada, engolido pelo mar, pulando numa fogueira, sendo atingido por um raio, esmagado num terremoto, caindo de um rochedo, a morte de enfermidade, a morte súbita — e começar o dia morrendo. Como disse um homem idoso: "Quando deixamos os nossos beirais, entramos no reino dos mortos; deixando nosso portão, enfrentamos o inimigo." Isso é defender não a prudência, mas a resolução de morrer.

Um requisito preliminar para o verdadeiro êxito

Quando ascendemos rapidamente no mundo e nosso salário é alto, muitas pessoas se tornam nossas inimigas, e o êxito pre-

coce perde significado, a longo prazo. Quando, por outro lado, fazemos lentamente um nome, muitas pessoas ficam a nosso lado e podemos esperar fortuna ainda maior no futuro. Em última análise, pouco importa se o sucesso ocorre cedo ou tarde; ninguém precisa preocupar-se enquanto o método for aceitável a todos. A boa fortuna alcançada com o encorajamento de todos é, na verdade, a autêntica boa fortuna.

Num empreendimento grande, as falhas menores podem ser ignoradas

Ao empreender um grande feito, não nos devemos preocupar com falhas menores. Se o samurai é absolutamente fiel em sua dedicação ao senhor, se é bravo e generoso no todo, não será problema sério se for egoísta ou maldoso, uma vez. Na verdade, é bastante feio quando tudo está em perfeita ordem — porque podemos perder de vista o essencial. O homem de grandes realizações deve ter suas falhas. Que importância tem um pequeno erro da parte de um homem de grande honra e integridade?

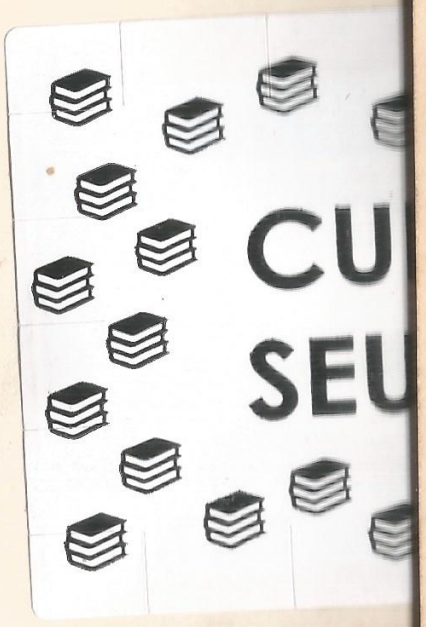
Não é difícil governar um país e o mundo em paz e prosperidade

Podemos pensar que o governo justo do país e do mundo é uma tarefa extremamente difícil, para a qual a maioria das pessoas está despreparada. Mas na verdade, os mais velhos, em posições críticas de autoridade no governo central, e os conselheiros e estadistas mais velhos em nosso domínio, realizam tarefas que não exigem habilidade ou conhecimentos especiais fora daquilo de que lhes venho falando em minha cabana. De fato, podemos governar o país brilhantemente, de acordo com os princípios que lhes ensinei.

Em última análise, há alguma coisa nessas pessoas que me deixa vagamente preocupado. Isso porque, ignorando as tradições de nosso domínio, sendo incapazes de distinguir o certo do errado, elas dependem da sabedoria e da capacidade com que nasceram. Elas se têm mostrado excessivamente confiantes e egoístas, porque todos temem sua autoridade, bajulam-nas, prostrando-se aos seus pés e dizendo: "Sim senhor, não senhor, absolutamente, senhor, concordo com o senhor."

245.133
R 145

Este livro foi composto pela Linolivro S/C.,
Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — Rio — RJ
e impresso na Editora Vozes Ltda.,
Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis — RJ,
em julho de 1987,
para a Editora Rocco Ltda.



OUTROS LANÇAMENTOS DA EDITORA ROCCO

- A MORTE VOLUNTÁRIA NO JAPÃO
  Maurice Pinguet
- SEXO E DESTINO
  Germaine Greer
- MORTE EM PLENO VERÃO
  Yukio Mishima
- O MARINHEIRO QUE PERDEU AS GRAÇAS DO MAR
  Yukio Mishima
- AMÉRICA
  Jean Baudrillard
- ESQUECER FOUCAULT
  Jean Baudrillard
- ENAMORAMENTO E AMOR
  Francesco Alberoni
- EXPLORAÇÕES
  Roberto DaMatta
- O QUE FAZ O BRASIL, BRASIL?
  Roberto DaMatta
- A CONQUISTA DO PRESENTE
  Michel Maffesoli
- DESOBEDECENDO
  Henry Thoreau
- NIETZSCHE E A VERDADE
  Roberto Machado

O HAGAKURE

A partir de uma verdadeira súmula de regras e conceitos clássicos deixados por um samurai *doublé* de sábio, que viveu no Japão nos séculos XVII-XVIII, o *Hagakure* de Yukio Mishima reinterpreta num livro recordista de vendagem em muitos países do mundo ocidental elementos básicos de uma vida digna. Crítica contundente ao materialismo exacerbado do século XX, nele o autor revê a ética e o comportamento dos famosos guerreiros japoneses repassando seus conceitos sobre morte, ação, subjetividade, caráter, paixão e amor.

011353
L0000011353

Rocco